



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Manuela Vieira Blanc

**O desafio de vir a ser:
jovens universitários, moradias coletivas e identidades**

Rio de Janeiro

2009

Manuela Vieira Blanc

O desafio de vir a ser: jovens universitários, moradias coletivas e identidades



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Profa. Dra. Claudia Barcellos Rezende

Rio de Janeiro

2009

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/ CCS/A

B638 Blanc, Manuela Vieira
O desafio de vir a ser: jovens universitários, moradias coletivas e identidades/ Manuela Vieira Blanc. - 2007.
140 f.

Orientadora: Cláudia Barcellos Rezende.
Dissertação (mestrado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
Bibliografia.

1. Universidade Estadual do Norte Fluminense - Alojamento para estudantes - Teses. 2. Estudantes universitários - Atitudes - Teses. 3. Individualidade - Teses I. Rezende, Cláudia Barcellos. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDU 301

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação.

Assinatura

Data

Manuela Vieira Blanc

O desafio de vir a ser: jovens universitários, moradias coletivas e identidades

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 12 de fevereiro de 2009.

Banca Examinadora:

Dra. Claudia Barcellos Rezende (Orientadora)
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UERJ

Dra. Clarice Ehlers Peixoto
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UERJ

Dra. Elaine Reis Brandão
Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da UFRJ

Rio de Janeiro

2009

DEDICATÓRIA

A Cláudia Marcia Vieira Blanc, que me deu a vida, em todos os sentidos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela força necessária para lutar pelos meus objetivos e vencer as adversidades.

Aos meus pais, Claudia e Sergio Blanc, apoio incondicional e motivação diária.

A Cleber e Maria Luiza dos Santos, meus avós, por terem me acolhido em sua casa durante todo o curso de pós-graduação e à Lúcia, que me aconchegou em seu coração.

Aos amigos do PPCIS: Carlos Luz, com quem compartilhei muitas das minhas inquietações, ideais e alegrias; Tarcila Formiga, companheira e agradável companhia; assim como Carolina Alves, Liliane Motta, Leonardo Luiz e todos os outros colegas de turma que tanto admiro.

À Ivette e Cesar Schettini, família pela qual tive o prazer de ser escolhida, além de Aricléia Schettini e Laise Cardoso.

Aos amigos que entenderam as ausências, e foram muitas, assim como estiveram de braços abertos a cada reencontro, especialmente a Felipe Bucker, minha paz, tranquilidade e alegria, capaz de tornar pleno e suave cada instante.

Às professoras Clarice Peixoto e Elaine Brandão, membros da minha banca de dissertação, pelas sugestões feitas ainda na qualificação e que foram fundamentais para o amadurecimento do projeto. Assim como à professora Patrícia Birman e aos colegas da disciplina Seminário de dissertação, sobretudo Geraldo Garcez e Anderson Moraes, pelas críticas, idéias e, acima de tudo, generosidade.

Meus sinceros agradecimentos a todos os amigos “de Campos”, novos e antigos. Àqueles que, sobretudo por me amar, se dispuseram generosamente a ser os meus nativos, que me receberam em suas casas, na sua vida, e que de certa forma me fizeram parte de seu mundo.

Finalmente, devo minha profunda gratidão a Claudia Barcellos Rezende, principal responsável pelo desenvolvimento deste trabalho, com quem aprendi e cresci intelectualmente nos dois últimos anos.

Pois não seria por minha culpa que os homens não são sempre homens?

Lévi-Strauss

RESUMO

BLANC, Manuela. *O desafio de vir a ser: jovens universitários, moradias coletivas e identidades*, 2009. 140 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

Esta dissertação de mestrado objetiva compreender o processo de construção das identidades de jovens da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro integrantes de moradias coletivas. A partir da análise do contexto no qual está inserido um específico conjunto de jovens, procuro apreender o estabelecimento de relações objetivas e subjetivas com diferentes atores tomados como significativos para o estabelecimento de suas representações de si. O afastamento da família restrita e o estabelecimento de novas redes de sociabilidade, as transformações nas relações geracionais e a progressiva legitimação de uma relativa autonomia, ambigualmente classificada por esses estudantes como uma situação de independência, são tomadas como pistas para a compreensão de individualidades em construção. A entrada na universidade implica para esses jovens em uma considerável diversificação de suas experiências, além da ampliação de suas possibilidades de ação, onde a manutenção da moradia coletiva, constituída a partir do contato com diferentes sujeitos, e o afastamento geográfico dos familiares lança demandas de posicionamento diferenciadas. A metodologia de trabalho utilizada envolveu a seleção de uma rede de relações como foco fundamental para a realização de um intenso trabalho de campo e, posteriormente, entrevistas semi-estruturadas com dez estudantes de nove diferentes moradias coletivas, ou repúblicas estudantis. Objetivando uma compreensão do ritual do trote estudantil como importante elemento para a inserção desses jovens nesta nova realidade, acompanhei um grupo de estudantes de medicina veterinária durante a recepção aos novos alunos. Calouros e veteranos são vistos como parte de um mesmo processo de construção, reconstrução e legitimação identitária. A partir de diferentes ângulos, são descritas e analisadas as múltiplas identidades acionadas pelos estudantes em seus diferentes contextos de inserção: universidade e moradia coletiva como grupos de sociabilidade capazes de, em diferentes situações, dotarem esses jovens de sentimentos de pertencimento e visões de si específicas, ferramentas para a construção de suas identidades.

Palavras-chave: Juventude. Identidade. Repúblicas universitárias.

ABSTRACT

This dissertation analyses the process of identity construction between young students from the Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro who share residences (*repúblicas universitárias*). I seek to understand how relationships with different actors are taken as references to the construction of their self images. The departure from the parental house and the constitution of new social network, the change in the family relationships and the progressive legitimation of a relative autonomy, are taken as paths to the comprehension of the individualities construction. Entering university means to these young people a considerable diversification of experiences, as well as the expansion of their field of action, where collective house maintenance, contact with different people, and the departure from parents creates new and differentiated demands of positioning. The research method involved a network selection as a main focus to the realization of an intensive field work, together with semi-structured interviews with ten students from nine different collective houses, or *repúblicas universitárias*. Trying to comprehend the ritual of *trote* as an important element to these young people's insertion into this new reality, I followed a group of veterinarian medicine students during the reception of new students. *Calouros* and *veteranos* - freshmen and older students - are part of a complex process of identity construction, reconstruction and legitimation. From different points of view multiply identities used by these students are described and analyzed in their different contexts ambiances of actuation: university and *repúblicas* as sociability groups capable of, in different situations, to provide this young students of a belonging feeling and self-representations, tools to their identities construction.

Key-words: Youth. Identity. Repúblicas universitárias (collective habitations).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
a A pesquisadora como objeto	15
b A inserção no campo e a dinâmica organizacional da república Pink	18
1 JUVENTUDE E IDENTIDADE: CONCEITOS FUNDAMENTAIS	25
1.1 Identities: contextos, relações e significados	26
1.2 Jovens novidades, novas identidades	32
2 TECENDO REDES DE RELAÇÕES	40
2.1 O ponto de partida: dados objetivos	
2.1.1 <u>UENF e estudantes como atores em relação</u>	
2.1.2 <u>O contexto urbano e os usos da cidade</u>	43
2.1.3 <u>Espaços de lazer e oferta de serviços: a vizinhança</u>	46
2.2 O Método, os Atores e as primeiras pistas	51
2.2.1 <u>As Pinks: fluxos, inter-relações e o compartilhar de uma experiência</u>	
2.2.2 <u>A Rede: fonte e sustentação de um sentimento de pertencimento</u>	55
2.2.3 <u>Fizemos a Climax”: a um estudo de caso</u>	62
2.2.4 <u>O mundo “uenfiano” segundo os moradores de república: uso do espaço urbano e a relação com o outro</u>	66
3 REFERÊNCIAS FAMILIARES, REINTERPRETAÇÃO DE SENTIDOS E CONSTRUÇÃO DE SI	71
3.1 Distanciamento geográfico da família	
3.1.1 <u>Aspectos objetivos e subjetivos da construção de uma nova identidade</u>	
3.1.2 <u>“Independência” como uma interessante construção social</u>	82
3.2 Modos de vida: sexualidade e uso de drogas no grupo analisado	89
4 IDENTIDADES E GRUPOS DE SOCIABILIDADE	98
4.1 Aspectos internos ao grupo de sociabilidade: o compartilhar de experiências e a construção de um novo estilo de vida	

4.1.1	<u>Relações e trocas entre os jovens observados</u>	
4.1.2	<u>Festas e sociabilidade</u>	106
4.1.3	<u>O fazer a festa: “Aconteceu a Climax, né?”</u>	110
4.2	Trote estudantil: pistas sobre uma identidade construída em referência ao curso de graduação	114
4.2.1	<u>“Eu preferia não dar e nem fazer”. “O problema é a falta de opção”</u>	
4.2.2	<u>“Sou calouro burro, escolhi veterinária. Agora eu estou na roça, não vejo mais a praia”</u> : pertencimento e identidade.....	125
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	137
	REFERÊNCIAS	140

Apresentação

O caminho que nos leva a essa dissertação de mestrado atravessa um longo percurso que se confunde de certa forma com a história da própria pesquisadora, desde seus conteúdos até as fases de seu amadurecimento. Eu fui aluna de graduação da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro entre maio de 2003 e março de 2007. Fui moradora de república¹ no Condomínio Verdes Campos desde o início das aulas até dezembro de 2006, na cidade de Campos dos Goytacazes. As primeiras inquietações foram frutos de problemáticas vivenciadas pessoalmente, desde a manutenção da moradia, o convívio com as colegas de apartamento, até as negociações familiares por autonomia. Estas foram as questões-chave que permearam a elaboração da minha monografia de conclusão de curso.

Naquela ocasião, concentrei meus esforços em analisar grupos de estudantes da graduação moradores de repúblicas instaladas no Condomínio Verdes Campos. Os objetivos de pesquisa e o pouco tempo para seu desenvolvimento levaram à necessidade de delimitação do foco de análise. O condomínio foi selecionado por apresentar uma grande concentração de apartamentos ocupados por estudantes, funcionários ou professores da universidade, estar situado em frente à entrada lateral da instituição, devido a homogênea² composição das habitações, entre outros fatores.

As inquietações não foram todas sanadas, sobretudo se consideradas as proporções de um trabalho das dimensões de uma monografia. Talvez tenha sido possível deixar pistas sobre o que aqueles jovens diziam que faziam, como e com quem. Restava saber o que pensam sobre aquilo que fazem, os significados dessas práticas e os mecanismos através dos quais são legitimadas suas representações de si.

Debruço-me agora sobre outro grupo de estudantes, selecionado não mais por suas características enquanto parte de moradias coletivas, mas segundo as relações estabelecidas em uma rede de sociabilidade (BOTT, 1971). Mais uma vez não se pode crer que,

¹ Categoria nativa.

² Estas características foram confirmadas naquele momento através da aplicação de questionários a todos os moradores do condomínio, o que possibilitou não apenas identificar as moradias coletivas instaladas, como também a obtenção de dados como idade, cidade de origem, curso, etc, sobre todos os estudantes da amostra.

apreendidos como diferentes grupos³, coincidam ao todo em suas identidades juvenis, ou sequer que compartilhem integralmente de hábitos ou comportamentos. Mas acredito que a análise de ambos os conjuntos de jovens, em momentos históricos e intelectuais diferentes⁴, possa em certo ponto se somar, senão em concordância de resultados, em sintonia de direções.

O foco principal deste trabalho é a análise da construção de identidades juvenis de estudantes da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, em Campos dos Goytacazes, integrantes de moradias coletivas. Identidades apreendidas como múltiplas, cujas diferentes faces são passíveis de serem acionadas de acordo com contextos relacionais específicos (WOODWARD, 2000). Neste sentido, o espaço que ocupam, a realidade do seu dia-a-dia e, sobretudo, as relações que estabelecem em diferentes contextos da vida cotidiana são tomados como fundamentais para a compreensão dos conteúdos e representações de suas identidades juvenis.

Estes atores estão inseridos em uma realidade muito específica: estudantes, moradores do entorno de uma universidade e em grupos autodenominados repúblicas estudantis. Muitas são as peculiaridades das experiências vivenciadas, desde a conciliação entre dependência financeira e progressiva legitimação da autonomia mediada pelo exercício de atividades como bolsistas da instituição de ensino; a adaptação a uma realidade nova, onde a autoridade familiar é alterada a partir do distanciamento geográfico; etc. Questões que serão analisadas no decorrer desta dissertação como elementos representativos à compreensão de suas identidades. São estudantes economicamente dependentes de seus pais ou responsáveis, não inseridos no mercado de trabalho formal, instalados em moradias compartilhadas com colegas que apresentam essas mesmas características, e que, de certa forma, dependem do aval de seus familiares para a manutenção de seu estilo de vida. Não são casados nem têm filhos, ambos os casos apresentando raríssimas exceções.

Inicialmente pensei em restringir-me aos alunos da graduação, bem como estabelecer uma delimitação etária que correspondesse à classificação social juvenil, assim como realizado em pesquisa anterior⁵. A dinâmica de observação participante levou-me a perceber que, se tratando de um trabalho que visa a compreensão da construção de identidades juvenis,

³ Refiro-me aqui não apenas aos estudantes entrevistados na pesquisa anterior em contraposição aos jovens analisados agora, como também aos estudantes da UENF moradores de república, de uma forma geral, em relação à pequena amostra selecionada.

⁴ Neste momento sim a referência são os dois grupos analisados, anteriormente e para esta pesquisa.

sobretudo se levado em consideração o conceito de identidade múltipla assumido, não caberia a mim impor limites e classificações ao grupo estudado. Ao mesmo tempo, o status e a realidade financeira e social em que se encontram os alunos do mestrado apresentam-se como elementos de distinção com relação aos graduandos em geral. Neste sentido, levei a campo a hipótese de que a idade tenha um peso menor entre os estudantes da UENF do que o valor das bolsas estudantis (diferenciados em três vezes entre graduandos e mestrandos) e o reconhecimento social de uma ou outra fase de formação acadêmica. Por outro lado, assumo o recorte analítico em si mesmo como um delimitador mais ou menos homogêneo da fase vivenciada. Como estudantes universitários, esses sujeitos correspondem de certa forma a um coorte etário relativamente delimitado.

A composição do conjunto de jovens analisado e as relações estabelecidas contribuem para o aprofundamento dessa questão, como veremos no Capítulo II, por mais que se considere a amostra utilizada limitada demais para que seja tomada como universalmente significativa. Consideradas como foco fundamental deste trabalho as visões de mundo desses estudantes quanto à juventude que vivenciam e, portanto, a própria noção de juventude, até que ponto a idade ou o estágio de formação apresentam-se como elementos fundamentais para a formação das redes de relações, apenas os próprios estudantes poderiam me dizer. A realização do trabalho de campo se deu, portanto, permeada por essas questões menos como delimitadoras do que como elementos de interesse.

De maneira geral, esses “jovens” experimentam algo que em muito se aproxima de uma passagem para a vida adulta ideal, podendo vivenciar uma espécie de autodirecionamento tutorial, em que a assimilação de responsabilidades “tipicamente adultas” se dá num processo progressivo de afastamento da autoridade paterna. O novo ambiente no qual passam a estar inseridos após o afastamento da família restrita (SINGLY, 2007) apresenta-se como um espaço potencial de experimentação dada pela ausência de autoridades previamente legitimadas. Ao mesmo tempo, a rede de relações estabelecida ainda em momentos anteriores das trajetórias individuais, em destaque o grupo familiar, assume importância chave para a construção e legitimação de representações de si nesse novo contexto.

A realidade na qual meus analisados estão inseridos, ao mesmo tempo em que se

⁵ Naquele momento, foi utilizada a delimitação entre 15 e 24 anos, segundo critérios do IBGE.

apresenta segundo características que tendem a legitimar sua classificação geracional, tomada a partir de parâmetros socialmente estabelecidos (e até certo ponto teoricamente reiterados), também comporta elementos que dão margem à construção de uma identidade muito específica, que pode de certo modo fugir a modelos de juventude associados às camadas médias na qual estes jovens se inserem.

As peculiaridades dessas vivências se estendem desde a universidade e as moradias coletivas até os espaços de lazer freqüentados pelos estudantes, diferentes pontos a partir dos quais são estabelecidas as relações. Ao mesmo tempo, a família continua sendo apontada como importante referência valorativa e de apoio a uma autonomia que se legitima progressivamente. São esses os diferentes elementos a partir dos quais pretendo desenvolver minha argumentação com o intuito de tentar apreender como se constroem as identidades desses sujeito auto-classificados como jovens, os mecanismos através dos quais se constituem enquanto tais, o estabelecimento de relações inter e extra-grupais, os conteúdos e os significados dessas tais juventudes.

A metodologia de análise envolveu a realização de observação participante e entrevistas semi-estruturadas. Dois grupos foram acompanhados diretamente para a coleta dos dados: os estudantes de medicina veterinária, durante o trote ocorrido em março de 2008; e um conjunto de jovens integrantes de uma rede de relações ampla e diversificada. As redes são consideradas aqui como conjuntos de sujeitos colocados em relação direta ou indireta, caracterizando-se como um contínuo em que, em diferentes níveis, ou apenas potencialmente, todos estão interligados. O contato direto entre todos os integrantes não é um pressuposto para que determinado grupo possa ser caracterizado desta forma, mas sim a existência de pontos de contato entre diferentes atores: amigos, vizinhos ou, em certos casos, parentes em comum (BOTT, 1971).

Neste sentido, a seleção de um determinado conjunto de estudantes de uma mesma rede de relações implica necessariamente numa escolha entre uma gama mais ampla e diversificada de opções. A rede de relações aqui selecionada foi observada entre jovens moradores de república cuja identidade é perpassada pelo vínculo institucional com a universidade. Por outro lado, o grupo de dez entrevistados, oito meninas e dois rapazes, especificamente selecionados para as entrevistas corresponde a uma seleção realizada por mim entre os diferentes atores inseridos nessa dinâmica. A clara compreensão dessa escolhas,

neste sentido, exige uma apresentação do campo, das relações e experiências vivenciadas durante a observação participante.

Adianto neste momento que foram selecionados os estudantes de acordo com sua participação nas atividades realizadas coletivamente, tendo como referência inicial as minhas anfitriãs e seus amigos próximos. Como optei por entrevistar jovens integrantes de diferentes repúblicas, o foco foi ampliado progressivamente, já a partir dos primeiros contatos realizados. Ainda assim foi considerada relevante para a sua seleção uma relativa recorrência na participação desses jovens em diferentes atividades coletivas de lazer e/ou estudo. Portanto, a rede foi selecionada segundo o estabelecimento de contatos de tipo “close-knit”, em que há muitas relações em torno das unidades componentes (diferentes integrantes ou pontos de integração) de uma determinada rede (BOTT, 1971). Ou seja, valorizei contatos (mesmo que superficiais) relativamente freqüentes com “a rede” considerada de forma ampla, assim como o estabelecimento de relações de profundidade com ao menos um dos outros jovens identificados como parte deste conjunto. Apenas dois casos fogem a esta regra, e serão analisados no decorrer deste trabalho: uma das entrevistadas não é uma integrante ativa da rede, e os dois rapazes entrevistados fazem parte de uma mesma república.

Objetivo apreender o processo de construção de identidades juvenis perpassadas pela vivência em um contexto de sociabilidade muito específico: o vínculo institucional com a Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro e a moradia em repúblicas estudantis como referências fundamentais para o estabelecimento de estilos de vida. Mais do que delimitações etárias estritas, impostas previamente para a seleção dos jovens a serem entrevistados, as características do próprio campo incidiram neste trabalho sobre a seleção de um grupo relativamente homogêneo de sujeitos. O mesmo poderia ser pontuado com relação à origem sócio-econômica dos entrevistados. Ao mesmo tempo, os processos a partir dos quais são estabelecidas e aprofundadas as relações, os significados através dos quais são legitimadas identidades apresentam-se como o foco principal deste trabalho. Ao tentar reconstruir este caminho, segundo o olhar desses próprios sujeitos, esta análise foi desenvolvida.

As perspectivas de análise estabelecidas para a realização desta dissertação implicavam numa ampliação do olhar para além da dinâmica interna das repúblicas, e em favor do mapeamento dessas identidades juvenis, sendo assim, os grupos encerrados nas

moradias assumem um caráter limitado demais para que sejam capazes de fornecer novo material de estudo⁶. Ao mesmo tempo, o interesse em estender a observação aos estudantes não instalados no Condomínio Verdes Campos insere a questão relativa à identificação e seleção desses jovens, espalhados de forma dispersa pelos entornos da universidade.

Uma análise da construção de suas identidades sociais exigia um enfoque mais amplo, capaz de acompanhar o estabelecimento de relações entre jovens inseridos em diferentes contextos dentro dessa mesma realidade.

Ao mesmo tempo, pude identificar uma gradativa ampliação da visibilidade dos grupos de universitários instalados em casas, bem como evidências de uma interessante modificação do perfil dessas moradias coletivas no que se refere à sua composição. Mais do que dados concretos, esses pressentimentos, somados a questões progressivamente formuladas quanto às motivações para a seleção do imóvel aonde são instaladas as repúblicas influenciaram na decisão de diversificar as experiências observadas a partir do critério “tipo de moradia” na seleção dos entrevistados. Trabalhei com a hipótese da existência de representações nativas quanto ao que seria um “modelo ideal de república”, em que as possibilidades de ação e decisão, limitadas no apartamento e condomínio⁷, seriam ampliadas pela instalação em casas. A possibilidade de observar mais de perto alguns desses grupos apresentou-se como uma questão de pesquisa altamente significativa, segundo os objetivos estabelecidos. Mas como fazê-lo foi uma questão preocupante, que o próprio campo ajudou a solucionar.

Segundo esses objetivos e inquietações, o método de análise a partir de redes de relações mostrou-se mais do que satisfatório para a garantia de uma relativa heterogeneidade entre as condições de moradia, características individuais e coletivas dos diferentes sujeitos (e repúblicas) analisados. Assim foi possível testar diversas questões, mapear sua relevância para o estabelecimento de novas identidades juvenis e abarcar diferentes formas de experimentação de uma realidade vivenciada, construída e significada coletivamente.

⁶ A seleção de três moradias de composição mista, masculina e feminina, e a abordagem de todos os seus membros foi uma das metodologias utilizadas anteriormente.

⁷ Limites impostos com relação às possibilidades de sociabilidade juvenil, em referência ao silêncio exigido independente do horário do dia ou circulação de pessoas, restringida pelo pouco espaço, foram reclamações ouvidas durante todo o período em que vivi entre esses jovens.

a. A pesquisadora como objeto

Minha experiência entre os “nativos” a partir dos quais se delineia este trabalho favoreceu o estabelecimento de novos contatos através de antigas redes, pessoais, de relações. Estas não haviam sido utilizadas em trabalhos anteriores entre os moradores de república devido a uma escolha pessoal, e ao mesmo tempo profissional, que propôs a exclusão de amigos ou conhecidos como fontes de dados para a pesquisa ao menos no que se refere à realização de entrevistas.

Os objetivos de trabalho e as questões levantadas visavam naquele momento apreender as dinâmicas internas das moradias, pressupondo a existência de conflitos entre colegas de apartamento e envolvendo temáticas de fórum íntimo. Além disso, o caráter auto-referido dos questionamentos tomados como base (refiro-me ao estranhamento de minha própria realidade como momento crucial para a construção do trabalho) exigiu uma busca por distanciamento. A atitude assumida anteriormente, portanto, envolveu uma negação das minhas redes pessoais de relações no momento de seleção dos grupos a serem entrevistados.

Por outro lado, tal posicionamento foi possível graças a opção por delimitar o universo de repúblicas analisadas ao espaço do Condomínio Verdes Campos e à realização de uma espécie de recenseamento em todas as moradias ali instaladas. Assim foram localizadas as repúblicas e selecionados os grupos de acordo com os critérios então estabelecidos. Abandonada a delimitação etária e espacial, a necessidade de entrevistar todos os componentes de cada república selecionada e a conceituação de moradia coletiva como composta estritamente por graduandos⁸, o universo de estudantes se amplia enormemente. As dificuldades em identificar possíveis entrevistados também.

Por outro lado, o foco da observação participante foi redirecionado, não mais concentrado na dinâmica interna das moradias, nos hábitos ou nos comportamentos de forma

⁸ Foram considerados anteriormente apenas grupos homogêneos: todos os componentes entre 15 e 24 anos e graduandos da UENF, necessariamente.

geral. O primeiro passo se deu em direção a o que observar, se que é que tal decisão possa ser legitimada. Os eventos que não haviam sido considerados durante a elaboração da monografia receberam destaque. Naquele momento, as festas dos estudantes eram também as minhas festas. Seu lazer o meu lazer. Não por isso, mas fundamentalmente devido ao posicionamento assumido para tal pesquisa, muito pouco havia sido pensado sobre as práticas de lazer desses jovens, e sua relação com o contexto em que estão inseridos e os significados atribuídos a essas experiências.

Universidade, moradias e os espaços de lazer foram observados como os pontos principais a partir dos quais se constroem as redes de sociabilidade. Assim tomei a decisão de que parte do trabalho de campo para a dissertação deveria corresponder ao acompanhamento de alguns eventos estudantis destacados por eles mesmos: o trote, alvo de muitas das minhas inquietações, a *choppada* e algumas festas⁹. O primeiro deles deveria ocorrer antes mesmo da qualificação do projeto de dissertação, na terceira semana de março de 2008¹⁰.

Costumava me hospedar no meu antigo apartamento, no Condomínio Verdes Campos, sempre que retornava a Campos¹¹, recebida por Letícia e Rafaela¹², com quem dividi república no último ano da graduação, além de Isadora, que havia entrado em meu lugar. Naquele local havia morado durante os quatro anos de realização do curso. Em dezembro de 2007, um ano após ter me mudado para o Rio, minhas antigas companheiras de república precisaram se mudar. Coincidentemente ou não, ali se rompia o meu pertencimento à república, marcado até então por um vínculo quase contínuo.

No início de meu último ano na UENF através de Rafaela e Letícia fui apresentada àquelas que seriam as minhas anfitriãs durante a realização do trabalho de campo da dissertação. Com uma delas estabeleci um uma relação diferenciada. Dani foi minha “última *caloura*”. Havia chegado ao curso de Ciências Sociais no início do meu último ano de faculdade e se tornaria dois anos depois uma importante auxiliar de pesquisa para a dissertação. O convívio no apartamento das Pinks¹³ já na primeira semana de coleta de dados foi significativo para o direcionamento posterior dado ao trabalho de campo, em resposta aos

⁹ Não me proponho a realizar uma análise dessas festividades em si, mas de suas implicações para o cotidiano estudantil (ver Capítulo IV).

¹⁰ A qualificação se deu no dia 03 de abril de 2008, uma semana após meu retorno do campo.

¹¹ Após mudar-me para o Rio, em 2007 estive em Campos por duas ou três vezes por motivos pessoais.

¹² Todos os nomes foram alterados, em favor da proteção das identidades dos jovens entrevistados.

questionamentos estabelecidos.

A ida para as Pinks deveria ter se limitado a uma estadia de apenas duas noites, até que Letícia chegasse à cidade e pudesse me receber já no novo apartamento. Por fim, acabei sequer conhecendo o apartamento novo de minhas antigas companheiras naquela semana e permanecendo entre as Pinks, apesar de ter recebido visitas de Letícia e Rafaela, e saído com elas naquele período. A quebra de laços com minha antiga república, colocada em foco durante aqueles dias, e estranhada por todos nós (as garotas com quem havia morado, minhas novas anfitriãs, nossa rede mais ampla de relações, em menores proporções, e eu) não se apresentou como consequência de um possível rompimento de nossa relação de amizade. Mas uma espécie de mudança inconsciente de identidade por mim mesma, em relação àqueles através dos quais a Manuela, moradora de república, um dia se constituiu.

Em processo paralelo, a mudança daquele que havia sido o “meu” apartamento, já que ali eu “recebi” um dia as meninas como novas colegas de república, num ambiente já quase todo mobiliado e decorado, pareceu ter finalmente propiciado a elas o interesse, ou o poder, de remodelar a habitação, o que não havia sido feito até então. O novo apartamento não apenas recebe uma cor diferente na parede daquela que costumara ser “a cor da república” já encontrada por elas, como também uma disposição dos móveis diferente daquela que costumava ter até então, apesar de já ter se passado um ano após o meu afastamento.

A partir daí, já não retornava como a amiga que atingiu outro estágio de formação acadêmico-profissional, identidade esta que me fazia diferente, sem que me tornasse absolutamente estranha, já que a realidade da UENF aproxima sobremaneira os alunos da graduação não apenas dos mestrands, como da própria realidade de pesquisa, assim como apresentarei neste trabalho. Retornava agora como a “*espiã, que se faz de amiga para ouvir as conversas*”, como elas mesmas muitas vezes repetiram, em gargalhadas. E durante todo o processo de análise das suas identidades, a identidade que criaram para mim, e que eu mesma acabei assumindo, esteve em destaque.

Não seria fácil desarticular, nesse sentido, *insights* analíticos e sensações marcadas por um *feeling* altamente subjetivo na elaboração de questões, estabelecimento de direcionamentos e estratégias de pesquisa. Se antes foi necessário lutar contra o envolvimento

¹³ Os nomes das repúblicas foram igualmente substituídos por mim, evitando assim a identificação de seus membros.

peçoal do pesquisador em favor do andamento da pesquisa, necessidade que no fim se manteve, neste trabalho o envolvimento pessoal forneceu pistas, contatos e dados propriamente ditos. Não mais como aquele que se afasta para melhor ver, mas aquele que volta a se aproximar para ver melhor; não mais como quem é, e sim através da identidade insuperável daquele que um dia foi.

b. A inserção no campo e a dinâmica organizacional da república Pink.

Minha relação com os nativos esteve diretamente permeada por minhas habilidades culinárias. O domínio de um repertório relativamente amplo de receitas simples e baratas me permitiu não apenas amenizar o impacto de minha presença no apartamento como talvez até mesmo torná-la especialmente desejável. Menos por gosto do que por um hábito ou uma economia típicos da vivência em república experimentada por minhas anfitriãs, certos alimentos, como legumes e vegetais, não fazem parte dos ingredientes básicos à dieta encontrada por mim entre elas.

Quando em Campos, estão habituadas a um cardápio relativamente limitado: arroz, feijão, carnes (sobretudo frango em pedaços ou apenas o peito e bifes ou carne de boi moída), quando não embutidos (como lingüiças e, sobretudo, salsicha) e congelados (como empenados de frango ou carne de hambúrguer). E preparam em seu dia-a-dia refeições simples e rápidas.

Macarrão, desde a versão instantânea até a massa convencional também é um prato comum. Não pude observar o tipo de molho utilizado por elas ou a forma como preparam já que, conhecendo meu gosto pela culinária, especialmente no que se refere ao preparo de macarronadas, habitualmente era eu quem cozinhava durante minha estadia entre elas. As meninas demonstraram não apenas apreciar a comida preparada por mim, como também certa disposição em programar o cardápio durante a semana em que eu me encontrava em Campos.

As três moças realizam suas refeições em casa, duas em conjunto e a outra separada (frequentemente com o namorado). As moradias coletivas observadas apresentam uma dinâmica organizacional interna muito específica com relação a uma casa de família, por exemplo. Os estudantes devem administrar um volume de dinheiro relativamente pequeno para o pagamento das contas, a compra de alimentos, o lazer e o material didático necessário. A responsabilidade pela manutenção do apartamento, e os custos direta ou indiretamente relacionados, é compartilhada pelos moradores. A presença de visitas, sejam namorados, amigos ou hóspedes, altera necessariamente as relações e a organização da moradia, o que foi apontado por elas mesmas, em diferentes momentos do trabalho de campo.

Duas das minhas anfitriãs com as quais costumava realizar as refeições dividem entre si os mantimentos utilizados em seu preparo. Grande parte do que é consumido pela terceira é de uso estritamente pessoal, assim como outras coisas, e, portanto, armazenado em divisões específicas do armário e até mesmo da geladeira. Apenas quando as meninas fazem as refeições juntas, em casos específicos (como cachorro-quente com um grupo maior de amigos, ou pratos especiais) os mantimentos são compartilhados¹⁴.

Juliana e Dani mantêm seu suprimento de alimentos de diferentes formas. Parte é levada da casa dos pais (ou comprada na cidade natal) para Campos, sobretudo carnes. E não parece haver uma divisão estrita do tipo de alimento e quantidade que cada uma das duas deve levar cada vez que retornam de casa. Segundo as garotas, porém, tal acordo é considerado justo e funcional. A outra parte dos mantimentos é comprada em Campos, de acordo com a sua necessidade. Materiais de limpeza e produtos de uso geral (como fósforos, sal, etc.) são divididos entre as três, seja revezando entre si a ida ao supermercado, seja dividindo o valor compra.

A presença de uma quarta pessoa no apartamento representa um aumento considerável dos gastos, dadas as peculiaridades da própria organização da moradia. Qualquer aumento de consumo de luz ou mantimentos é sentido, assim como foi possível observar, por mais que em momento algum tenha percebido qualquer evidência de que a minha presença tenha sido motivo de insatisfação. O incômodo com uma presença estranha pode assumir maiores proporções quando o visitante está relacionado a apenas um dos integrantes (como namorados), refletindo a valorização da intimidade inter pares como elemento capaz de

¹⁴ Nestes casos observei uma preocupação especial em contribuir, seja com temperos, ingredientes, ou refrigerantes, tanto

motivar investimentos pessoais no aprofundamento e manutenção da relação. Neste sentido, a disponibilidade individual em dar continuidade aos contatos pode ser refletida, até certo ponto, em investimentos financeiros, assim como observou Rezende entre os ingleses e sua troca de alimentos. No caso analisado pela autora, o preparo de refeições para amigos ou grupos de amigos, em contraste com a ausência do hábito de trocar presentes, mesmo em datas como aniversários e Natal, é muito mais valorizado como uma oportunidade de se estar junto e fortalecer as relações de amizade (REZENDE, 2007b).

A decisão em acompanhar este grupo específico lançou questões de extrema importância para o desenvolvimento da pesquisa. Em primeiro lugar, como compensar o peso da minha presença entre elas, e sustentar a minha permanência no grupo pelo tempo necessário à realização da pesquisa, sem reverter a nossa relação de amizade em uma troca comercial (benefícios econômicos diretos). E, ao mesmo tempo, garantir que as minhas visitas não lhes causassem problemas, nem que a minha presença se tornasse indesejável e, portanto, compensá-las de alguma forma.

Há todo o momento as meninas se mostraram extremamente simpáticas a mim, apresentando-se não apenas como anfitriãs extremamente generosas, mas também como amigas carinhosas e participativas. Por mais que o meu contato inicial fosse mais aprofundado com Dani, que me hospedou em seu próprio quarto, o desenrolar da pesquisa permitiu o desenvolvimento da minha relação também com Patrícia e Juliana e, através delas, como toda a rede de relações da qual fazem parte. Ainda assim, da minha parte houve uma preocupação constante com relação ao posicionamento assumido durante a minha presença entre elas, bem como no momento de elaboração da dissertação. Em se tratando de uma relação de pesquisa permeada e fortalecida por vínculos pessoais que tenderam a se estender por diversas ramificações da rede de relações analisada, questões éticas muito particulares são colocadas no processo de análise dos dados.

Retornando à minha adaptação à sua realidade, como costumam adquirir apenas os produtos que estariam em falta na dispensa, realizando suas compras de acordo com suas necessidades, sem uma frequência definida de visita ao supermercado, acredito que ao menos uma articulação básica do que devem consumir entre uma compra e outra seja comum, mas logo que chegava ao apartamento já era possível perceber quais dos meus pratos especiais elas

por Patrícia, quanto por Juliana e Dani, dependendo de quem “oferece” a refeição.

esperavam poder apreciar. Digo especiais não apenas por minhas receitas agradarem ao paladar delas, mas por se apresentarem como alternativas ao cardápio habitual e, ao mesmo tempo (o que não deve ser desconsiderado) devido ao fato da minha participação na divisão de tarefas permitir um considerável ganho de tempo às garotas.

Minha permanência na república, como uma visita relativamente freqüente durante a realização do trabalho de campo, se deu através de um posicionamento que buscava a minha inserção segundo a dinâmica interna, própria à moradia. Nos primeiros momentos, me questionei quanto à possibilidade de negociar um valor a ser “pago” a elas sempre que estivesse em Campos, mas como mensurar uma relação perpassada pela noção de amizade? A quem o dinheiro deveria ser dado? A utilização do dinheiro como mediador de nossas relações iria de encontro à metodologia de pesquisa em si mesma: o estabelecimento de novas relações a partir de minha rede pessoal de sociabilidade. Ao invés de aprofundar e ampliar meus contatos dentro dessa rede, correria o risco de abalar o sentimento de amizade presente entre nós a partir da inserção de uma relação monetária.

Retorno, portanto, a minha experiência de moradia em república para tentar entender o que se pode esperar de um hóspede na situação em que me encontrava. Foram nove semanas de trabalho de campo distribuídas em diferentes épocas do ano: duas no primeiro semestre e sete no segundo semestre. No segundo semestre do ano, as meninas me receberam ao menos uma vez por mês, um quarto do período em que se distribuem os custos de manutenção com a moradia, a metade em outubro, quando estive em Campos por duas vezes, em semanas intercaladas. Freqüência suficiente para que minha presença pudesse ser sentida senão na conta de luz (o valor do condomínio é variante, segundo o consumo geral dos apartamentos, o que não reflete tão diretamente os gastos de uma moradia específica), nos hábitos das garotas.

Ao mesmo tempo, por mais que no fim das contas eu já não fosse mais considerada uma “visita”¹⁵, também não fui reconhecida como moradora, o que foi possível perceber através da resistência delas quanto a possibilidade de que eu realizasse certos tipos de tarefas no apartamento, como a limpeza da casa. A estratégia utilizada, em certo sentido inconscientemente, constituiu na minha inserção parcial e progressiva na dinâmica de divisão de tarefas e mantimentos.

¹⁵ Segundo declarações delas mesmas, em conversa comigo.

Mantive a preocupação de levar comigo alguns produtos alimentícios, em resposta ao comportamento delas mesmas, que demonstraram desde o primeiro momento esperar que eu realizasse as minhas refeições em conjunto. Juliana e Dani preparam o café todas as manhãs e sempre que possível se sentam a mesa juntas para realizar as refeições. O mesmo era esperado de mim e, confesso, pessoalmente apreciado. Portanto, procurei me adequar à forma como os alimentos são divididos entre elas, levando comigo alguns produtos que particularmente tenho o hábito de consumir (como leite, legumes e verduras), alimentos básicos consumidos habitualmente por elas (bifes, lingüiças, etc.) e alguns ingredientes para o preparo de quitutes especiais durante a minha estadia, alguns mais comuns entre elas (como leite condensado e creme de leite), outros menos (azeite, cebola, atum). Minha presença alterava, portanto, seus hábitos alimentares, seja pela diversidade de alimentos, seja pelas receitas utilizadas.

A participação nas refeições permitiu-me também inserir-me na divisão de tarefas no dia-a-dia da república, sem alterar sua dinâmica mais ampla. Como as meninas têm no máximo duas horas para o preparo dos alimentos e a realização das refeições no horário de almoço, comecei a auxiliá-las nesta atividade. Progressivamente, acabei assumindo quase todo (senão todo) o processo de preparo das refeições. Neste sentido, minhas habilidades culinárias fizeram de mim uma cozinheira valorizada não apenas por minhas anfitriãs, como por boa parte da rede de relações em que estão inseridas, contribuindo também para a minha inserção no grupo mais amplo: “*Nossa, eu tô em casa, esse é o cheirinho da minha casa*” (Juliana, ao entrar no apartamento, sobre o cheiro da comida que estava sendo preparada por mim).

As relações estabelecidas em sua rede, envolvendo um contato freqüente com seus diferentes componentes a partir de visitas e o compartilhar até mesmo de alimentos, estendeu a minha participação para o grupo mais amplo. Desde o preparo de lanches a serem consumidos antes das festas, até o almoço feito por mim no dia seguinte à *choppada*, envolvendo oito pessoas, ou o cardápio preparado para a festa de fim de ano, onde quatorze meninas consumiram pastéis, cachorros-quentes e doces.

A partir de atributos pessoais, e segundo a dinâmica peculiar à moradia hospedeira, foi possível não apenas amenizar o impacto da minha presença, como também estabelecer e aprofundar contatos com os diversos integrantes deste grupo de relações específico. A república Pink, comportando-se como um ponto de encontros e sociabilidade especialmente

interessante, converteu-se, portanto, num espaço privilegiado para a realização da pesquisa. A maioria das entrevistas ocorreu no apartamento onde estava hospedada, por escolha dos próprios entrevistados, apresentando-se como uma demonstração do quanto se sentem confortáveis neste local e minando qualquer tentativa minha em manter em segredo as suas identidades, o que não é visto propriamente como um problema. Considero que cabe ao pesquisador garantir o anonimato de seus entrevistados, já a sua decisão em declarar abertamente a sua participação na pesquisa é interpretada não somente como um direito, como também um interessante dado de pesquisa.

Paralelamente, acompanhá-las as festas mostrou-se outro importante meio de aproximação, quando podia ser apresentada e conviver com seus amigos mais próximos. Por me tratar da única moça a carregar bolsa para as festas, através da simples disponibilidade em guardar os documentos, dinheiro e até câmeras fotográficas das meninas, os primeiros contatos foram estabelecidos e, com o passar do tempo, aprofundados. Progressivamente todo o grupo foi se acostumando com a minha presença. Assim como minhas relações de amizade foram o ponto de partida para a escolha dos entrevistados, o desenvolvimento da pesquisa culminou com o alargamento e aprofundamento desta rede pessoal de relações, apresentando-se como um elemento integrante ao próprio trabalho analítico.

No Capítulo I apresento os conceitos fundamentais para a elaboração deste trabalho: identidade e juventude. Além da discussão teórico-metodológica entre diferentes autores e perspectivas que nortearam as escolhas e argumentações particularmente assumidas por mim.

O Capítulo II trata-se de uma ampla apresentação do campo. Inicialmente descrevo os diferentes aspectos objetivos do contexto no qual os estudantes analisados passam a estar inseridos a partir da entrada na universidade. A vizinhança e a oferta de serviços, bem como o contexto urbano mais amplo da cidade de Campos dos Goytacazes, a relação estabelecida com a instituição de ensino e a clara concentração espacial dos jovens alunos da UENF em seus entornos. Em seguida são apresentados os atores a partir dos quais este trabalho se desenvolveu: as repúblicas Solta e Climax, parte de uma ampla e diversificada rede de relações. Finalmente, analiso o uso do espaço urbano por esses conjuntos específicos de jovens.

O Capítulo III corresponde a uma análise do processo de construção de uma progressiva autonomia e individualidade por esses jovens, e o papel de seus outros

significativos para a legitimação de novas identidades. Analiso sobretudo o papel da família e as transformações nas relações engendradas pelas experiências vivenciadas a partir da saída de casa. O capítulo é encerrado pela discussão sobre os modos de vida observados entre os integrantes dessa rede de relações nesse contexto específico: experimentação vs. controle de si. Apresento suas apreensões quanto a mudanças em suas possibilidades de ação e a relação entre o posicionamento assumido quanto ao uso de drogas e o valor conferido ao processo de emancipação em andamento.

O quarto e último Capítulo foi dedicado a análise das festas e das trocas, num primeiro momento, e do trote estudantil vivenciado pela turma de alunos de medicina veterinária. A sociabilidade juvenil e a construção de um sentimento de pertencimento a partir de redes de relações específicas são apontados como elementos fundamentais para a compreensão dessas identidades juvenis.

1 Juventude e Identidade: conceitos fundamentais

As discussões sobre o conceito juventude enquanto processo de constituição de individualidades a partir de um amplo, e ao mesmo tempo limitado, campo de possibilidades (VELHO, 2003) que se apresenta ao indivíduo moderno são complementadas na análise aqui desenvolvida pelas propostas de conceituação da própria noção de identidade. Ambas as construções sociais evidenciam a centralização da noção de indivíduo autônomo e diferenciado, exigindo, portanto, que se assuma a capacidade de direcionamento individualizado e distinto. O conceito de identidade refere-se a uma forma de identificação que pode estar relacionada à idade, classe, gênero, religião, etc. Já a noção de juventude está mais estreitamente associada à idade especificamente, compreendida, sobretudo, como fase da vida experimentada por determinado sujeito, variando, portanto, histórica e socialmente. A construção social da juventude é paralela a emergência das identidades individuais, agindo como complemento, senão parte, do processo civilizador:

Los niños tempranamente aislados y la fuerte restricción del contacto físico con los padres pueden cumplir una cierta función como preparación para el alto grado de individualización que hoy se espera de los adultos en las sociedades industriales. (ELIAS, 1998: pp. 432)

Neste sentido, a consciência da auto-identidade, separada das figuras maternas, é apontada por Giddens (2002) como originária da aceitação da ausência do outro. O distanciamento geográfico da família restrita vivenciado pelos jovens analisados no momento de entrada na universidade poderia segundo esta perspectiva ser traduzido como um novo passo em direção ao reconhecimento do ‘mundo exterior’ apontado por Giddens (2002) como ocorrido ainda na infância. Se o estabelecimento da confiança básica é a condição da elaboração tanto da auto-identidade quanto da identidade de outras pessoas e objetos, e a identidade originária da aceitação emocional da realidade do ‘mundo exterior’, pode-se traduzir que, em Giddens (2002), a juventude enquanto fase de assimilação de uma progressiva autonomia e construção individualizada de si é o momento chave de diferenciação

individual pela construção de uma identidade individual auto-reflexiva.

Por outro lado, parto de uma perspectiva que se distancia de uma apreensão das identidades enquanto produto da reflexividade pura e simplesmente. Trato esse conceito enquanto reflexo de um momento histórico específico, e segundo uma perspectiva que prevê o surgimento da própria noção de identidade a partir de um questionamento basicamente social: “quem sou eu?” Nesta visão as narrativas sobre si mesmo são construídas através de relações estritamente sociais e atravessadas, portanto, por elementos que se sobrepõem de forma mais ampla ao indivíduo. Indivíduo e sociedade são como entidades em conexão (HALL, 2000; WOODWARD, 2000; REZENDE, 2007a).

O afastamento familiar vivenciado pelos jovens analisados apresenta-se neste sentido como um evento significativo a essas trajetórias individuais, parte do contexto globalizado em que se desenvolvem suas identidades. Evento impulsionador, segundo a proposta argumentativa que aqui será apresentada, de novos e interessantes movimentos de diferenciação individual.

1. Identidades: contextos, relações e significados.

Toma-se como base neste trabalho uma noção de identidade em fluxo, assim como apresentam Woodward (2000), Silva (2000), Hall (2000), entre outros, que a consideram construída a partir de dimensões ao mesmo tempo subjetivas e coletivas, num contexto sempre relacional, tanto no que se refere a outros sujeitos quanto à realidade objetiva em que se está inserido. O termo fluxo aqui utilizado não pressupõe a ausência de uma continuidade lógica na trajetória de diferenciação individual, ou a completa irregularidade quanto aos direcionamentos e vivências, mas uma troca constante entre elementos internos e externos aos sujeitos, eles próprios cambiáveis. Neste sentido, são múltiplas as possibilidades que se apresentam, bem como as possíveis formas de se lidar com as experiências vivenciadas

(CASTELLS, 1999).

Segundo Woodward (2000) a fluidez é dada pelo caráter histórico, localizado e relacional das identidades, na compreensão de que se constituem em consonância com a realidade e as relações com o outro, através de fragmentos passíveis de serem acionados em diferentes situações. A pluralidade de inserções possíveis típica do mundo moderno reflete-se na constituição de sujeitos múltiplos (WOODWARD, 2000). Esta é parte de um jogo que pressupõe uma dinâmica contínua à existência daquele que é, cujos elementos são dados pela realidade na qual se está inserido. Segundo esta perspectiva, também compartilhada por Bauman, a construção da identidade se coloca como uma tarefa auto-referida de construção de uma diversidade de “coisas” a partir de uma diversidade de possibilidades. “*A tarefa de um construtor de identidade é, como diria Lévi-Strauss, a de um bricoleur*” (BAUMAN, 2005: pp. 55).

Na perspectiva de Bauman (2005), a identidade é comparada à montagem de um quebra-cabeça, mas uma tarefa cujo diferencial está na sobreposição dos meios com relação aos fins. Ao contrário do jogo, em que as energias são direcionadas para um objetivo, o trabalho de constituição identitária está voltado para o caminho percorrido, o trajeto inacabado, em seus detalhes e riquezas de opções. Não apenas não se pode esperar encontrar um resultado pré-definido ou um ponto de chegada, como a tarefa em si mesma é caracterizada por um movimento contínuo e ininterrupto:

Podemos dizer que a solução de um quebra-cabeça segue a lógica da racionalidade instrumental (selecionar os meios adequados a um determinado fim). A construção da identidade, por outro lado, é guiada pela lógica da racionalidade do objetivo (descobrir o quão atraentes são os objetivos que podem ser atingidos com os meios que possui) (BAUMAN, 2005: p. 55).

Segundo Anthony Giddens (2002) a modernidade, compreendida como um processo em nível institucional, introduz transformações capazes de se entrelaçar à vida individual e, conseqüentemente, ao próprio eu. Este fenômeno seria caracterizado por uma separação das noções de espaço e tempo em que os sujeitos passam a estar inseridos em uma multiplicidade infundável de relações locais e globais onde impera a impessoalidade. O autor apresenta, dessa forma, a auto-identidade como a quarta questão existencial característica à modernidade,

perpassada pelo desenvolvimento da reflexividade. O eu é apresentado como um projeto auto-referido que pressupõe a capacidade individual de compreender e refletir sobre sua realidade:

A vida social moderna empobrece a ação individual, mas favorece a apropriação de novas possibilidades; ela é alienante, mas ao mesmo tempo, de maneira característica, os homens reagem contra as circunstâncias sociais que acham opressivas (GIDDENS, 2002: P. 163).

Os indivíduos assumem um posicionamento ímpar na história da humanidade, caracterizado pela auto-representação da realidade vivenciada, a ausência de fontes de sentido tradicionais incontestáveis e uma construção de significados individualizada, em que o projeto do eu deve ser reflexivamente realizado num ambiente social tecnicamente competente, mas moralmente árido (GIDDENS, 2002).

Castells (1999) aponta para os pontos fracos de tais afirmações ao estabelecer uma diferenciação não apenas entre sujeitos e indivíduos, como também entre tipologias de identidades: “*Sujeitos não são indivíduos, mesmo considerando que são constituídos a partir de indivíduos. São o ator social coletivo pelo qual indivíduos atingem o significado holístico em sua experiência*” (CASTELLS, 1999: p. 26). A autonomia dos atores inseridos no mundo moderno está subordinada a estruturas hierárquicas mais amplas, restringindo-se assim o alcance da reflexividade pressuposta por Giddens (2002) na definição dos indivíduos modernos e da própria noção de identidade. Tal capacidade depende de uma consciência da realidade que na prática é restringida não apenas pelas dimensões desta, e do alcance do olhar individual, como também pela posição social ocupada por determinado sujeito (CASTELLS, 1999).

O surgimento da sociedade em rede evidencia assim processos de construção da identidade na modernidade tardia, introduzindo novas formas de transformação social devido ao fato de fundamentar-se numa quebra entre global e local para a maioria dos indivíduos e grupos sociais. Neste sentido, Castells (1999) diferencia esses atores, em contraposição a homogeneização da noção de indivíduo aplicada por Giddens (2002). Segundo o autor, a modernidade tardia implica não apenas na separação das noções de tempo e espaço, como também entre poder e experiência. O planejamento reflexivo da vida só pode ser acionado,

portanto, por aqueles que ocupam o espaço atemporal de fluxos globais e locais: as elites mundiais. Para os sujeitos de uma forma geral, tal possibilidade torna-se impensável. A partir dessa argumentação Castells (1999) se contrapõe a uma caracterização da identidade individual como um projeto auto-referido marcado apenas pela reflexividade. Ou ao menos à proposta de se tomar esta possibilidade como característica à modernidade, sendo, portanto, generalizável na definição do próprio indivíduo moderno.

Ao mesmo tempo, o autor chama atenção para a posição ocupada pela sociedade na dinâmica de construção de significados, assim como para o posicionamento assumido pelos indivíduos em sociedade. A sociedade em rede apresentada por ele é caracterizada por uma tendência ao retraimento e desarticulação das sociedades civis: *“sujeitos, se e quando construídos, não são mais formados com base em sociedades civis que estão em processo de desintegração, mas sim como prolongamento da resistência comunal”* (CASTELLS, 1999).

Segundo Bauman (2005) o pertencimento a determinado grupo social como ponto a partir do qual se estabelecem identidades perde sua capacidade de apresentar-se como fonte estável de sentido. O posicionamento do indivíduo com relação ao caráter líquido das fontes de sentido, sua determinação em manter-se firme a uma determinada representação de si, bem como os caminhos percorridos por ele, apresentam-se como fatores cruciais tanto para o pertencimento quanto para a identidade. A identidade apresenta-se como uma tarefa, acima de tudo, algo a ser inventado, e não descoberto. Dada a incapacidade da sociedade em conferir sentido às existências individuais, a multiplicidade e liquidez que caracterizam os caminhos possíveis, a identificação assume um papel cada vez mais importante na busca por um “nós” capaz de assumir ares de estabilidade, mesmo que momentânea.

Seguindo com a visão de Bauman, neste movimento se amplia também a importância dos grupos de sociabilidade, sejam estes definidos como paraísos comunais, grupos de identificação, redes de relações... Sejam refúgios à demanda imperativa por identidades individuais ou espaço para o desenvolvimento de novas formas de relacionar-se com o outro, os grupos sociais assumem importância destacada nos dias de hoje. Pulverizados como nunca, redutos diversificados e flexíveis de identidades plurais, estes espaços são ocupados pelos sujeitos como mais um dos possíveis, e se tornam refúgio para as diversas faces de suas múltiplas identidades. Transformam-se em ferramenta na luta simultânea contra a dissolução e fragmentação, típicas a própria identidade moderna, ao mesmo tempo em que se constituem

como ínfima parte de fragmentos já dados. Como grupos, permitem o fortalecimento da luta pela sobrevivência do eu, como si mesmo ou como parte, por mais que como coisa ou outra é que se constitua como tal.

O processo através dos quais os sujeitos conferem significados para a realidade em que estão inseridos, estabelecem visões sobre si a partir das relações estabelecidas, é um dos focos deste trabalho em favor da apreensão das identidades dos jovens analisados. Os sujeitos acompanhados para o desenvolvimento desta argumentação serão analisados a partir de uma rede de sociabilidade cuja formação, manutenção e, sobretudo, processo de construção de significados coletivamente legitimados serão utilizados na tentativa de compreensão de uma identidade juvenil muito específica.

Neste sentido, qualquer proposta de mapeamento do que seriam auto-identidades, ou identidades individuais, aqui apresentadas pressupõe uma construção de si que se dá através do contato com o outro. Mais do que discutir as aplicações possíveis a uma noção generalizada de reflexividade, suponho que haja visões de si auto-referidas, mas que se constituem em relação. Um processo contínuo de troca em que o eu só se pode fundamentar a partir de seu contato com o outro, as identidades individuais não possuindo sentido senão através do seu reconhecimento social. Ao mesmo tempo, assumo uma perspectiva de análise que apreende as identidades como arcações fragmentados, instáveis em certo sentido, onde não há essência, coerência ou possibilidade de polarização lógica entre indivíduo e sociedade. Uma construção interativa acima de tudo, que possui peculiaridades dadas pelo desenvolvimento da própria sociedade moderna, onde mais do que adaptar-se as diferentes situações, os sujeitos têm a capacidade de apresentar-se segundo diferentes identidades sociais, tão fragmentadas quanto o próprio contexto em que se inserem.

Falar de formação das identidades não implica em supor que haja um processo final em vias de se completar, mas a disposição em tentar compreender os significados que, neste caso, servem como base para a construção de identidades juvenis, de acordo com os aspectos da realidade em que este grupo de jovens está inserido. Ao mesmo tempo, cabe ressaltar que todo o processo, tanto de constituição das identidades quanto de possível transformação de seus conteúdos simbólicos se desenvolve na relação com outros sujeitos e dentro de um campo de possibilidades em constante negociação (VELHO, 2003).

Os indivíduos se constituem enquanto tais a partir das relações estabelecidas e das

vivências experimentadas. Como a sua inserção na coletividade se faz através de diferentes espaços, papéis e contextos valorativos e comportamentais, tendem a ser acionadas diferentes identidades de acordo com as relações estabelecidas. Compreende-se identidades como fontes de significado cujo sentido se refere aos próprios atores, são constituídos por eles e através de um processo de individuação em um movimento cuja autonomia, sempre relativa, varia de acordo com a posição ocupada por eles na sociedade. São construções relacionais, e autoconstruídas, definidas através de normas estruturadas pelas instituições e organizações da sociedade (CASTELLS, 1999).

Assim sendo, a opção por trabalhar com os universitários moradores de república envolve, inicialmente, uma escolha: a eleição da identidade que se pretende mapear. Mesmo dentro de um contexto específico, os sujeitos analisados acionam diferentes identidades, que perpassam desde o pertencimento à universidade (em contexto mais amplo) até a composição de uma república, casos estes analisados em diferentes momentos deste trabalho.

Para que um grupo de sociabilidade se apresente como uma fonte de sentido realmente válida na construção das identidades individuais, é necessário que o sentimento de pertencimento seja construído, interna e externamente. Veremos no Capítulo II como compor uma república específica pode influir muito (ou muito pouco) sobre a percepção de si desses jovens. Dadas à multiplicidade de sentidos, e de fontes de sentido apresentadas pela realidade analisada, o foco de análise deste trabalho, assim como vimos anteriormente, será a construção e legitimação de uma identidade juvenil específica a esses estudantes. Algumas das diferentes nuances apresentadas serão mencionadas de acordo com sua validade para o desenvolvimento da argumentação.

A construção identitária é subjetiva e coletiva, pois se delinea a partir do contato com aquilo que não é, em um movimento duplamente ativo de construção de uma autopercepção de si e apropriação de representações a partir das respostas do outro, demanda por reconhecimento e legitimação (SILVA, 2000). As redes de relações apresentam-se assim como importante base para a formação e o fortalecimento dessas representações, sejam os grupos dos quais esses sujeitos fazem parte ou não.

As identidades possíveis estão colocadas tanto na relação dos sujeitos com sua realidade em trajetória quanto nos contatos estabelecidos com o outro. Sendo assim, aquilo que se é está muito aquém daquilo que se pode ser no que se refere à amplitude dos conteúdos

disponíveis às potencialidades do vir a ser. Ao mesmo tempo, as diversas faces de uma mesma identidade apresentam-se como significativas apenas em correspondência com o que está fora delas, como já apontou WOODWARD (2000). Assim também, parto da suposição de que a definição do conteúdo identitário dos estudantes universitários assume características tão específicas quanto às situações em que se inserem, apresentando relevância e complexidade proporcional à importância de se apresentarem enquanto tais ou quais. Ao mesmo tempo, segundo o contexto experimentado pelos jovens aqui analisados, se constroem formas de vivenciar, e até mesmo significar, suas juventudes.

1.2 - Jovens novidades, novas identidades

O afastamento dos mais jovens com relação aos adultos é apontado por muitos estudiosos como parte do processo de desenvolvimento pessoal dos sujeitos e característica do próprio desenvolvimento do conceito de juventude como construção social; mas assume, como a própria noção de juventude, características específicas em cada sociedade e período histórico (ABRAMO, 1994; ARIÉS, 1981; ELIAS, 1998; etc.).

De fato, podemos falar da crise de identidade como o aspecto psicossocial do processo adolescente. Nem essa fase poderia terminar sem que a identidade tivesse encontrado uma forma que determinará, decisivamente a vida ulterior (ERIKSON, 1987).

Ariès (1981), em sua análise do surgimento e legitimação do sentimento de família e infância nas sociedades ocidentais a partir da idade média, destaca como um dos primeiros sintomas do reconhecimento social das especificidades dos mais jovens a diferenciação entre

atividades nas diversas fases da vida, marcada pela separação dos espaços físicos e simbólicos ao alcance das diferentes gerações dentro do grupo familiar. São tipificadas nesse processo formas de ser criança ou adulto pela legitimação de um comportamento aceitável para cada grupo etário; assim como se deixa de apreciar o convívio indiscriminado entre gerações. Reconhece-se a diferença e tal reconhecimento é traduzido em distanciamento, meio prático de garantir a interiorização de papéis que não mais se misturam, interpretado por Ariès (1981) e por outros como processo progressivo de assimilação de normas sociais e construção do que seriam indivíduos plenos, os adultos.

Tal distanciamento intrafamiliar começa a se delinear ainda nas casas das famílias mais abastadas e assume maior eficácia com o surgimento das instituições de ensino, movimento apontado por Elias como um “*síntoma de una desfuncionalización parcial de los padres*” (ELIAS, 1998: p. 437). Os grupos familiares passam a dividir a formação de seus filhos com entidades coletivas, como colégios, instituições religiosas, etc. Progressivamente, é estendido e compartimentado esse período da vida, culminando não apenas com a valorização da infância, como também com a criação da própria noção de juventude.

Ao mesmo tempo, as transformações vivenciadas pelas famílias modernas evidenciam todo um processo de fragmentação das fontes valorativas. Alguns autores apontam para uma multiplicidade de fontes de sentido e, paradoxalmente, um fenômeno de esvaziamento de sentido em um caráter coletivo e englobador. A ausência de uma base hegemônica de significados ao mesmo tempo em que dá margem à uma gama quase infinita de possibilidades de escolha, combináveis e re-combináveis, de movimentação constante e intensa também implica numa atmosfera instável e, muitas vezes, inquietante (ALMEIDA, 2006; PAIS, 2006; CASTELLS, 1999).

Algumas dessas mudanças começaram a se delinear durante a legitimação das diversas instituições que passam a compartilhar com as famílias o papel de formação dos sujeitos. Ao mesmo tempo, essa constatação não se apresenta como sintoma de um vazio ideológico, já que a multiplicidade de caminhos a serem seguidos é característica da própria modernidade. As “*identidades legitimadoras, simplemente secaram*” e não há evidências do surgimento de outras (CASTELLS, 1999: p. 418).

Em meio a essa atmosfera borbulham identidades múltiplas, construídas nos mais diferentes ambientes e relações. Como vimos acima, seus conteúdos e forma são definidos

apenas no contato entre diversas realidades e aspectos das socialidades em que estão inseridos, a partir da própria definição das diferenças, numa forma de ser que se delimita a partir daquilo que não é (WOODWARD, 2000). “*O ‘eu’ perde-se no ‘outro’, num desencontro no que se encontra a identidade nas teias da socialidade, pois esta é um palco de transferências: de emoções, de saberes, de sensibilidades*” (PAIS, 2006: P. 18). A conceituação da noção de juventude se insere nessa discussão ao ser apresentada como uma construção social e, portanto, histórica e culturalmente marcada.

Galland (1997) aponta para transformações profundas na definição da juventude com o desenvolvimento da sociedade moderna e as mudanças sociais decorrentes desse processo. Segundo o autor, vivenciamos contemporaneamente uma passagem de um modelo de identificação a um modelo de experimentação:

Le premier [...]. Il est basé sur un processus de transmission sans altération, d’une génération à l’autre, de statut et de valeurs relativement stables. Ce modèle fonctionnait dans chaque catégorie sociale et était fondé sur l’identification au statut et au rôle paternels [...]

Le modèle ancien laisse donc place à un modèle de l’expérimentation. [...] Je parle d’expérimentation parce que la définition de soi se construit plus qu’elle n’est héritée. Elle se construit au gré d’un processus itératif, fait d’essais e d’erreurs, jusqu’à à parvenir à une définition de soi à la fois satisfaisante sur le plan de la self-esteem et credible aux yeux des acteurs institutionnels. Fondamentalement, cette phase d’expérimentation de plus en plus longue explique la prolongation de la jeunesse et sa formation comme un nouvel âge de la vie (GALLAND, 1997 : pp. 159-160).

Assim também se tornam cada vez mais fluidas as fronteiras etárias, dificultando, senão impossibilitando, tentativas amplas de classificação. Esta forma de delimitação é utilizada por muitos estudos (SINGER, 2005; NOVAES, 2005; TAVARES, 2004) como significativa para a classificação daqueles que estão na fase jovem da vida. Estas análises procuram, a partir da pressuposição de uma trajetória comum, trabalhar com um universo mais amplo e, talvez assim, estabelecer propostas analíticas que sirvam como base para a compreensão do todo. São estudos de grande importância na tentativa de apreender as peculiaridades, por exemplo, da juventude brasileira, no geral.

Ao mesmo tempo, o estabelecimento do que pode ser dado como comum a uma gama

tão ampla de casos e situações requer, necessariamente, que seja estabelecido um isolamento das características individuais e variantes ao nível mais simplório dos critérios universais. Assim corre-se o risco não apenas de perder de vista peculiaridades significativas entre as diversas “formas” possíveis de se viver a juventude, como também de cair no vácuo de uma caracterização que a nenhum desses tipos corresponde. É preciso se ter em conta que “*o que é comum a todos só pode ser de posse daquele que menos possui.*” (SIMMEL, 2006: p. 54).

Neste trabalho não se pretende chegar a resultados definitivos sobre as características da juventude brasileira no geral, ou sequer do grupo de estudantes da UENF. Este trabalho se justifica pela defesa da importância em se considerar as peculiares situações em que se constroem as diversas juventudes e os elementos significativos para a construção social de suas identidades. A tentativa de estabelecimento de uma máxima generalizante e estritamente definida do termo apresenta-se, dentro da proposta de pesquisa apresentada, como um desafio audacioso por sua própria pretensão. Assume-se, portanto, um posicionamento que se exime de tal tentativa ao ressaltar o caráter socialmente variável do conceito de juventude, mesmo em um contexto delimitado (ABRAMO, 1994).

A partir de tais considerações, é “*preciso então decidir sobre que ‘jovem’ queremos, apesar de todo e tudo, falar*” (VIANNA, 1997: p. 11). O exercício que se faz necessário diz respeito à necessidade de se pensar, a partir das possíveis perspectivas de análise do termo, as contribuições para a compreensão de uma juventude no singular, e nem por isso homogênea. Este fenômeno é inserido nas discussões da noção de identidade como construção social inserida no contexto da modernidade.

A visão da psicologia social de Erikson influenciou durante muito tempo os estudos sobre a juventude. Para ele, a infância é definida como um período em que a personalidade carece de uma noção de unidade e capacidade de perceber corretamente o mundo e a ela própria. O processo de desenvolvimento dessas capacidades é marcado por crises sucessivas, períodos cruciais de vulnerabilidade. Entende-se aqui crise não como uma eminência de catástrofe, mas como fase de desajustamentos generativos. Enquanto fase de moratória social, a juventude é classificada como período de preparo para a fase de vida adulta que permite aos sujeitos nela inseridos experimentar possibilidades múltiplas sem um comprometimento com relação aos posicionamentos assumidos ou suas conseqüências (ERIKSON, 1987).

Diversos desdobramentos surgiram a partir desse paradigma interpretativo. Por um

lado, este serve como base para a análise de uma suposta recorrência de “grupos desviantes” formados por indivíduos jovens. A análise dos fenômenos adjacentes a essa que é tomada como peculiaridade desses indivíduos: a moratória social ou uma existência que independe de padrões comportamentais rígidos, como ponto de partida para o entendimento de “disfunções no processo de socialização” segundo o foco de trabalho dos pesquisadores de Chicago. Por outro lado essa visão da mocidade permite que seja apontada como recurso latente a toda sociedade, como potência de mudança, transformação social (MANNHEIM apud ABRAMO, 1994).

Tal interpretação se combina à defesa da juventude como uma fase de pré-funcionalidade. A noção de suspensão de uma vida social plena anterior a uma tomada de consciência e inserção segundo os moldes de uma “estratificação social” (HELLER, apud ABRAMO, 1994). Os jovens são apreendidos desta forma como sujeitos cuja existência ainda não é reconhecida, cuja individualidade em processo de construção se encontra ainda num período de liminaridade. Numa sociedade carente de rituais de passagem para a vida adulta, ser jovem é estar numa espécie de limbo social cuja entrada se dá sem que haja aviso e cuja saída não está datada. Segundo tal apreensão do termo jovem, uma total e plena inserção na vida social é marcada pela inserção no sistema produtivo, o que me faz pensar no paradoxo da precoce entrada no mercado de trabalho de jovens das classes baixas.

Segundo Müller (2005), A delimitação etária está marcada por uma relação de poder em que há uma dependência entre os mais jovens e os mais velhos que tendem a se diluir, senão reverter, com a superação da fase juvenil, em contraste com o observado entre os sexos, por exemplo. Tal superação é possível dada a transitoriedade que a própria delimitação etária pressupõe.

O que há de específico da idade é que, com o passar do tempo, existe uma superação desses papéis de subordinação – o indivíduo em situação de dependência passa a ser autônomo com a idade adulta, e pode até voltar a estar numa situação de ambígua dependência com relação a seus descendentes em sua velhice (MÜLLER, 2005: p. 65)

A associação entre juventude e transitoriedade, vida adulta e estabilidade, implica numa definição do status de jovem, em oposição ao de adulto, que se dá a partir da

pressuposta ausência de obrigações sociais. Adultos são apresentados como indivíduos dotados de um conjunto determinado de responsabilidades, e a transição para a vida adulta é caracterizada pela progressiva assimilação desses “novos papéis” previamente determinados como não juvenis como responsabilidades parentais, um tipo ocupacional ou habitacional pré-definido (MÜLLER, 2005). A problemática por trás dessa perspectiva envolve as diferenciações dentro de uma mesma sociedade no que se refere ao período vital em que jovens inseridos numa faixa etária se deparam com a necessidade prática de assumir ou não certo posicionamento e, neste sentido, também possíveis transgressões sociais.

A procriação, ou o vínculo marital como critérios de delimitação das fases da vida são problematizados por questões como a gravidez na adolescência e o adiamento, senão negação, do vínculo marital. Brandão (2003) demonstra como a gravidez na adolescência se constitui entre as classes médias cariocas como evidência de interessantes transformações nas relações familiares, e da peculiaridade com que esse grupo apreende a noção de juventude, em que a problemática vivenciada é traduzida como integrante às trajetórias individuais. A maternidade/paternidade precoce não é interpretada como um incidente deslocado de suas vivências, implicando numa interrupção dos projetos do jovem, e sim elemento integrante de suas trajetórias. É parte do processo de construção e legitimação da individualidade e autonomia que é apontado como um projeto familiar:

A gravidez na adolescência está inscrita no interior do processo social de individualização do adolescente ou jovem, portanto, é uma dimensão contingente à lógica de modernização dos comportamentos sociais vigentes que vigora entre segmentos médios da sociedade brasileira, com significativas repercussões no universo familiar (BRANDÃO, 2003: p. 81).

Estes estudantes não vêem sua juventude se esvaír a partir de um “incidente” ilegítimo às suas vivências, mas dão prosseguimento aos projetos juvenis através dessa experiência. A procriação, ou o estabelecimento de relacionamentos estáveis, não pode ser considerada, portanto, como um indicativo da chegada à vida adulta. Não há uma alteração do estatuto social desses jovens, como costuma ocorrer entre as classes populares. É evidenciada dessa forma a necessidade em se considerar as singularidades do processo de construção identitária entre as diferentes formas possíveis de se vivenciar a juventude, lembrada por

Brandão (2006) e apontada anteriormente por Singly (2007).

Uma noção de moratória social apreendida como espécie de “quarentena” juvenil é incapaz de abarcar diferentes formas de ser jovem presentes dentro de um mesmo grupo social. Estabelece apenas uma diferenciação quanto aos jovens “culturalmente juvenis” e aqueles que não se caracterizam como tais (MÜLLER, 2005). A delimitação etária se estabelece, portanto, enquanto relação de poder que se impõe não apenas aos jovens como um todo, como aos diferentes grupos etários, independente da fase vivenciada.

Ausência de ordenação, ou período de turbulência, são tentativas de definição ainda mais problemáticas, sobretudo ao se suporem contrastantes a uma estabilidade característica a vida adulta. Sua insuficiência é apresentada em contraste à própria complexidade do mundo atual refletida, sobretudo, nas sociedades ocidentais. É o mesmo que “*não levar em conta ‘o fluxo subcultural e a natureza dinâmica do estilo’*” (CLARKE, apud VIANNA, 1997: p. 14).

A dinâmica por trás da construção das identidades individuais é o ponto chave para a compreensão das diferentes formas de ser jovem no mundo moderno ocidental, implicando em multiplicidades temporais, territoriais e de experiências vivenciadas por diferentes grupos juvenis ou até mesmo sujeitos inseridos em um mesmo grupo (VELHO, 2006). O debate em torno da precisão do conceito de juventude vem se desenvolvendo mais intensamente nos últimos anos. Trata-se de uma problemática sempre atualizada entre os pesquisadores, bem como sua relação com discussões que remetem a condições tomadas como típicas da modernidade, relativas à formação das identidades individuais ou uso do espaço e sua implicação para a construção das juventudes. Todas essas propostas analíticas atravessam concepções sobre juventude, bem como apontam os diferentes aspectos relativos à construção das identidades, sua legitimação e performances. A singularidade do termo jovem está em seu uso sobre um conjunto específico de indivíduos, e ainda assim pode ser relativizada.

Mais do que um estado de espírito refletido em um estilo de vida tido como típico do que seria ser jovem (VIANNA, 1997), ou um grupo de indivíduos de uma mesma faixa etária, proponho uma discussão de juventudes específicas que se delineiam segundo contextos peculiares. Ao mesmo tempo, pensar no que há em comum entre esses sujeitos genericamente classificados como tal mostra-se necessário para o desenvolvimento de um estudo deste tipo. Assim como venho expondo, assumo uma interpretação do conceito de juventude como construção social que apresenta variações históricas e que assume uma centralidade ímpar em

consonância com o desenvolvimento da sociedade moderna e o fortalecimento de sua entidade principal: o indivíduo (ELIAS, 1998; ABRAMO,1994; BOURDIEU,1983; REZENDE, 1989). É essa entidade, baseada em princípios de racionalidade e autocontrole, que teria lançado uma nova disposição dos sujeitos sociais com relação ao todo em que estão inseridos.

Parto da premissa de que a modernidade confere e ao mesmo tempo demanda um tipo de posicionamento diferenciado. Ao mesmo tempo, a multiplicidade de papéis passíveis de serem assumidos, a ausência de conteúdos previamente definidos a serem assimilados ou ritos de passagem delimitadores das diferentes fases vivenciadas, implicam numa situação de ambigüidade (ABRAMO, 1994).

A formação dos sujeitos ocidentais modernos se dá pela construção de identidades individuais, e numa realidade onde não há hegemonia, fixidez ou territorialidade: “*ao mesmo tempo em que referências identitárias locais e fixas persistem, identidades globais flexíveis e móveis começam a produzir efeitos desestabilizadores e inquietantes*” (ROLNIK, apud ALMEIDA, 2006, p. 143). Como se não bastasse o fato do próprio conceito de juventude variar segundo a definição de indivíduo adulto, variante por sua vez dentro de um mesmo grupo, temporalmente e segundo contextos específicos; não há um conteúdo ou significado predefinidos. As identidades se constroem, como a própria noção de juventude, na relação com o outro, a realidade vivenciada e o momento histórico específico, portanto, “*essa vida social deve ser caracterizada por sua diversidade e não pela busca daquilo que é uniforme*” (VIANNA, 1997: p. 14).

Concentrados os esforços na compreensão de identidades juvenis, não me aventuro a delimitações mais precisas do que aquelas que abarquem auto-representações de si com relação à fase vivenciada¹⁶, considerando que sua validade está diretamente ligada ao reconhecimento pelo outro dessa identidade.

¹⁶ Insisto numa diferenciação com relação à possibilidade da juventude ser considerada enquanto estilo de vida.

2 Tecendo redes de relações

2.1 O ponto de partida: dados objetivos

2.1.1 UENF e estudantes como atores em relação

A Universidade Estadual do Norte Fluminense está situada na cidade de Campos dos Goytacazes, Região Norte do Estado do Rio de Janeiro. Fundada em agosto de 1993, prossegue em sua segunda década de existência. A instituição oferece 17 cursos, sendo 15 presenciais e 02 à distância (ministrado em parceria com o CEDERJ), e está presente em oito municípios do Estado do Rio de Janeiro, oferecendo cerca de 1.000 vagas anuais. Atualmente, o número de alunos matriculados na graduação chega a 4.000, dos quais aproximadamente 75% são originários das regiões Norte e Noroeste Fluminense¹⁷.

Considerada a relativa proximidade entre a localização da universidade e a cidade de origem da maioria dos estudantes, a mudança do local de habitação se caracteriza como uma alternativa entre outras. Segundo esses dados, três quartos dos alunos da universidade são originários de cidades num raio de menos de 150 km. Neste sentido, pude observar o papel exercido pelo fretamento de ônibus por grupos de estudantes dessas regiões que possibilitam o deslocamento diário em direção às instituições de ensino superior não apenas em Campos, como em Friburgo, Além Paraíba, Itaperuna, etc; permitindo que seja mantido o endereço de residência e, muitas vezes, de trabalho do novo estudante. As viagens entre a cidade de origem e o local de estudo duram no máximo uma hora e meia, não mais do que o necessário para que muitos dos estudantes moradores da cidade do Rio de Janeiro ou adjacências se desloquem até as salas de aula das universidades cariocas.

Um volume diário de estudantes que vão e voltam de sua cidade de origem em direção

¹⁷ Segundo dados da assessoria de comunicação da universidade:
http://www.uenf.br/Uenf/Pages/Reitoria/Graduacao/index.html?grupo=GRADUACAO_UENF.

a cidade de Campos todos os dias é facilmente identificável¹⁸. Uma média de nove ônibus permanece estacionada em frente à UENF durante a noite esperando pelo término das aulas. São ônibus fretados pelos estudantes ou disponibilizados pelas prefeituras de Macaé, Casimiro de Abreu, Itaocara, São Fidélis, São Francisco do Itabapoana, Bom Jesus do Itabapoana, entre outras. Por outro lado, este dado não é significativo para se estimar o número de alunos da UENF que continuam morando com os seus pais após a entrada na universidade, sobretudo se considerada a alta concentração de instituições de ensino superior na cidade¹⁹. Estes ônibus atendem estudantes da UENF, assim como dessas diversas instituições.

Por outro lado, o deslocamento habitacional não pode ser tomado como uma escolha entre outras opções se considerada a dinâmica universitária característica do caso analisado. Na UENF os cursos de graduação têm a sua carga horária distribuída em diferentes partes do dia. Apenas os cursos de licenciatura são ministrados durante a noite, e o bacharelado não se divide nos turnos da manhã ou da tarde. Sendo assim, todos os cursos de bacharelado se caracterizam por uma distribuição integral de aulas, por mais que possa haver horários vagos durante o dia letivo. Ao mesmo tempo, o exercício da atividade de bolsista da própria universidade é muito comum entre os estudantes da UENF. Parte considerável dos estudantes realiza atividades remuneradas dentro da instituição de ensino nos seus horários vagos, ocupando, portanto, todo o dia útil com atividades acadêmicas (BLANC, 2006).

Mesmo que as repúblicas não sejam a realidade única da UENF (há um número considerável de alunos campistas matriculados da universidade²⁰, e outros tantos que vão e voltam todos os dias para suas cidades de origem), é indiscutível que elas exercem uma presença muito marcante entre esses estudantes devido às características que são próprias à universidade.

A forma como UENF e estudantes se relacionam vai além do simples esquema ensino aprendido, seja devido à peculiaridade com que são distribuídas as disciplinas dentro da

¹⁸ Apenas no turno da noite, vale ressaltar. A presença dos ônibus é quase insignificante durante o dia, se comparada ao período noturno: no máximo dois, quando algum. Observei também que tais presenças estão relacionadas mais diretamente à busca por um local para estacionamento do que à proporção de estudantes da UENF atendidos pelos ônibus, já que a universidade está localizada numa área extrema da cidade, mais pacata do que os bairros que atendem à Estácio e à Universo, por exemplo (Av. 28 de março, uma das mais movimentadas da cidade).

¹⁹ Mais de 10 instituições de ensino superior estão instaladas na cidade: Universidade Estácio de Sá, Universo, Faculdade de Odontologia de Campos, Faculdade de Direito de Campos, Faculdade de Medicina de Campos, Universidade Cândido Mendes, Cefet, Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Filosofia de Campos, UENF, entre outras.

carga horária semanal, ou o programa de pesquisa previsto pelo próprio projeto de fundação da universidade (RIBEIRO e MATIAS, 2006), por meio de incentivos à participação em laboratórios através das bolsas e a exigência de defesa de monografias individuais de conclusão de curso. E essa relação incide sobre as experiências vivenciadas pelos estudantes da instituição, como veremos no decorrer deste trabalho, em diferentes aspectos. A forma como organizam seu tempo, suas relações e estilos de vida estão diretamente marcados pelo seu pertencimento acadêmico peculiar. O exercício da atividade de bolsista pode possibilitar não apenas um estreitamento das relações entre funcionários e alunos, que passam a conviver como “parceiros” de pesquisa ou a inserir-se em hierarquias típicas do mundo do trabalho, como também exigem um maior investimento de tempo pelos estudantes.

A relativa proximidade entre a casa paterna e a universidade não se reflete na continuidade da coabitação do jovem com a família após a sua entrada no ensino superior. Ao menos não como se poderia esperar. Ao mesmo tempo, a universidade não disponibiliza alojamentos estudantis ou alternativas de alimentação mais barata no campus, como os bandejões subsidiados pelo governo. As peculiaridades do ambiente acadêmico, os serviços oferecidos (ou, nesse caso, não oferecidos) e características da cidade de Campos dos Goytacazes e região culminam com a concentração espacial das moradias estudantis no entorno da universidade. E esta tendência está em relação direta com o cotidiano estudantil estabelecido, este tomado além da vivência intra-muros à universidade.

Pretendo demonstrar neste trabalho como a juventude vivenciada pelos estudantes analisados é atravessada pela instituição de ensino na qual estão inseridos: a universidade como um ator que se coloca em relação e que marca o estabelecimento de suas identidades. Não simplesmente porque ser estudante da UENF lhes confere um sentimento de pertencimento e auto-percepção de si específicos, mas porque a relação que estabelecem com a universidade permeia suas relações com outros atores sociais, consigo mesmos, com o espaço que ocupam, e etc. Não se constrói assim apenas uma identidade institucionalizada: ser aluno da UENF. Mas um modo de vivenciar determinada fase da vida, uma identidade juvenil atravessada pela trajetória educacional, dadas as peculiaridades que esta experiência pressupõe.

²⁰ Não foi possível estimar o número exato, já que a universidade não possui, ou não disponibiliza estes dados.

2.1.2 O contexto urbano e os usos da cidade.

A opção por concentrar meus esforços de pesquisa em um único condomínio, assumida em pesquisa anterior e redirecionada na elaboração da dissertação, se deu através da constatação de altos níveis de concentração de estudantes no entorno da universidade. Naquele período, mais precisamente, em um condomínio. Em quinze anos de existência da universidade, a vizinhança foi consideravelmente tomada pelos estudantes, funcionários técnicos e professores da instituição. O Condomínio Verdes Campos, cuja existência é mais antiga do que a construção da UENF, possuía em inícios de 2006 quase a metade de seus apartamentos (304 no total, divididos em 19 prédios, ou blocos) ocupados por pessoas ligadas à instituição. Em sua maioria grupos inteiros de estudantes em repúblicas, três por moradia em média, até seis, oito, em certos casos, dividindo um imóvel de três quartos, sala, cozinha, banheiro e área de serviço (BLANC, 2006).

Pude acompanhar nos últimos seis anos os efeitos da especulação imobiliária incidindo sobre os custos do aluguel de um dos seus imóveis. Foi calculado um aumento médio de 167% no valor do aluguel e 260%²¹ no valor do condomínio que deve ser pago por aqueles que desejam ter apenas que atravessar a avenida para estar no campus universitário²².

O reduzido custo de vida oferecido anos atrás por este conjunto de apartamentos em comparação com os imóveis vizinhos já não justifica a contínua concentração de estudantes. Por outro lado, assim como tal aglomeração se estende para outros condomínios e casas da vizinhança, para a rede de relações aqui analisada, composta por estudantes instalados tanto

²¹ Durante o ano de 2003, o aluguel de um dos apartamentos custava uma média de R\$ 300,00, enquanto o condomínio mensal era de R\$ 85,00. No ano de 2008, os apartamentos disponíveis para aluguel haviam ultrapassado o valor de R\$500,00 ao mês, e o condomínio atingido R\$ 220,00, com variações. Esses dados são referentes aos valores crescentemente pagos por mim, no mesmo imóvel, num intervalo de quatro anos e a relatos dos próprios estudantes, durante entrevistas ou conversas informais.

²² Vide mapa 2.

no V_c ²³ quanto em outros locais, este espaço de habitação se mantém como importante local de sociabilidade, representado pelas repúblicas ali instaladas.

Observando de forma ampla a localização das moradias durante toda a duração do trabalho de campo, em ambas as pesquisas, não foi identificado nenhum estudante da UENF não campista, morador de república, instalado em outra área da cidade senão a que se estende aos entornos da Av. Alberto Lamego. Não se pode pressupor a partir desta constatação que não haja, mas talvez esta seja uma pista de seu reduzido número. Uma definição clara da proporção de estudantes instalados nas proximidades da universidade só seria possível a partir de um levantamento de dados amplo e exaustivo, desnecessário para os objetivos desta pesquisa.

Assim como o observado com relação à localização da cidade de origem dos alunos e a sua opção pelas moradias coletivas, a concentração dos estudantes no entorno da universidade, facilmente identificável, pode sugerir os efeitos da dinâmica acadêmica. Mas insere uma discussão mais ampla, relacionada com o uso da cidade pelos estudantes.

Além da falta de bandejões e a limitada oferta de serviços pelo bairro²⁴, a carga horária integral que absorve grande parte desses jovens, e as dificuldades de deslocamento vêm a se somar entre fatores possivelmente considerados no instante de escolha do imóvel para a formação das moradias coletivas estudantis. Passemos a uma breve descrição da localização da universidade na cidade de Campos dos Goytacazes.

A distância geográfica entre a universidade e o centro da cidade de Campos é irrisória se comparada à dificuldade de acesso entre o bairro e o resto da cidade. Apenas duas empresas de transporte público atendem a esta região, percorrendo trajetos que duplicam, senão triplicam, o tempo necessário para a locomoção dos moradores do bairro Parque Califórnia²⁵.

²³ Categoria Nativa referente ao Condomínio Verdes Campos.

²⁴ Recursos estes analisados abaixo.

²⁵ Bairro em que está situada a UENF, segundo endereço apresentado no site da universidade.



Mapa 1 – Localização da UENF na cidade de Campos dos Goytacazes.

Objetivo demonstrar alguns dos fatores apontados pelos próprios estudantes como significativos para que optassem por instalar-se no entorno da universidade. As dificuldades de locomoção, mais do que a distância objetiva entre o Horto e o resto da cidade, e o tempo necessário para percorrer esses trajetos, somada à distribuição da carga horária estudantil para a maioria dos cursos de graduação, como elementos a se considerar na busca por uma moradia de aluguel mais próxima a instituição de ensino. Ao mesmo tempo, a proximidade possibilita que realizem as suas refeições nas moradias, bem como um melhor aproveitamento do tempo livre (possíveis horários vagos entre aulas) para descanso, estudo ou a realização de atividades voltadas para a manutenção da habitação. Os dados obtidos durante o trabalho de campo nas diferentes fases da pesquisa reafirmam uma concentração maciça de repúblicas compostas por estudantes da UENF nos condomínios e casas próximos à universidade.

Ao mesmo tempo, a locomoção é colocada como questão de extrema relevância não apenas no que se refere à moradia em outras áreas da cidade, como também ao deslocamento dos estudantes em seus momentos de lazer.

A instalação desses jovens em determinada área da cidade não é dada. Foram observados muitos universitários, alunos de outras instituições, que habitam áreas da cidade muito diversas daquela em que estudam. Neste sentido, pode-se afirmar que a cidade de Campos apresenta um espaço típico de moradia estudantil: a Av. Pelinca. Mais precisamente, dois prédios são socialmente reconhecidos pelos nativos campistas como moradia

característica de estudantes na cidade: o “Pelincão” e o “Formosão”. Estes estão localizados em áreas socialmente valorizadas da cidade, sobretudo entre os jovens, nativos ou não, no entanto, não há nenhuma instituição de ensino superior na Pelinca.

O valor social do bairro é dado pela concentração de bares, shoppings e restaurantes. A Avenida Pelinca é citada por oito dos dez entrevistados como principal espaço de lazer oferecido pela cidade de Campos, de forma geral (em contraposição aos lugares tipicamente *uenfianos*, localizados nas proximidades da universidade). Mas a frequência do grupo acompanhado durante o trabalho de campo a esta área da cidade foi muito pouco significativo, como veremos a diante.

A concentração dos jovens em determinada área da cidade, vizinha à instituição de ensino, mesmo nas horas livres, é um elemento significativo da relação estabelecida entre os estudantes da UENF e o centro urbano campista. Os espaços pelos quais circulam e as atividades realizadas durante suas horas livres são elementos que virão a integrar as relações estabelecidas com diferentes atores e entre si, tornando a sua descrição fundamental para a análise de suas identidades.

2.1.3 Espaços de lazer e oferta de serviços: a vizinhança

A pesquisa concluída anteriormente possibilitou um mapeamento dos hábitos e comportamentos de parte significativa dos estudantes da UENF moradores de república. Naquela ocasião, como visto anteriormente, a observação participante e realização de entrevistas se deu exclusivamente com moradores de um condomínio específico. Nesta pesquisa o foco se amplia e a delimitação etária limita-se àquela dada pelo próprio campo²⁶. No entanto, ambos os grupos apresentaram dados similares quanto ao uso do espaço urbano,

²⁶ Observei certa homogeneidade etária entre os integrantes da rede analisada, o que será analisado nos próximos capítulos. Ao mesmo tempo deve-se considerar o momento de formação educacional vivenciado por esse grupo de estudantes como um elemento delimitador por si mesmo.

comportamento e estilo de vida. O uso da cidade apresentado pelo conjunto de estudantes acompanhado durante a realização desta pesquisa perpassa a relação estabelecida com os outros moradores da cidade: os nativos campistas ou estudantes estrangeiros alunos de outras universidades, caracterizando-se pela legitimação de espaços de sociabilidade típicos *uenfianos* em contraste com aqueles utilizados pelos jovens de Campos em geral. Proponho-me neste momento a apresentar os espaços onde circulam os estudantes analisados, em favor de uma melhor compreensão dos relatos obtidos e do contexto em que se situam.

As entrevistas apresentadas nesta dissertação mencionam basicamente estabelecimentos no entorno da UENF, desde o Condomínio Verdes Campos, em frente à universidade, até a casa de festas Chamuá, localizado na Av. Felipe Uebe, transversal ao início da Av. Alberto Lamego:



Mapa 2: entornos da UENF e espaços de lazer.

As distâncias serão estabelecidas tendo como referência a entrada lateral da universidade, hoje²⁷ localizada na direção do número 3 utilizado no mapa para representar a localização do "bar do Gordo". Esta é a passagem utilizada com maior frequência pelos estudantes analisados, exceto os alunos dos cursos de veterinária, agronomia ou zootecnia²⁸. Objetivo desta forma nivelar o referencial de espaço entre os membros do grupo estudado, já que cada um dos nossos entrevistados habita diferentes pontos desta área da cidade, como

²⁷ Até princípios de 2008, a entrada lateral da universidade estava situada na rua Projetada Aguiar.

²⁸ O Centro de Ciências e Tecnologias Agrônomicas está situado numa área mais afastada, próxima à entrada principal, e o hospital veterinário ainda mais à direita. Esta passagem é considerada perigosa pelos estudantes para ser feita a pé, mas é mais rápida para aqueles que estão em bicicletas e a única que permite a entrada de carros.

veremos no mapa 3 (Capítulo IV). No ponto 1 está localizada a Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, a rotatória representada logo abaixo do traço horizontal no logotipo corresponde também ao ponto onde se situa a entrada principal da universidade.

No ponto 2 está localizado o Condomínio Verdes Campos, um conjunto de 304 apartamentos distribuídos em 19 blocos (prédios) de dezesseis apartamentos divididos em três andares. O condomínio oferece aos seus moradores uma quadra de esportes (equipada com traves de futebol), dois salões de festas com churrasqueira e dois *playgrounds*. A utilização da quadra é livre, enquanto o uso dos salões e churrasqueiras exige agendamento prévio e pagamento de uma taxa²⁹, assim como o respeito a um conjunto de regras definidas pela secretaria. Os estudantes utilizam esses espaços para a realização de confraternizações, mas em caráter mais restrito do que as festas de república propriamente ditas, onde há venda de ingressos a um público aberto.

Na calçada em frente ao VC funciona o “*trailer do Gordo*”³⁰ (ponto 3), ou Lanchonete do Claudio. O estabelecimento permanece aberto durante boa parte do dia e da noite, mas não funciona propriamente como uma lanchonete. “*Quem vai ter coragem de comer no gordo?*”³¹ Apenas alimentos industrializados são encontrados à venda: salgadinhos, bombons, balas. É o ponto mais próximo da universidade onde podem ser comprados cigarros, refrigerantes em embalagens grandes e bebidas alcoólicas (cervejas em lata ou garrafa ou certas bebidas destiladas em dose).

O Condomínio Residências do Horto está localizado no ponto 4 do mapa 2. Trata-se de um conjunto residencial constituído por casas, cujos custos de moradia se assemelham estreitamente aos do VC. Além das varandas presentes em quase todas as casas, outro elemento essencial para a sua diferenciação com relação ao Condomínio de apartamentos é a presença de uma piscina de uso coletivo. Mais de uma vez, acompanhando os estudantes em direção à festas durante o trabalho de campo o Residências do Horto foi ponto de parada para o encontro entre amigos. Banhos de piscina e churrascos também são organizados entre os estudantes observados neste local. São possíveis apenas festas particulares e em pequenas proporções, de acordo com o regimento do condomínio, e os moradores têm direito a dois

²⁹ R\$ 30,00 e R\$17,50, respectivamente.

³⁰ Categoria Nativa.

³¹ Frase ouvida repetidas vezes durante o trabalho de campo da semana de 27/31 de outubro. Em referência a uma gíria freqüentemente utilizada pelo dono do bar, foi organizada uma festa no trailer denominada Peixe Gordo. Alguns estudantes

convites por apartamento para o acesso de suas visitas à piscina.

Há dois outros condomínios residenciais nesta região, um ao lado direito do Verdes Campos e o outro ao lado direito da zona comercial representada pela “*Padoca*”. Estes imóveis são direcionados a um público mais abastado, caracterizando-se por casas de grandes dimensões espaciais e infra-estrutura luxuosa. Durante todo o tempo de pesquisa entre os universitários não fui informada quanto a nenhuma república nesses locais, apesar de ter acompanhado moradias estudantis instaladas em grandes casas no entorno da universidade.

As festas observadas durante o trabalho de campo, mesmo aquelas realizadas em casas de república, aconteceram todas dentro das áreas contempladas pelo segundo mapa. Estão incluídos também os principais estabelecimentos comerciais frequentados pelos estudantes, o que pude acompanhar *in locus*, e foi mencionado por eles durante as entrevistas. O ponto 5 – “*Padoca*”, Braseirinho e “*Caldo*” inclui duas farmácias, um Pet Shop, duas locadoras de vídeo, uma academia e uma *lan house*, além da lanchonete Bob Mac, especializada na venda de hambúrgueres. Esta é a área de maior concentração de estabelecimentos comerciais em toda a avenida, situada ao lado de um grande condomínio de luxo. Foram incluídos no mapa apenas os estabelecimentos citados pelos estudantes entrevistados, mas todos esses locais de alguma forma atendem aos estudantes, com maior ou menor frequência. Caso necessitem de algum medicamento, aí estão localizadas as duas únicas farmácias num raio de 600 metros. A *Padoca*, mencionada como barzinho, é a única padaria da vizinhança, e funciona também como uma mini mercearia, disponibilizando alguns produtos como papel higiênico, enlatados, leites e derivados, doces, materiais de limpeza, etc, além da padaria propriamente dita. Esta área da cidade conta com apenas dois supermercados, sendo ambos de uma mesma rede, e um hortifruti.

A loja 1 do Supermercado Superbom foi a única localizada no mapa por se tratar do estabelecimento procurado pelos estudantes com maior frequência, se não exclusividade. Apenas uma quadra separa uma loja da outra. Surpreendentemente, as diferenças entre infra-estrutura, disposição das mercadorias, qualidade de atendimento e aparência são nítidas. A loja mais próxima da universidade e mais frequentemente utilizada pelos jovens observados é também a mais antiga, suja e mal-organizada. A proximidade entre uma e outra e a diferença

entenderam que a festa envolveria a degustação do alimento.

gritante entre os diferentes públicos que as frequentam³² me fazem crer se tratar de lugares diferentes direcionados, objetivamente, a uma clientela específica. Não apenas os estudantes, como também moradores das comunidades pobres próximas à loja 1 caracterizam a sua clientela, o que torna a constatação de tal diferenciação ainda mais problemática de se analisar, questões estas que não cabem a este estudo. Prosseguindo aos limites de pesquisa aqui definidos, a loja Super Bom 1, mencionada por meus entrevistados, é, portanto, a única a constar no mapa.

Os Condomínios Verdes Campos e Residências do Horto estão inclusos no mapa, referente aos espaços de lazer, assim como poderiam estar diversas casas de república e prédios ocupados pelos estudantes em outros pontos da região. Nesses locais foram observados ou mencionados encontros casuais, visitas ou festinhas universitárias. Mostrarei durante o trabalho como o convívio diário nos espaços de moradia, pontos de encontro de estudantes em direção às festas e até mesmo de “aquecimento” para a saída noturna exerce importante papel no estabelecimento e manutenção das redes de relações, bem como construção e legitimação das identidades dos estudantes analisados. Ao mesmo tempo, localizar todas as casas onde festas foram organizadas (e frequentadas) por estes jovens seria um trabalho quase inesgotável. Dada a opção por acompanhar um grupo de relações específico, os espaços de moradia “significativos³³” para esses jovens serão posteriormente apontados, no momento de localização de suas repúblicas.

No Via 7 (ponto 8), aconteceram algumas das festas universitárias do ano letivo de 2008 frequentadas pelos estudantes analisados. Inaugurado como uma pizzaria há aproximadamente quatro anos, sofreu adaptações progressivas, transformando-se num espaço para a realização de festas. Local escolhido para as *choppadas* UENF dos anos de 2007 e 2008.

O Chamuá, aqui representado pelo ponto 7, trata-se de um espaço utilizado para a realização das festas de república organizadas por alguns dos estudantes que fazem parte da rede de relações analisada neste trabalho, e é o ponto mais distante³⁴ mencionado ou freqüentado por eles. Este espaço não havia sido identificado como significativo em pesquisas

³² E produtos disponibilizados. A loja 2 oferece aos seus clientes uma prateleira de bebidas destiladas três vezes maior, e mais diversificada, do que a loja 1, por exemplo.

³³ Denomino aqui espaços “significativos” aqueles por onde circulam com maior freqüência (casas de amigos ou colegas de turmas) e que, portanto, foram citados nas entrevistas, além dos seus locais de moradia.

anteriores entre os estudantes da UENF, apesar de já existir. É possível que seja freqüentado por esse grupo específico, não necessariamente representando um espaço de lazer exclusivamente, ou tipicamente, *uenfiano*.

Os locais de sociabilidade, os recursos oferecidos pelas peculiaridades do espaço urbano e sua disposição espacial servirão não apenas para uma melhor compreensão das narrativas desses estudantes como também para exemplificar o caráter localizado das experiências vivenciadas. Veremos no decorrer deste trabalho como as características das disposições espaciais das moradias e espaços de lazer constituem elementos fundamentais para a compreensão das dinâmicas de construção e legitimação dessas identidades juvenis.

2.2 O Método, os Atores e as primeiras pistas.

1 - As Pinks: fluxos, inter-relações e o compartilhar de uma experiência

Ao chegar a campo, objetivava poder articular uma observação o mais ampla possível no que se refere às variações de características, experiências e perfis, tanto dos estudantes, quanto das moradias habitadas, em resposta a uma proposta inicial de pesquisa sobre identidade juvenil entre moradores de república. As relações estabelecidas, as experiências compartilhadas e, sobretudo, o significado auto-construído e legitimado pelo grupo são considerados elementos constituintes às identidades assumidas socialmente segundo as perspectivas de análise aqui assumidas.

O método de seleção dos entrevistados, fonte inicial de muitos questionamentos quanto a sua escolha, acabou por se revelar solução não apenas para o caminho a ser percorrido, como para muitas das questões de interesse analítico colocadas ao objeto de pesquisa. Neste sentido, as Pinks, como Juliana, Dani e Patrícia se auto-identificam, como ponto a partir do qual contatos foram estabelecidos e relações observadas, apresentaram-se

³⁴ Tomando como referência a universidade.

como foco central do raio de análises tomado como base para este trabalho.

Já na primeira semana entre elas chamou-me a atenção uma rede de relações ampla e extremamente dinâmica, marcada pela troca constante, em diferentes níveis objetivos e subjetivos. Neste grupo macro, estão inseridos estudantes de diferentes origens, idades (apesar de certa regularidade, que aqui será analisada) cursos, fases de formação, etc., inseridos em moradias coletivas de características igualmente variantes. O que apresentaram em comum? Nada mais do que o necessário, em respeito aos interesses de pesquisa estipulados para este trabalho: a juventude, a universidade, e a moradia em república como elementos constituintes de suas identidades.

Ao mesmo tempo, a forma como o estabelecimento de tais relações é descrito em seus discursos confirma serem esses os elementos socialmente reconhecidos por eles como relevantes para a sua identificação com sujeitos aparentemente tão diferentes. Cariocas ou capixabas, estudantes de humanas ou ciências agrônômicas, tem em comum justamente aquilo que, na nova realidade vivenciada a partir do afastamento familiar, apresenta-se como mais relevante: a experiência compartilhada a partir da entrada na universidade. Neste ambiente perdem proeminência não apenas as possíveis identidades individuais tomadas de forma desarticulada, como também características particulares com relação à composição da república que integram, o tipo de habitação ocupada, etc. Assim se constitui uma rede muito específica, capaz não apenas de dar sustentação, como também construir identidades e restabelecer um sentimento de pertencimento, mesmo que vulnerável.

Esse grupo específico de jovens chamou-me atenção a partir da mais simples e sedentária forma de observação. Ainda concentrada apenas em acompanhar a semana de trote, tive a oportunidade de acompanhar o cotidiano das meninas. A primeira semana de aulas do ano não se apresenta como o período ideal para a análise das atividades cotidianas dos estudantes da UENF. Representa para a maioria dos moradores de república o período de reencontro com amigos. Apesar de alguns alunos passarem parte das férias em Campos, realizando as atividades da Bolsa, o recomeço das aulas no primeiro semestre implica no retorno maciço dos estudantes, a chegada dos novos alunos e um clima de euforia perceptivelmente incomum. Entre os jovens observados, isso se ampliou ainda mais no início deste ano, devido aos preparativos da “festa de inauguração” da casa de república de alguns dos integrantes da rede de relações.

Tal conjuntura me permitiu observar um volume considerável de pessoas circulando pelo apartamento das Pinks durante aquele período. Estudantes que já haviam sido apresentados a mim um ano e meio antes, aproximadamente quando estive em contato pela primeira vez com Dani e suas companheiras; e tantos outros ainda desconhecidos. Por outro lado, antes mesmo da chegada da quinta-feira, data da comemoração, o empréstimo de molhos de tomate, canecas de açúcar, entre outros artigos diversos, além de visitas de amigos que há muito não se vêem, me permitiram ser apresentada a um número incontável de pessoas. Meus futuros entrevistados, em sua maioria.

Moças e rapazes, “*calouros*³⁵” e formandos, jovens de diferentes cidades, ou antigos colegas de escola das garotas. Vizinhos do Verdes Campos, ou moradores de casas nos entornos da universidade. Não tardei a perceber estar bem à minha frente grandes e chamativos sinais de fumaça sobre a metodologia a ser utilizada: a seleção de possíveis entrevistados por rede de relações. O ponto de partida? Aquele mesmo sofá... Sobre o qual se coletou boa parte dos dados aqui apresentados.

Considerando que através das narrativas particulares diferentes direcionamentos poderiam ser assumidos quanto aos grupos a serem incluídos na rede selecionada para a pesquisa, optei por basear-me nos jovens com os quais fui colocada em contato a partir das Pinks, e sua relação com o grupo mais amplo. Neste sentido, não afirmo que se tratem todos de amigos ou colegas. Nem que os trinta e dois jovens em contato indireto sequer se conheçam pessoalmente. Segundo variações quanto à frequência e o decorrer do tempo, todos os entrevistados estão inseridos entre o círculo de frequentadores da república Pink, exceto por uma³⁶. Observei durante os diferentes períodos de pesquisa suas visitas às garotas, bem como a realização de atividades em conjunto.

As estudantes através das quais foi estabelecido contato com os outros entrevistados são alunas dos cursos de Agronomia, Medicina Veterinária e Ciências Sociais. Pode-se observar a presença marcante de alunos das áreas Agrotecnológicas entre seus colegas: cinco dos estudantes entrevistados e doze no total de trinta e dois indiretamente relacionados³⁷ são

³⁵ Estudantes do terceiro período, na verdade, calouros do ano anterior, portanto. Essas diferenciações serão explicitadas no Capítulo IV.

³⁶ Gabriela foi indicada por Dani para que pudesse ser entrevistada por mim sobre um incidente ocorrido durante o trote. As duas meninas não estão inseridas no mesmo círculo de amizades, mas se conhecem por intermédio das companheiras de apartamento de Gabriela, colegas de turma e amigas de Dani.

³⁷ Inclui os outros integrantes das moradias coletivas formadas pelos jovens entrevistados: nove grupos.

alunos do CCTA³⁸. A presença de estudantes de Biologia, também notável na rede mais ampla, chama atenção para a importância de fatores exteriores ao pertencimento a determinado curso ou área do conhecimento no estabelecimento e aprofundamento das relações. Apesar do convívio com colegas de classe/corso apresentar importância nestes casos, a formação das moradias, e a forma como esta se dá, exerce um papel fundamental, em conjunto com o convívio em espaços de lazer mais amplos, para o contato e aprofundamento das relações, segundo apresentado no próximo tópico.

O caso observado entre este grupo de estudantes, particularmente, pode evidenciar características particulares referentes aos alunos do CCTA, especificamente, que serão explicitadas na análise do trote estudantil, Capítulo IV. Vale ressaltar nesta fase da argumentação que foram encontradas evidências quanto a um sentimento de pertencimento e a proposta de legitimação de identidade muito marcante, sobretudo entre os estudantes do curso de veterinária. O mesmo não havia sido observado até então entre outros alunos da UENF.

Os estudantes contemplados nas entrevistas têm entre dezenove e vinte e três anos, estão em sua maioria no sexto período da faculdade, exceto por Lídia e Flávio, o namorado de Patrícia e integrante da república masculina Climax. O estudante já está formado desde o final de 2007, mas permaneceu na universidade como bolsista graduado, enquanto se prepara para o processo seletivo para o mestrado. Lídia foi colega de escola de duas das integrantes da república Pink, mas entrou para a UENF apenas um ano depois. O tempo de permanência dos jovens na universidade, refletido no período do qual faz parte, apresentou certa homogeneidade em todos os grupos de moradias, tomadas separadamente. De uma forma geral, os jovens direta ou indiretamente contemplados pela pesquisa coabitam com colegas que estão na mesma fase da trajetória acadêmica.

A presença de Flávio no grupo analisado evidencia uma flexibilidade quanto ao grau de importância dado por esses jovens ao estágio de formação, ou tipo de vínculo estabelecido com a universidade, como definidores de suas identidades. Por mais que a sua entrada tenha sido mediada por Patrícia, sua identidade permanece vinculada à universidade e à moradia coletiva como aspectos interligados às experiências vivenciadas coletivamente. A representação grupal da situação na qual o jovem está inserido, tomada como transitória, já

³⁸ Centro de Ciências Tecnológicas Agropecuárias. Responsável pelos cursos de veterinária, agronomia e zootecnia.

que há uma expectativa de que Flávio passe para o mestrado e seja reintegrado como um aluno da instituição, e de certa forma o vínculo mantido através da atividade de pesquisa, lhe permite ajustar-se ao grupo como um todo.

A relativa homogeneidade quanto às idades e estágios de formação apresentadas pelo grupo, assim como os casos particulares observados, não são dados suficientes para que eu estabeleça quais os fatores predominantes como delimitadores das relações estabelecidas. Por outro lado, um sucinto acompanhamento da forma como os estudantes declaram ter se dado seu primeiro contato com alguns dos colegas atuais evidencia uma valorização pelo grupo da rede de relações como referência e apoio em situações de instabilidade, como a reformulação do grupo de moradia.

2.2.2 A Rede: fonte e sustentação de um sentimento de pertencimento.

A formação das moradias coletivas contemporâneas a realização do trabalho de campo fornece importantes pistas sobre os elementos significativos para a construção da própria rede de relações observada. Uma descrição da forma como algumas dessas repúblicas se constituíram auxiliará na compreensão da relação do grupo mais amplo como um todo, representada pela ligação de ao menos um dos integrantes das moradias coletivas com o resto da rede de relações.

Em primeiro lugar, as moradias foram consideradas amplamente como unidades dessa rede mais ampla de contatos. Tomei como pressuposto neste sentido que esses jovens têm sua rede de relações ampliada, ou potencialmente ampliável, através de seu contato direto ou indireto com colegas de seus companheiros de república. Para tanto não é necessário afirmar que esses grupos menores mantenham relações estreitas internamente. Esta subdivisão foi tomada, sobretudo, em nome de uma maior diversificação dos dados e características dos entrevistados. Apenas um caso fugiu a esta regra: os dois rapazes entrevistados são

integrantes da mesma moradia, o único grupo masculino identificado neste grupo mais amplo. Assim como unidades familiares, os integrantes de uma mesma república são considerados aqui parte de um grupo de sociabilidade mais restrito, cuja relação com outros grupos é mediada pelos contatos dos seus integrantes, seja individual ou coletivamente, com integrantes de outras moradias (BOTT, 1971). As repúblicas podem portar-se, portanto, como ponto de referência neste emaranhado relacional, o que foi comumente observado no caso analisado.

De forma geral me aterei ao momento relativo à constituição das moradias coletivas contemporâneas a realização do trabalho de campo, com relação à sua formação. Não serão consideradas as trajetórias individuais anteriores devido a questões práticas (alguns dos jovens experimentaram tantas mudanças que apresentaram dificuldades em narrar linear e coerentemente os diferentes integrantes que já passaram por suas repúblicas). Considerando o caráter historicamente localizado das narrativas, assim como das relações apresentadas, a formação observada durante o trabalho de campo é fundamentalmente a que poderá nos ajudar a compreender a formação da rede mais ampla de relações.

Ao mesmo tempo, será possível observar que a vivência em república como elemento definidor da identidade juvenil independe, em certo sentido, do tipo de moradia do estudante. Não foram apresentadas entre meus entrevistados representações do que seriam modelos de república universitária pré-definidos, como pressupunham algumas questões de pesquisa. Nem pude observar uma visão idealizada de moradia coletiva homogeneamente legitimada, mesmo a partir de um grupo reduzido de jovens.

Curiosamente, entre os “moradores de república” inseridos na pesquisa está uma moça que mora sozinha desde julho de 2008. Há dois anos e meio em Campos e, após integrar duas diferentes repúblicas, Luiza decidiu morar sozinha temporariamente, até que pudesse, “com calma”, encontrar uma nova companheira. Neste meio tempo, apesar das devidas ressalvas quanto à sua realidade atual, não abandonou a identidade de “moradora de república”. Vivencia uma situação considerada transitória por seus colegas e por ela mesma, o que a permite se sentir, de alguma forma, parte de um grupo, a moradia coletiva, que, em seu caso, inexistente por falta do outro. Uma coletividade de um só que não se sustenta por si mesma, mas como parte de um grupo mais amplo e englobador: a rede de relações que a legitima enquanto tal. Neste sentido, a rede de relações a qual integra demonstra o seu potencial enquanto

provedora de um sentimento de pertencimento e fonte identitária que ultrapassa o raio de ação das repúblicas em si mesmas, dado o caráter mais sólido e contínuo das relações assim estabelecidas.

Veremos a partir da análise de alguns dos casos acompanhados como os grupos de moradias apresentam uma dinâmica muito intensa no que se refere à entrada e saída de membros. As repúblicas na maioria dos casos apresentam uma volatilidade interna muito grande, reflexo da mudança de seus integrantes, de imóvel, entre outras possibilidades.

Por outro lado, a rede de relações, apesar de também apresentar variações através do tempo, enquanto produto de uma estrutura de relação por identificação é extremamente valorizada pelos estudantes. Sua dinâmica, em contraposição às moradias coletivas, se caracteriza por permitir uma procura por contato apontada como “*uma busca de si, uma vez que as identidades individuais se constituem como resultado de experiências individuais, embora surgidas de ritualizações próprias de identidades coletivas*” (PAIS, 2006).

A constituição de tais redes se dá nos casos observados através de basicamente três diferentes pontos: a universidade, as moradias coletivas (em sua volatilidade) e os espaços de lazer tipicamente *uenfianos*. Foi mencionada também com frequência a recorrência a contatos prévios, estabelecidos ainda durante o convívio familiar, como referência a ser transportada à realidade futura. A pesquisa realizada anteriormente entre os estudantes da UENF evidenciou o papel das referências de origem na formação das primeiras repúblicas intregadas pelos jovens após sua chegada a Campos (BLANC, 2006). Tais pistas foram confirmadas durante a realização do trabalho de campo para a dissertação.

A identificação através de um ponto de partida que é comum, a conterraneidade, ou de uma identidade que se constrói por uma mesma classificação com relação ao local de moradia do jovem nos períodos anteriores à ida para a universidade (metropolitanos/interioranos, fluminenses/capixabas, litorâneos/continentais, etc; seja qual for a característica ou oposição destacada como fundamental para tal definição) mostrou ser um fator de grande relevância para a formação das primeiras moradias coletivas e redes de relações no instante de chegada em Campos. Já os rearranjos estabelecidos em momentos posteriores, de substituição de membros ou ampliação do grupo se caracterizaram pela valorização de fontes de identificação mais pessoais

Foi identificada a presença de antigos conhecidos entre integrantes da mesma moradia, bem como a possibilidade de que esta relação, anterior à vinda para a universidade, medie a inserção dos jovens conterrâneos em diferentes redes de relação. Patrícia e Dani estudaram juntas, ainda na escola, durante muitos anos, o que é apontado por ambas como determinante para que viessem morar juntas em Campos, assim que passaram no mesmo processo seletivo para o vestibular. O passado e a origem em comum também foi acionado no momento em que Lídia, outra de suas colegas de escola, passou no vestibular para Veterinária na UENF um ano depois da vinda das meninas. O contato prévio entre as três foi acionado por Lídia não apenas na busca por moradia em Campos: *“Até, em princípio, eu ia ficar na casa delas”*, como também para convencer sua mãe a deixá-la ir para Campos: *“Aí elas botaram pilha e tal, pra minha mãe: ‘ah não deixa, lá é legal e tal’ aí a minha mãe deixou”* (Lídia, 19 anos, 1,5 em Campos).

Ao mesmo tempo a continuidade dessas relações depende menos do passado em comum do que do desenvolvimento das relações específicas, assim como foi observado em momentos de reestruturação das moradias, como a troca de integrantes. Nesta fase em que os primeiros passos já foram dados no que se refere ao estabelecimento de novos contatos, a universidade e as moradias coletivas, espaços onde esses jovens são “iniciados” ao novo contexto, assumem papel preponderante entre os casos estudados.

Os critérios para a seleção de novos companheiros são definidos em resposta às representações desses jovens com relação à sua própria realidade, e a valorização de determinadas características no outro de acordo com a situação em que uma determinada relação é estabelecida. Enquanto para alguns o convívio intenso e cotidiano com pessoas amigas é apontado como um risco para a amizade, para outros esse ideal norteia escolhas no instante da seleção de novos colegas de apartamento. O discurso dos jovens entrevistados destaca o papel das redes de relações na escolha dos novos moradores pela valorização da opinião dos amigos e recorrência a uma espécie de “rede de informações” sobre possíveis candidatos:

[...] quando eu sai desse último apartamento eu queria procurar mais outra pessoa, mas eu não consegui achar. A única que eu achei me falaram que não era bom morar com ela, que ela arranja muita confusão. Falei: “ah, não”. (Luiza, 20 anos)

Entre as nove moradia analisadas, apenas uma mantém a mesma formação desde à chegada de seus integrantes à universidade, dois anos e meio antes da realização da observação participante. Todos os outros casos, que variam desde a substituição após a saída de um dos integrantes, a fusão de diferentes grupos, ou o simples rompimento com a formação inicial, são descritos em menção à nova rede de relações como fundamental apoio para sua reestruturação. Segundo seus discursos, grande parte desses jovens foram colocados em contato, passaram a integrar uma mesma moradia e também ao grupo de sociabilidade como um todo, através de amigos em comum.

O caso da república Climax é emblemático neste sentido. A república, em outubro de 2008 constituída por seis integrantes, apresenta uma volatilidade que foge ao habitual. Uma das grandes dificuldades metodológicas em abordar este caso na pesquisa foi conseguir acompanhar o fluxo de entrada e saída de moradores. Este grupo de rapazes instalados desde março de 2008 numa casa nas proximidades da universidade será analisado com mais profundidade ainda neste capítulo devido às peculiaridades da identidade com a qual se inserem nesta realidade. A moradia coletiva se constitui a partir de uma fusão quase contínua (porque volátil) de diferentes moradias, bem como a inserção individual de jovens conhecidos de outros grupos. Tentarei descrever, sucinta e simplificadamente, como se formou a única república masculina contemplada na pesquisa, representada por dois estudantes selecionados para as entrevistas.

Marcos e João se conheceram antes da ida para a universidade, já que foram colegas de quarto no colégio agrícola onde eram internos. Fizeram o processo seletivo para a UENF juntos e, quando passaram, para o mesmo curso, foram dividir uma quitinete. Quando alugaram o imóvel, esperavam morar apenas os dois, até que no dia da mudança descobriram que o mesmo apartamento havia sido alugado também para um terceiro estudante, Mauro, e resolveram ficar todos juntos. Um mês depois, os três rapazes decidiram mudar-se para o Verdes Campos, para ficarem mais próximos à universidade. E optaram por chamar um quarto rapaz para dividir as despesas.

A quitinete onde moraram era da dona de uma pensão estudantil próxima à universidade, onde faziam suas refeições durante esse período. Lá entraram em contato com outros estudantes recém chegados à cidade e estabeleceram suas primeiras relações. Nesse

local conheceram Rogério, colega de turma de Dani, que se juntou a eles na mudança para o VC, mas que permaneceu em Campos por pouco tempo, deixando Cleber (seu amigo na pensão) em seu lugar. Logo depois, o grupo de quatro rapazes: João, Marcos, Cleber e Mauro, sofreu outra modificação, com a saída do último garoto.

Vale ressaltar que o contato dos meninos da futura república Climax com as moças da Pink teve início não apenas através da relação entre Dani e Rogério como colegas de classe, como também por Marcos, João e Juliana estarem na mesma turma. Assim, os meninos conheceram Patrícia, que indicou o seu namorado para a restauração do grupo de quatro rapazes, Flávio:

Aí [Patrícia] falou com a gente, a gente já conhecia as meninas, a [Juliana] também era da minha sala, já conhecia ela, [Juliana] tá fazendo agronomia, é da minha sala, entramos juntos, então a gente conhecia as meninas: [Dani] e [Patrícia], que moravam com ela. Aí a [Patrícia] falou que o [Flávio] tava caçando um lugar pra morar, se tinha problema ele morar com a gente. Aí as meninas “ah, que ele é super gente boa, poderia morar com vocês”, que não sei o que. Aí, pô, beleza, mais um pra continuar com quatro. (João, 19 anos)

Pode-se perceber não apenas a forma como são acionadas as redes de relações em momentos de reestruturação das moradias, como também o processo através do qual se amplia, gradativamente, a rede de contatos dos estudantes. Amplia-se e diversifica-se também as fontes de identificação valorizadas no contato com o outro.

O instante crucial de transferência dos rapazes para uma casa, implicando num primeiro momento na formação de um grupo de oito garotos, exemplifica a atuação dos diversos atores em relação ao projeto de construção do que viria ser a república Climax. Assim Vagner, conhecido por João e Marcos na época da pensão, é convidado a integrar o grupo e traz consigo Renato, seu amigo. Flávio indica Paulo, companheiro de classe no curso de Licenciatura em Biologia. E, por intermédio de Juliana, os meninos haviam conhecido Leonardo, seu ex-namorado. Oito. Estes foram os primeiros integrantes da nova república, composta em outubro de 2008 por apenas seis rapazes, após diversas mudanças³⁹. João,

³⁹ A formação do grupo apresentou tal variação, que entre junho e outubro, data de realização das entrevistas com João e Flávio, respectivamente, apresentou uma diferente composição.

Flávio, Marcos e Cleber e Paulo se mantiveram juntos até então, mas já com um novo companheiro: Julho, companheiro de Flávio e Cleber no curso de biologia⁴⁰.

No momento de ida para Campos a busca por antigos conhecidos pode ser traduzida como uma tentativa de transferir à nova realidade a sensação de segurança e estabilidade oferecida pelo contexto anterior:

Comecei a procurar e descobri que tinha conhecidos meus que faziam UENF, né? De Campo Grande, lá de Campo Grande, e veterinária, dois meninos que faziam veterinária, conhecidos meus, que eram da UENF. (Graziele, 21 anos).

Apresentando-se também como uma valorizada fonte de novos contatos, que independe da real profundidade da relação estabelecida anteriormente: *“Um deles estudou no mesmo colégio que eu. E na verdade, assim, eu lembrava dele, da figura dele, mas eu não conhecia, eu lembrava dele. Aí depois, quando eu descobri que ele fazia aqui, aí eu fui conversar com ele”* (Graziele, 21 anos).

Após certo período de tempo a nova rede de relações parece tornar-se suficiente em dotar seus integrantes de um sentimento de pertencimento enquanto na cidade de Campos. Vale ressaltar nesse momento a ausência em absolutamente todas as entrevistas de menções a jovens nativos campistas. Não foram identificados jovens nascidos em Campos entre os colegas próximos dos estudantes analisados, nem observadas relações que ultrapassassem o convívio acadêmico, quando muito, como veremos adiante.

Mesmo que esses discursos sejam apontados como simples representações de acontecimentos, construções traduzidas em narrativas sobre um tempo decorrido, evidenciam uma valorização por esses jovens do papel exercido pelos contatos estabelecidos no novo ambiente.

⁴⁰ Sendo que o rapaz é aluno do curso de Bacharelado.

2.2.3 “Fizemos a Climax”: um estudo de caso.

A república Climax apresenta-se como o único grupo de rapazes tomado como significativo para a análise aqui proposta em referência à rede de relações selecionada para a pesquisa. O grupo se caracterizava por um conjunto de seis rapazes no momento de conclusão do trabalho de campo, apresentando uma composição extremamente volátil entre março e novembro de 2008, período entre sua formação e a saída de parte dos membros fundadores, como mostrei anteriormente. Por outro lado, um grupo mais amplo de jovens está relacionado ao de moradores propriamente ditos, desde ex-integrantes e agregados, inclusive grande parte das meninas acompanhadas para a elaboração deste trabalho. A Climax apresentou-se como referência de sociabilidade direta ou indireta para nove dos 10 entrevistados⁴¹:

Pô... não, agora eu não tenho saído muito não, mas quando tem festinha, assim, em república, alguma coisa, festa da [Climax] [risos] aí eu saio, mas... Pra ir pra Padoca, assim, eu não vou não (Lídia, 19 anos).

Eu costumo vir pra cá⁴². Costumo vir pra cá ou então a gente pega e vai lá na república dos meninos, na [Climax] (Helena, 20 anos).

O grupo surgiu inicialmente da agregação de jovens originários de diferentes moradias, tendo a rede de relações exercido importante papel para o estabelecimento de contatos entre esses diversos sujeitos, assim como apresentei anteriormente. Desde a primeira semana de trabalho de campo, chamou-me atenção para o destaque progressivamente assumido pela Climax enquanto referência para as atividades de sociabilidade dos jovens analisados. Ao mesmo tempo a narrativa de seus fundadores demonstra o interesse claro em fazer da Climax um nome a ficar na história da universidade, e em muito pode contribuir para a análise de uma identidade específica que se constrói dentro dessa realidade, tendo a moradia como principal fonte de sentido e sentimento de pertencimento.

Em se tratando as identidades de construções sociais historicamente localizadas e dadas a partir de relações com grupos exteriores, pude observar nesse caso um exemplo emblemático da construção e legitimação de estilos de vidas e visões de si:

Depois do grande sucesso da [segunda festa realizada] a [Climax] não era apenas mais uma república da UENF, ocupava agora uma posição de destaque antes ocupada por outras repúblicas de renome e história, porém, nenhuma delas havia feito tanto sucesso em um espaço de tempo tão curto (trecho da página inserida em uma enciclopédia virtual pelos membros integrantes da república Climax, em novembro de 2008).

O interesse inicial em analisar este grupo partiu de duas suposições: a de que a instalação em casas representaria um modelo de república ideal entre os jovens analisados, e de que a organização de festas de república possui um significado muito mais profundo para os jovens inseridos na dinâmica das moradias coletivas da UENF. A primeira premissa não foi confirmada absolutamente. A decisão em instalar-se neste tipo de moradia reflete interesses diversos entre os estudantes analisados, não representando necessariamente relação entre a experiência em república e um tipo de moradia idealizado, e sim estilos de vida anteriores até mesmo à saída da casa dos pais:

Porque, assim, todas as três moram em casa no Rio. Nós três, eu e [Camila] e [Vanessa]. E a gente tava com um gato aí e queria mais espaço pro gato, o gato tava estressado e tal, e, assim, eu realmente não suportava mais ficar escutando coisa do vizinho, entendeu? (Luciana, 20 anos)

Senão, representam a adequação do custo de habitação à renda disponível aos estudantes para a sua manutenção em Campos. As casas, neste sentido, implicam na possibilidade de ampliar o número de moradores e, conseqüentemente, reduzir o peso do aluguel para cada um dos integrantes do grupo. Ao mesmo tempo, por mais que as contas de água e luz possam ser mais altas, dependendo do caso, o aumento é compensado pela

⁴¹ Com exceção de Gabriela.

⁴² A entrevista foi realizada na república Pink.

ausência do condomínio que deveria ser pago em um apartamento:

Queríamos uma casa. [...] que não tem essa parada de vizinho, que apartamento tem esse problema, não pode fazer muita bagunça, muita zoeira, que os vizinhos reclamam, e tão certos, né? Porque também querem silêncio. E bom, casa é mais tranquilo, você não tem que pagar condomínio também, a gente procurou mais casa mesmo, a gente até olhou apartamento, mas a gente procurou mais casa (João, 19 anos).

Segundo o grupo mais amplo de estudantes analisados a instalação em casas, considerados os prós e contras apontados por eles mesmos, não reflete um modelo de república assumido como o ideal e não necessariamente esta opção é tomada em favor da realização de festas. Quatro das nove repúblicas contempladas nas entrevistas através de seus integrantes estão instaladas em casas, apenas em uma delas foram realizados eventos abertos ao público mais amplo: a Climax. Ainda assim, somente uma das quatro festas organizadas por seus integrantes pôde ocorrer no local de moradia, devido ao caráter residencial do bairro e ao tamanho do imóvel.

O reconhecimento de uma moradia coletiva como uma república, assim como venho expondo, independe de características predefinidas quanto ao tipo de habitação, composição ou atividades realizadas. Sua existência enquanto grupo de sociabilidade, a relação entre seus integrantes e destes com os outros grupos, o caráter coletivo da moradia, definem a legitimação de uma identidade individual “republicana”, apesar de situações contingenciais, como é o caso de Luiza.

A Climax neste contexto apresenta-se como um projeto declaradamente colocado em prática, senão por todos os seus moradores, por alguns dos seus fundadores, e progressivamente reconhecido e legitimado por boa parte dos jovens integrantes da rede de relações aqui analisada. O primeiro passo foi dado já na “Festa de Inauguração”, apenas uma semana depois da instalação dos rapazes na casa de cinco quartos localizada há poucas quadras da Avenida Alberto Lamego. Rapidamente, os rapazes já contavam com um site, uma comunidade e um perfil no Orkut e, mais recentemente, a tentativa de inserção da Climax em uma enciclopédia virtual.

Independente do impacto real desta república para a dinâmica universitária de forma geral, senão no que diz respeito às festas organizadas, para a rede de relações acompanhada para a realização deste trabalho a Climax demonstrou exercer importante papel no que se refere às atividades de lazer realizadas coletivamente, estendendo-se desde os churrascos realizados em conjunto, até as idas aos bares e a festas em geral. Para estes estudantes a legitimidade da Climax como ponto referencial para a construção de suas identidades enquanto estudantes da UENF moradores de república é indiscutível. Sua relação com seus integrantes, senão participação direta na divulgação dos eventos ou venda de ingressos implica em importantes transformações na forma como eles mesmos, individualmente, se relacionam com os outros jovens inseridos nessa realidade. A república apresentou-se nesse sentido como importante mediadora entre jovens de diferentes cursos e estágios de formação não apenas por ser integrada por um número de moradores mais amplo e diversificado, como também por estar inserida de forma diferenciada na dinâmica *uenfiana*.

As repúblicas da UENF não necessariamente apresentam-se como fonte identitária para seus integrantes. Muitos são os grupos e mesmo aqueles que foram devidamente nomeados por seus moradores nem sempre possuem um reconhecimento social significativo em caráter mais amplo. Na UENF de uma forma geral, fazer parte das Meninas Super Poderosas não tem a mesma implicação de fazer parte da Agrovet, da Galo Jorge⁴³ ou da Climax. Para a comunidade *uenfiana* de forma ampla, o pertencimento a determinada moradia, reconhecida entre os estudantes moradores de república especificamente, pode sequer ter visibilidade. Mas, em certos casos, a moradia é de tal forma reconhecida e legitimada que assume uma identidade própria, que se sobrepõe aos seus membros:

Pô, a gente sempre comenta. As pessoas conhecem o nome da república, mas não quem mora lá. O nome da república é muito mais forte do que quem mora lá. “ah, você mora na [Climax]? Pô, que legal”, e que não sei o que. Tipo, as pessoas não sabem quem mora lá, mas conhecem a república (João, 19 anos).

O significado de se pertencer a uma determinada república, por mais conhecida que esta possa ser na comunidade acadêmica, assume nuances muito específicas de acordo com o

⁴³ Antigas e conhecidas repúblicas da UENF, responsáveis também pela organização de festas. Após a saída de seus integrantes, não posso afirmar que tenham sido mantidas.

referencial assumido. É capaz de conferir a todos aqueles direta (como integrantes do grupo) ou indiretamente (como colegas dos integrantes, ou “agregados” reconhecidos) relacionados “à moradia” um status diferenciado, marcado por um estilo de vida específico e socialmente legitimado como tal. A personalização da república, sua passagem para uma existência “autônoma” e coletivamente reconhecida, segundo o caso analisado, perpassa nesta situação uma performance social mediada pela organização de festas universitárias que a colocam em posição de destaque no contexto universitário analisado, ao menos segundo a visão dos seus idealizadores e amigos, assim como apresento no Capítulo IV.

2.2.4 O mundo “uenfiano” segundo os moradores de república: uso do espaço urbano e a relação com o outro.

A partir de um conjunto de características comportamentais e a construção e legitimação paulatinas de um modo de vida muito peculiar, os estudantes analisados constroem para si grupos por identificação e através dessas relações são reconstruídas suas identidades. Neste sentido, as relações analisadas se caracterizaram pela construção de uma rede de relações que inclui exclusivamente estudantes da UENF. Assim como observado anteriormente, apesar de apresentarem uma média de idade aproximada (20,4 anos, possuindo os mais novos 19 e o mais velho 23 anos), compartilhar em sua maioria da mesma fase de formação (graduandos, sexto período, em sua maioria) e situação de habitação, esses fatores não são excludentes na formação das redes de relações (vide os casos de Luiza e Flávio). Sua identidade juvenil, portanto, se constrói coletivamente nessa nova realidade através do compartilhar de experiências derivadas do vínculo institucional e da realidade específica vivenciada a partir de sua inserção em um novo contexto.

Coletivamente são construídos significados aos espaços urbanos no entorno da universidade, através de um circuito de circulação entre lugares muito específico, assim como observado por diversos autores voltados para a análise das culturas juvenis entre outros

grupos de jovens (TRACY, 2006; ALMEIDA, 2006; MAGNANI, 2006). Legitimam-se espaços como típicos à própria experiência de vivência em república vinculada ao uso de estabelecimentos comerciais específicos nos entornos da instituição de ensino por grupos de moradias coletivas. Devido a características da área da cidade onde se situa a universidade, e a própria relação entre os estudantes e a instituição, o caso analisado através de um reduzido grupo de estudantes evidencia uma tendência à concentração dos jovens provenientes de outras cidades numa determinada região da cidade de Campos dos Goytacazes (ver Capítulo IV - Mapa 3), assim como à formação do que denominam repúblicas estudantis. Independente da amplitude das ofertas disponíveis, determinados estabelecimentos comerciais são caracterizados como espaços de grande circulação dos estudantes. Estabelecimentos que de alguma forma ajustam-se à demanda de consumo específica a esses clientes, em contraste com outras áreas da cidade, como o tão mencionado bairro Pelinca.

Ao mesmo tempo, meus entrevistados apontaram por diversas vezes durante a pesquisa a presença cada vez mais notável de jovens não vinculados à UENF nas festas e bares frequentados por eles. Trata-se realmente de uma abertura desse espaço para um novo perfil de frequentadores, ou apenas uma evidência de que, após certo período em Campos, estes estudantes tornam-se mais aptos a diferenciar seus convivas e, ao mesmo tempo, a chegada de novos alunos dificulta o seu reconhecimento? Mais do que uma tentativa em responder a tais questionamentos, essas declarações apontam para suas representações quanto a esses espaços como locais supostamente fechados à fruição *uenfiana*. Coletivamente reconhecidos como legítimos aos estudantes da universidade.

Evidencia-se o jogo entre o nós e eles elementar na construção de identidades diferenciadas: a separação, ou o estranhamento no contato com o outro. Outro este que está presente, portanto, neste espaço, seja como morador do bairro habitado pelos estudantes, seja como cliente dos mesmos espaços de lazer, assim como eles próprios reconhecem. Vale salientar que, no caso analisado, o outro refere-se em certos casos aos jovens não estudantes da UENF de forma geral, incluindo os outros estudantes universitários moradores de repúblicas em Campos ou não, e em outros os estudantes da UENF que não moram em república. Em certo sentido, a procura desses bares por estes clientes⁴⁴ pode se dar como consequência à agitação da dinâmica *uenfiana*, apresentando-se como alternativa de lazer em

⁴⁴ Não estou supondo que não pudesse ser notada em outros tempos a presença de frequentadores não ligados à universidade, mas apenas que, para esses jovens, essas evidências parecem tornar-se relevantes apenas a partir de um

pleno dia semana, ao contrário do habitual em outras áreas da cidade.

Segundo os dados obtidos, apesar do contato com outros jovens ser possibilitado em diversas situações da realidade vivenciada, as redes de sociabilidade são construídas excluindo em geral os jovens nativos campistas, assim como o observado anteriormente, junto a outro grupo de estudantes (BLANC, 2006). Os espaços de lazer legitimados por eles mesmos como típicos à sua vivência e identidade propiciam de alguma forma a ampliação de seus contatos. Mas estes tendem a se estreitar apenas através do convívio também em outros locais, como as moradias e a própria instituição universitária, excludentes àqueles que não compartilham da identidade *uenfiana*. Portanto, assim como pude observar neste grupo específico, o vínculo institucional se sobrepõe a qualquer outro elemento como definidor de suas identidades e, portanto das suas capacidades de identificação.

Por outro lado, a presença de alunos nativos à cidade de Campos nas salas de aula não se converte numa aproximação significativa entre os estudantes. Neste sentido, o compartilhar de um estilo de vida muito peculiar apresenta-se como importante fator para a construção de relações mais próximas, extensivas ao convívio extra-muros. Ao descrever seu grupo de colegas de classe, Luiza destaca a presença de alunos de Campos: “*A maioria, assim, por perto daqui. De Cambuci, Itaocara, São João da Barra. É mais aqui da redondeza. E tem também campista.*” (Luiza, 20 anos). Ao mesmo tempo, estes jovens não são citados como seus amigos íntimos.

Podemos observar na fala de Luiza, muito semelhante ao apresentado também pelos outros jovens entrevistados, como o aprofundamento das relações, assim como a inserção nos grupos de sociabilidade dos moradores de repúblicas, implica no convívio extra-classe, pouco freqüente entre nativos campistas e jovens moradores de república:

[...] foi até engraçado a [Dani], como eu conheci ela. Tipo assim, porque eu faço, fazia português, no meu primeiro período, e ela também. [...] Só que eu não tinha tanto contato. Eu comecei... Eu nem sei como eu comecei a ter contato com ela, eu acho que eu queria fazer negócio de terêre e ela falou que sabia, é com a [Letícia]. Aí vim na casa delas, fui na casa da [Letícia]. Aí depois disso a gente começou a se ver, assim, a gente se via lá, eu vinha aqui na casa dela. Porque antes eu morava aqui no VC, né? Aí... aí conheci a [Juliana] por ela, aí tem amigas de classe também (Luiza, 20 anos).

A presença proeminente de integrantes de repúblicas nos espaços de lazer no entorno da universidade, em relação aos estudantes naturais de Campos, pode ser compreendida como uma consequência do carácter peculiar de seu calendário de lazer. Não que a presença de campistas não possa ser observada em algumas ocasiões, mas a concentração maciça de festas de república em dias da semana talvez dificulte a participação dos jovens que ainda coabitam com seus familiares. Nestes casos, é necessária negociação direta com seus pais e responsáveis para que haja permissão para que saiam em noites de quinta-feira, por exemplo, mesmo quando têm aula na sexta pela manhã. Esta dificuldade foi presenciada por mim, ainda enquanto estudante de graduação da UENF, com relação aos meus colegas de Campos.

Ao mesmo tempo, os jovens nativos de Campos, independente de seu vínculo institucional, não vivenciam necessariamente o afastamento de suas antigas redes de relação após a entrada na universidade. Permanecem inseridos em seus grupos de sociabilidade anteriores, assim como têm a possibilidade de manter seus antigos hábitos de lazer e comportamento, bem como continuar usufruindo de espaços de lazer que lhes já são comuns, possivelmente em outros pontos da cidade.

Ambos os grupos, de nativos campistas e moradores de república, possuem representações negativas um com relação ao outro. Os poucos jovens que puderam contar com informações sobre a cidade de Campos antes de mudar-se apontam para visões estereotipadas sobre os campistas, transmitidas por aqueles que já conheciam a cidade: *“ele falava: ‘campista, fiado de jeito nenhum, eles gostam de passar a perna’, ele falava isso, mas tipo, não entrava muito em detalhes”* (João, sobre as informações transmitidas por seu pai sobre os moradores de Campos).

Nesse processo, ambos os grupos acabam sendo estigmatizados a partir de marcadores sociais (GOFFMAN, 1982). Coletivamente, entre os novos moradores da cidade, se constroem representações sobre o outro marcadas por um preconceito que tende a ser reiterado, senão pela experiência prática na relação com os nativos de Campos: *“depois que eu fui vendo, assim, a questão do campista ser meio arrogante, né? Ignorante... Eu fui percebendo isso depois”* (Grazielle, 21 anos) pela ausência de relações propriamente ditas.

Mesmo em casos onde o contato cotidiano estabelecido com jovens não inseridos na

instituição universitária abre a possibilidade de se reelaborar essas visões, pude perceber uma supervalorização de relações específicas, ao mesmo tempo apontadas como casos excepcionais e não necessariamente vistos como dados combativos ao estigma direcionado a esta população.

Helena fala sobre possuir “amigos” campistas:

Tenho. Do curso de inglês. São pessoas que, nossa, eu gosto muito. Por isso que o pessoal fica meio assim, falando de campista, e que não sei o que, então... Eu parei com isso porque eu gosto muito **deles**. Então eu “não, não tem nada a ver” eu gosto muito **deles** (Helena, 20 anos, 1,5 em Campos).

A estudante relativiza a opinião negativa de seus colegas da faculdade sobre os nativos campistas a partir de suas relações com companheiros do curso de inglês. Ao mesmo tempo, estes colegas são apontados por ela como exceções possíveis e não necessariamente provas contrárias ao estereótipo direcionado aos campistas. Gostar dessas pessoas especificamente mostrou-se possível, e esse é o dado relevante. O fato de haver para ela campistas legais não se reflete numa visão positivada das pessoas de Campos de forma geral.

Percebe-se, portanto, uma tendência ao estabelecimento de redes de relações alternativas àquelas já existentes entre os jovens nativos de Campos. O grupo de estudantes da UENF, inseridos numa realidade muito específica e a partir da legitimação de um estilo de vida diferenciado se fortalece endogenamente. O contato com o outro é fundamental para a construção e legitimação de suas identidades juvenis, mas nesse caso quase exclusivamente como um espelho de “opostos”. A população nativa da cidade é compreendida em referência à identidade em construção, mesmo que ambos os grupos mantenham uma relação distanciada. Em certo sentido, a separação entre estas realidades, em suas características e modos de vida, são elementos fundamentais para a própria definição pelos estudantes analisados de suas visões sobre si. Para tanto não é necessário que se conheça realmente o outro, mas apenas que se construam interpretações sobre ele que servirão como referência para a construção de si mesmos, como um espelho daquilo que não são (WOODWARD, 2000).

3 Referências Familiares, reinterpretação de sentidos e Construção de Si.

A– Distanciamento geográfico da família.

1 - Aspectos objetivos e subjetivos da construção de uma nova identidade.

As novas redes de relações constituem-se basicamente a partir do compartilhar de uma experiência caracterizada pelo afastamento do grupo de relações estabelecido ainda no convívio familiar, pela ocupação de um novo espaço, onde parece ser possível construir livremente novas identidades, assim como o observado por REZENDE (2006) entre jovens que vivenciaram a experiência de intercâmbio estudantil. E o fortalecimento desses laços é acompanhado de um gradativo retraimento da autoridade familiar no novo contexto.

Galland (1997) chama atenção para o fato do prolongamento dos estudos incidir especificamente sobre as trajetórias juvenis, implicando num adiamento da entrada no mercado de trabalho, bem como da dependência financeira dos jovens com relação aos seus familiares, características típicas a essa fase da vida. Porém, o caso analisado apresenta como diferencial o afastamento geográfico dos mais jovens e, em certo sentido, a legitimação de espaços de moradia individualizados em relação à casa da família. A possibilidade de que tais experiências possam ser classificadas como um prolongamento forçado da adolescência é minada pelos próprios dados obtidos durante o trabalho de campo. Os estudantes analisados experimentam através da experiência de afastamento uma rápida ampliação de sua autonomia, assim como devem assumir um considerável volume de responsabilidades, que se seguem desde as obrigações estudantis e as atividades envolvidas na manutenção da moradia, até o cuidado de si, em proporções possivelmente jamais experimentadas.

Na contemporaneidade, mais do que um processo de interiorização de normas sociais e inserção na vida adulta segundo posições sociais e valores familiarmente transmitidos, a juventude vem a se firmar também como momento de constituição das individualidades.

Noção esta permeada pela possibilidade de experimentação dada pela diversidade identitária da própria modernidade. Ao mesmo tempo, se dá uma passagem de uma norma da precocidade para outra, de retardamento. Uma valorização por ambas as gerações, de jovens e seus pais, de uma entrada na vida adulta apenas após a construção de uma autonomia marcada não apenas pela independência, como também pela noção de liberdade, que se dá, portanto, através do reconhecimento e legitimação pelas gerações mais antigas da individualidade de seus membros (GALLAND, 1997).

A família restrita exerce um papel fundamental na formação dos seus membros mais jovens não apenas no que se refere à constituição das bases valorativas de seus integrantes, como também à legitimação progressiva da autonomia que devem desenvolver em favor do próprio processo de individualização. Em se tratando da constituição dos indivíduos segundo parâmetros modernos, mudanças significativas se apresentam no seio das famílias, uma reconfiguração das relações em todas as esferas em favor do reconhecimento do outro como um ser autônomo e peculiar, favorecendo a legitimação das identidades em formação. “*O elemento central não é mais o grupo reunido, são os membros que o compõem. A família se transforma em um espaço privado a serviço dos indivíduos*” (SINGLY, 2000: pp. 15).

No interior das famílias e dos grupos de sociabilidade direta ou indiretamente relacionados a elas, como escolas, igrejas, redes de relações, etc, são apreendidas as bases valorativas que acompanharão esses “futuros indivíduos”. Ao mesmo tempo, é necessário o reconhecimento por parte desse(s) grupo(s) da individualidade de todos os seus membros, mesmo quando em processo de construção (PEIXOTO e CICELLI, 2000). Em casos como o analisado por este trabalho, tal processo se dá num contexto de afastamento geográfico da família. O sucesso da trajetória estudantil a partir da qual tal mudança se faz necessária depende da capacidade desses jovens em assimilar quase que imediatamente uma autonomia de direcionamento jamais experimentada no contexto familiar, por mais que alguns deles possam ter vivenciado anteriormente a necessidade de contribuir, seja financeiramente, seja na prática diária de manutenção da moradia, responsabilidades com seus pais e familiares.

Segundo o caso analisado, a partir da saída de casa, dá-se início a um processo paulatino de afastamento simbólico da autoridade e proteção familiares, percebido não apenas pela diminuição da presença física desses atores no novo ambiente, como por uma ampliação gradativa das possibilidades de negociação entre pais e filhos. A participação dos pais,

descritas em seus discursos, tem um caráter diferenciado nos primeiros momentos, de chegada a Campos, e posteriormente, após certo período, tanto no que se refere a auxílios práticos (informações sobre o preparo de alimentos, opiniões quanto à solução de problemas práticos – quebras ou consertos, por exemplo) quanto a direcionamentos de cunho pessoal. Mais do que uma diminuição da frequência de retorno à casa da família, nem sempre observada, aponto para a legitimação de um espaço individualizado: a moradia coletiva. É este o espaço no qual se pode agir com maior liberdade, sem que seja necessária a permissão ou aprovação dos pais, em determinado sentido, já que eles não precisam “saber de tudo”.

O apoio dos familiares mostra-se, e é reconhecido pelos jovens, como fundamental não apenas no que diz respeito ao sustento da moradia; importante salientar que todos os estudantes entrevistados dependem do apoio financeiro de seus familiares para o seu sustento em Campos (exceto agora por Flávio⁴⁵); como também para a legitimação da sua condição.

As transformações vivenciadas na relação pais e filhos se dão de forma progressiva. Uma verdadeira negociação onde o jovem deve assumir um novo posicionamento frente a sua nova realidade, destacada do convívio e proteção familiares. Os pais, por sua vez, têm a sua autoridade alterada por um sistema de informações sobre o filho que está necessariamente subordinado ao que ele se dispõe a narrar sobre sua vida na nova realidade. E, ao mesmo tempo, a distância dificulta qualquer tentativa em manter o controle sobre as ações do estudante e exige, em favor do próprio processo de formação educacional, o estabelecimento de uma relação de confiança entre pais e filhos (ERIKSON, 1987).

Tal atmosfera aponta para a presença de uma tensão constante entre o que Singly (2000) denomina pessoalidade, como o estabelecimento de relações intimistas e um posicionamento em que a coletividade está em foco, e o individualismo no interior das famílias. Estas, por sua vez, são fortalecidas e valorizadas pela afetividade como elemento importante que confere espaço para revelações de si. Ao mesmo tempo, cabe a esse grupo legitimar a individualidade de seus integrantes pelo reconhecimento de sua autonomia de ação. As relações se estabelecem assim num limite entre indivíduo e grupo familiar. Neste sentido, Cicchelli afirma que

⁴⁵ O rapaz se formou no início de 2008, mas permaneceu morando em república e ligado à universidade por sua atividade de pesquisa. Tem uma Bolsa Universidade Aberta, concedida a profissionais com graduação, enquanto se prepara para a seleção do mestrado 2009. Segundo o rapaz, desde então passou a sustentar-se sozinho.

Os jovens respondem à lógica legislativa parental através de um duplo apelo, solicitando simultaneamente que eles intervenham – e assim exerçam seu dever de pais, lógica incondicional – e que eles interpretem suas aspirações profundas, respondendo positivamente a elas (CICCHELLI, 2000: p. 117).

Sobretudo entre as meninas, o papel da mãe é destacado com relação ao do pai nesse sentido. Os depoimentos de pelo menos quatro dos estudantes entrevistados são marcados por uma referência constante ao posicionamento assumido pela mãe. A presença dos pais, ainda menos significativas em casos de separação marital traduzida num distanciamento deste com relação aos filhos⁴⁶, aparece em suas narrativas apenas em situações que requerem a resolução de problemas práticos ou financeiros (mudança, escolha de local para moradia, necessidade de um envio maior de dinheiro).

As mães são apontadas por declarar abertamente sua opinião sobre as decisões dos filhos, o aval ou reprovação, apresentando-se como legitimadoras reconhecidas das suas novas vivências e identidades. Assim as mães também encarnam em suas narrativas a passagem para uma relação mais positiva, onde a possibilidade de negociação entre pais e filhos se sobrepõe a imposição de uma autoridade familiar.

Ela não falava assim “você não vai”, mas “é melhor você não ir, porque você tá com essas crises aqui, imagina você tendo uma crise lá em... um lugar longe”, em Campos, que eu tentei. Aí ela achou melhor não. Eu falei “não, vou tentar”. Tentei, passei. Só que ela ficou com um pé atrás. [...] Aí eu conversei com ela “não, mãe”, conversei com ela direitinho, aí ela “ta, tudo bem então”. Só isso, ela nunca falou “não, você não vai”, ela achou melhor eu não ir. Ela queria que eu ficasse em Vitória, que eu tinha mais parente. Aí agora, foi no ano passado, eu falei com ela que eu queria tentar transferência pra UFES, no meu estado, que era melhor eu ficar mais perto de casa, tem muito parente lá em Vitória. Ela achou melhor eu ficar aqui. [...] o meu pai, você não sabe nada do que se passa na cabeça dele. (Luiza, 20 anos)

A maioria dos jovens entrevistados apontam o caminho direto entre o Ensino Médio e a universidade como um projeto familiar programado ainda em fases anteriores. A importância dada à continuidade dos estudos em certo sentido demonstrou independência do grau

⁴⁶ Apontada por duas estudantes.

de formação educacional de seus pais. Alguns dos jovens entrevistados são os pioneiros de suas famílias a alcançar o ensino superior.

Nos casos analisados, a decisão em cursar a universidade longe de casa implica não apenas em um adiamento da entrada no mercado de trabalho e prolongamento da dependência financeira do jovem com relação aos seus pais, como também numa ampliação dos gastos com o jovem estudante. Todos os entrevistados declararam depender do auxílio financeiro familiar para o seu sustento durante o curso de graduação, independente de serem bolsistas da universidade, para que possam se dedicar exclusivamente aos estudos, em conformidade com o observado por Peixoto et al (2007) sobre os jovens universitários brasileiros em geral.

Tal decisão, perpassada pelo apoio familiar, implica na construção de projetos com relação ao futuro que se refletem, por um período de tempo mais extenso, nas vidas profissionais e familiares desses indivíduos. Por outro lado, neste caso, o prolongamento dos estudos e adiamento da inserção profissional não se revertem num prolongamento da permanência propriamente dita dos filhos na casa dos pais (PEIXOTO et al, 2007). Constrói-se um espaço alternativo, uma nova moradia, onde o direcionamento individualizado e progressivamente autonomizado, ganha espaço, em contraposição a “casa da família”, que se mantém como reduto simbólico da autoridade familiar, para o qual retornam periodicamente.

Sobretudo nos primeiros momentos após o afastamento, o retorno à casa da família, nos finais de semana, feriados ou férias, coloca em destaque os conflitos gerados por um processo de individualização ainda em construção. A autonomia progressivamente adquirida no novo espaço de moradia, e legitimada em certa medida pelo grupo familiar, entra em conflito com a representação da casa da família como espaço marcado pela hierarquia entre gerações. Por outro lado, a liberdade de direcionamentos proporcionadas pelo distanciamento possibilita uma resignificação de valores e, portanto, uma tomada de posição diferenciada com relação àquilo que é permitido ou aprovado pelos pais.

Lá, com o meu pai, meu namorado ia lá em casa todo dia, dormia lá em casa, não comigo, mas dormia lá em casa quando precisava. Mas aqui eu tenho liberdade de chegar a hora que eu quero. Se eu não quiser dormir em casa, eu não preciso dormir em casa, eu não tenho que dar satisfação a ninguém. Eu não to com a minha mãe, eu não to com o meu pai. Não tem que dar satisfação a ninguém! Eu chego a hora que eu quero. Se ele quiser dormir aqui dorme, eu não tenho que falar com ninguém. É claro que eu tenho... Que eu devo respeito as minhas amigas, que moram aqui e vivem na casa comigo, mas não é a mesma

coisa de pai e mãe. (Lídia, 19 anos)

A sustentação de um novo estilo de vida pode agregar estratégias de omissão de certos fatos ou ações, ou adiamento do momento de revelação daquilo que acreditam que os pais não aprovariam ou “não estão preparados para saber”. Assim é garantida uma individualidade a esses jovens inimaginável em casos de coabitação com os familiares, sem que necessariamente se instaurem conflitos intergeracionais graves. Os próprios familiares parecem contribuir de certa forma para a legitimação da moradia coletiva como um espaço individualizado, encenando uma separação progressiva (tanto física quanto simbólica) da nova situação de moradia juvenil da lógica familiar, assim como apresento a diante. Esta legitimação é fundamental para a sustentação desta imagem pelos jovens.

A ida para a UENF, portanto, em seus custos objetivos (gastos com mudança e manutenção do apartamento, etc.) e subjetivos (o afastamento da família e das redes de relações constituídas até então) representa em si mesma o reconhecimento dos familiares da capacidade dos filhos em direcionar-se de forma autônoma. E, em certo sentido, através de uma experiência negativamente estigmatizada: a vida em república, assim como reconhecem os próprios estudantes:

Eu sempre quis fazer faculdade longe de casa. Sempre quis. Tanto que o primeiro vestibular eu fiz para a Rural, porque era o meu sonho morar em alojamento. Aí eu sempre pensei, assim, mas não sabia se eu ia conseguir ou não. Eu sempre pensei, aquele sonho doido, né? “Não, aos dezoito anos eu vou trabalhar, eu vou morar sozinha”. Aí depois, quando eu fui fazer pré, eu “não, tenho outra saída, vou fazer minha faculdade longe e morar em alojamento”. [risos] [...]

Mas eu esperava que fosse pior, assim, esse negócio de zona, assim. De beber e tal, o pessoal é bem controlado. Eu acho o pessoal bem responsável. Que vem pra cá. Cada um sabe que não ta aqui só pra zoar. Ta pra estudar. Depende do dinheiro, sabe? Não vai ficar sacaneando aqui, só de... Sabendo que os pais se esforçam pra mandar dinheiro. Acho sacanagem. Agora alojamento não, sabe que ta lá de graça, e tal. Fica quanto tempo você quiser. (Juliana, 21 anos)

A decisão de enviar o jovem para a outra cidade exige que haja uma relação de confiança que servirá também como importante apoio a ele, fundamental não apenas para que

se adapte no novo ambiente, como também para que a decisão pelo afastamento possa se sustentar. Conheci pelo menos duas moças que desistiram do curso de seus sonhos, e da oportunidade de cursar uma universidade pública em poucos meses, não devido à um posicionamento contrário dos familiares com relação à sua permanência, necessariamente, mas a dificuldade encontrada por eles em lidar com o afastamento dos filhos. Num dos casos, a mãe ligava para a menina diversas vezes ao dia, chorando, e chegava a incentivar comportamentos danosos ao rendimento escolar, como falta as aulas, para que a filha estendesse sua permanência em casa⁴⁷.

Mesmo quando a vida longe da casa da família é sonhada pelo jovem, ou a possibilidade de realização do ensino superior uma forte motivação, o afastamento pode causar muito sofrimento nos primeiros momentos, como nos mostra Letícia:

Foi péssimo. Eu chorava, porque não sabia se queria, porque, assim, bem ou mal, eu já tinha a faculdade lá sem ter que gastar nada, perto de casa. E não ia ter que gastar com nada, porque passagem meu pai ia me... Deixar o Rio card comigo. E aqui eu ia ter um custo super alto, assim... Mas foi uma coisa, assim, meio que de Deus. Porque no ano que eu passei meu pai se aposentou. Aí ele foi e falou que se eu quisesse teria como ele me sustentar aqui, porque ele continuaria trabalhando, aí o dinheiro da aposentadoria dele ele me dava pra eu me sustentar aqui. Aumentava a minha pensão, que ele já me dava normalmente. Aí minha mãe ficou meio assim... e ele sempre falou: “Ah, filha, se você acha que é o melhor pra você, então, você vai”. Aí eu resolvi vir, mas no início foi muito difícil. Principalmente quando minha mãe, principalmente quando ela começou a ficar doente, foi a pior parte (Letícia, 22 anos, 2,5 em Campos).

O incentivo familiar assume uma importância fundamental para a superação dessas dificuldades, assim como a legitimação da casa da família como um refúgio para o qual se pode retornar com frequência. O ambiente familiar deixado pelo estudante em sua saída de casa, em amplo sentido, a sensação de que “tudo está bem” influi nesse processo. A preocupação demonstrada por Letícia com a doença de sua mãe, que teve depressão meses depois da mudança da filha, a levou a pensar em desistir da universidade, e o reconhecimento dos esforços realizados por seu pai⁴⁸ em favor do seu sustento em Campos, traduzido como

⁴⁷ A menina retornava à casa da mãe para um final de semana e, com frequência, lá permanecia até o fim de semana seguinte, perdendo uma semana inteira de aulas.

⁴⁸ Os pais de Letícia são separados desde que tinha 4 anos. Seu sustento em Campos é garantido pela pensão conferida pelo

incentivo ao direcionamento assumido por ela, agiu no sentido oposto, contribuindo para a sua decisão de seguir em frente com o curso. Para Juliana, uma crise no relacionamento de seus pais dificultou sua adaptação no novo ambiente, fazendo-a sentir-se culpada por afastar-se, como se estivesse traindo a integridade familiar:

No começo eu chorava muito... Quando eu sai lá do Rio os meus pais não estavam muito bem, aí eu tava, fiquei... Quando eu soube que eu vinha morar aqui, aí eu chorava muito em casa, não queria deixar a minha mãe sozinha. Mas também eu queria vir pra cá. Aí isso me deixava muito chateada sim. Aí eu vim pra cá, meu pai saiu de casa. Aí eu fiquei como? Trai minha mãe, né? Vim pra cá e deixei ela sozinha. Mas aí depois ficou tudo bem. Mas no começo eu fiquei muito triste, quando eu vim pra cá. (Juliana, 21 anos)

A relação entre a república e casa da família como referências individuais são descritas pelos estudantes com grande ambigüidade, segundo o observado anteriormente (BLANC, 2006) e reiterado entre os jovens agora analisados. Ao mesmo tempo em que a origem familiar pode ser acionada como referência determinante para a legitimação de um sentimento de pertencimento no novo espaço, a moradia coletiva é valorizada como um espaço individualizado. A referência a “minha casa” é realizada por eles num movimento de ida e vinda constante, no qual o entendimento da “casa” mencionada só pode se dar a partir do contexto amplo da conversa.

A moradia coletiva se apresenta como uma espécie de espaço de liminaridade, sendo incapaz de assumir plenamente o papel da “casa”, de um espaço de referência indiscutível, mas que ao mesmo tempo compartilha com esta algumas características e certamente assume outras. Semelhante ao período transitório e instável vivenciado pelo grupo de ingleses analisado por Rezende (2002), entre a conquista de independência financeira, estabilidade profissional e a formação de suas famílias. Moram sozinhos, com amigos ou parceiros, mas ainda não têm responsabilidades parentais e apresentam uma noção ambígua de casa, “*ora referindo-se à casa dos pais, ora à sua própria*” (REZENDE, 2002: p. 37). Aspecto que é subjacente ao caráter transitório de sua forma de moradia, ou até mesmo fase da vida, ou sinais de um processo progressivo de legitimação de um lugar que lhes seria próprio, por mais

pai, sendo que após a entrada da filha na universidade, ele ampliou este valor. Os pais de Letícia estudaram apenas até o Ensino Fundamental.

que mantido com a renda paterna. Tal ambigüidade, também apresentada pelos integrantes de repúblicas universitárias, reflete a incapacidade de ambos os espaços, ou os grupos de relações nele inseridos, em fornecer um sentimento de pertencimento e identidade estáveis e incontestáveis neste contexto.

A casa da família, por outro lado, ao contrário da volatilidade apresentada pela experiência em república, pode (ou deve, já que se espera que o faça) se manter como uma referência mais confiável. Apesar da valorização do novo espaço, e do desejo muitas vezes mencionado de prosseguir com uma trajetória destacada da realidade vivenciada anteriormente, a estabilidade familiar, mesmo que relativa, é fundamental para a manutenção da coerência das trajetórias individuais, em contraposição à característica dinâmica das moradias coletivas.

Todos os estudantes entrevistados vivenciaram mudanças na composição de suas repúblicas, a maioria deles apontando como fator fundamental de ao menos uma das modificações presenciadas o conflito entre integrantes, exceto por Juliana. A moça morou durante os últimos dois anos e meio, período total de sua permanência em Campos, até então, em companhia das mesmas companheiras de apartamento. Ainda assim, precisaram se mudar de imóvel neste intervalo de tempo.

Conflitos internos entre colegas de moradia, saída de companheiros devido à conclusão do curso, troca de imóvel por diferentes motivos, são muitas as mudanças possíveis de serem vivenciadas no contexto das moradias coletivas. Ao mesmo tempo, por mais que as trajetórias sejam sonhadas de forma individualizada a partir de então, no que se refere às perspectivas futuras, as referências familiares mantêm seu papel preponderante no contexto da vivência juvenil, de acordo com seus discursos.

Luciana fala sobre a decisão da mãe em mudar-se para Salvador futuramente:

Não, assim, ela diz que vai esperar eu me formar, porque se eu quiser ir com ela eu tenho como ir, e vai esperar o meu padrasto se aposentar, porque é mais ou menos o mesmo tempo. E é o mesmo esquema também: se ele quiser ir, ele vai, porque ela vai com certeza, entendeu? Siga-me os bons, né? Quem quiser ficar...

M – E você pensa em fazer o que?

L – Eu penso em ir. Mas eu também penso em ficar, por que... Por causa desse lance de mercado de trabalho. E por mais que “ah, Salvador é um lugar lindo, maravilhoso”, mas morar lá é um horror, entendeu? Assim, é... eu to acostumada com o Rio e é totalmente diferente de tudo. Passar as férias lá é uma delícia, é muito bom, mas tu ficar vivendo lá é muito diferente do que eu to acostumada a viver. Ah, tudo bem, eu vou estar com a minha família perto, mas pô, eu tenho que pensar na minha carreira, tem que pensar no meu namorado. E se a gente for se casar, como é que é, eu vou arrastar ele pra lá? E a família dele? São essas questões, mas, assim, eu sei que eu penso em ir mesmo, penso em ir. (Luciana, 20 anos)

Curiosamente, esteve muito presente em seus relatos, como aspecto negativo da experiência de afastamento familiar vivenciada, o medo da perda de um ou mais membros da família. Certa insegurança de que algo de ruim possa acontecer na sua ausência traduzida em uma sensação de impotência com relação ao que ocorre entre os familiares.

Assim Luciana verbaliza também um sentimento de culpa por não poder estar perto, somada ao sofrimento em não poder acompanhar todos os eventos familiares significativos:

Pra mim, o lado ruim é ficar longe da minha família. Ficar longe da minha família, porque eu sou, sou muito ligada a minha família, assim. Sou... Gosto muito de estar presente. Esse á o lado ruim de estar longe da minha família e acho que só, porque eu não vejo outra coisa de ruim em morar em república, a não ser essa questão de estar longe da minha família.

[...]

Eu fico pensando que ele pode faltar de uma hora pra outra. E ele tem também alguns problemas. E eu sempre fico pensando isso. Que eu tenho medo de estar aqui, não estar participando mais lá de casa. Meu pai falta e aí? Tanto tempo que eu fiquei aqui, vejo meu pai uma vez cada um mês, eu fico com medo disso. De ele faltar e eu nem ter mais participado de nada em casa. O ruim é isso (Luiza, 20 anos).

As experiências vivenciadas no novo contexto são altamente valorizadas em suas narrativas, que atribuem ao afastamento da família grande parte das possibilidades que se abrem neste novo horizonte. Ao mesmo tempo, o gosto pela vida nova, construída a partir da saída de casa, não impede que se alimente um sentimento de perda com relação àqueles que ficam. Percebe-se claramente que uma

[...] maior sensibilidade ao desenvolvimento pessoal não exclui uma demanda de apoio à identidade, podendo mesmo reforçá-la. Ora, esse apelo a um apoio ao desenvolvimento pessoal assume, com frequência, um tom de injunção (CICCHELLI, 2000: p. 114).

Ainda nos dias de hoje, os mais jovens são profundamente marcados pelos sistemas de valores familiares, mas, segundo GALLAND (1997 : pp. 178), na adolescência essas tensões tendem a se focalizar em assuntos cotidianos e nos espaços de liberdade e autonomia ainda em construção. *“Une fois passée cette phase critique, une fois apaisés les conflits auxquels elle a pu donner lieu, ce sont surtout la force et la permanence des transmissions – et d`abord dans ce qu`elles ont d`implicite et de profondément intériorisé – qui demeurent”*. Neste processo de construção de suas individualidades também as relações intergeracionais sofrem, e precisam sofrer, mudanças significativas em direção ao reconhecimento desse sujeito como um parte do grupo familiar, mas segundo um posicionamento progressivamente diferenciado.

A valorização progressiva das individualidades se dá na relação com o outro. Os familiares, em consonância com os grupos secundários de sociabilidade, exercem um papel fundamental no reconhecimento do jovem como tal e sua potencial autonomia. Neste sentido, será possível observar as peculiaridades do caso analisado através de um discurso juvenil que, ambíguo em si mesmo, por razões apontadas no próximo tópico, se reconhece como “independente”.

A diferenciação a partir do contato com diferentes visões de mundo e a possível interiorização de novos preceitos, por outro lado, não se apresenta necessariamente como uma quebra com os padrões de pensamento já assimilados. Essa aproximação com perspectivas que vão além do complexo simbólico até então apreendido pode se dar em conformidade com o construto familiar, caracterizando este processo como o que Berger e Luckman (1976) denominam socialização secundária; e essa é a fase a tornar possível a constituição dos indivíduos enquanto tais, ainda que segundo padrões específicos do meio ao qual estiveram basicamente inseridos até então.

A tendência em uma supervalorização do papel materno apresentada por alguns de meus entrevistados na relação pais e filhos havia sido observada também por Reichert e Wagner (2007) em seu estudo sobre a construção da autonomia na adolescência a partir de diferentes estilos disciplinares parentais. Segundo as autoras *“a mãe é identificada pelo*

adolescente como figura mais próxima e marcante que o pai. É com a mãe que tanto o filho como a filha estabelece contatos mais íntimos e prolongados” (REICHERT e WAGNER, 2007: p. 298). Ao mesmo tempo é necessário que os filhos percebam ambos os pais como possuidores de estilos educativos semelhantes, permitindo a legitimação de um sentido de coerência que é valorizado pelas autoras como um fator de proteção no desenvolvimento dos jovens. Mais do que o método utilizado pelos familiares na educação dos seus filhos, os fatores de maior importância destacados nesta pesquisa, pelos próprios jovens, são a capacidade de seus pais em reconhecer sua progressiva autonomia e o afeto (REICHERT e WAGNER, 2007).

A continuidade dos estudos, em casos como os analisados, se apresenta como um projeto familiar em si mesmo. A possibilidade de inserção na universidade por esses jovens exige uma disponibilidade, investimento e, portanto, apoio dos pais e responsáveis muito peculiar. Mais do que o adiamento da entrada desses jovens no mercado de trabalho, e portanto da conquista de sua independência financeira com relação aos pais, e possível capacidade em contribuir com as despesas, tal empreitada exige uma reorganização objetiva e subjetiva das relações pais e filhos. Para tanto, é necessário não apenas que se reconheça a individualidade do outro, como também que se empreenda um projeto coletivo em favor da conquista de sua autonomia, com implicações até mesmo financeiras nesses casos.

3.1.2 - “Independência” como uma interessante construção social.

O campo de possibilidades oferecidas aos sujeitos ocidentais na constituição de suas trajetórias implica no diálogo entre diversas fontes de significação (VELHO, 2003). Em situações como as apresentadas por meus entrevistados, a ampliação das possibilidades de relacionar-se se dá de forma singular, sobretudo se comparados aos colegas que permanecem na casa dos pais por mais tempo.

É possível falar em indivíduo moderno, sem entrar no mérito da discussão, por ser possível falar em formação de identidades a partir da agregação de diferentes visões de mundo, e apenas por se falar em diferenciação com relação ao coletivo; mas nenhuma dessas afirmações reduz o papel do contato com o outro no processo de definição da imagem construída sobre si mesmos. Neste sentido, a família é apontada por esses estudantes por exercer um papel fundamental na legitimação das identidades juvenis no contexto analisado. Analiticamente, isso se reflete em suas representações quanto à situação vivenciada, traduzida muitas vezes em suas narrativas pela noção de independência.

A diferenciação sucinta dos termos autonomia e independência será utilizada apenas em favor do entendimento do posicionamento observado entre os jovens entrevistados. Não me proponho aqui a realizar uma discussão aprofundada das diferentes apreensões possíveis de tais termos pelas ciências humanas de forma geral. Porém é necessário salientar que a contraposição das noções de autonomia e independência presente em seus discursos revela uma apreensão peculiar por esses jovens desses diferentes conceitos, senão uma supervalorização da sua condição, legitimada nas relações entre si e com os outros referenciais. O que mais uma vez chama atenção para o papel das relações inter-geracionais para a compreensão do caso estudado.

A partir de uma proposta de apreensão do processo de individualização juvenil segundo um contexto relacional, destaca-se a sua importância em encontro à proposta de Brandão (2003). Contrapondo-se a uma noção de independência que pressupõe a dessocialização do homem, o sentido de autonomia aqui utilizado “*supõe abertura ao outro, comunicação, transcendência a partir da imanência, submissão da singularidade a um mundo comum onde todos possuem a estrutura da subjetividade (auto-reflexão e autofundação)*” (RENAUT apud BRANDÃO, 2003: p. 40).

A crença em uma identidade pessoal, um “eu verdadeiro”, denominado por Singly (2000) como o mito da interioridade, se constituiu de forma progressiva no Ocidente, até legitimar-se como uma evidência normativa entre nós. Esta crença estaria atrelada a outro imperativo: a noção de autonomia. Ao mesmo tempo, é necessário chamar atenção para o fato de que essa procura de si não se traduz, necessariamente, em um narcisismo. Sua demanda está voltada para uma atenção ao olhar dos outros. Neste sentido, o que são definidas como as duas dimensões do processo de individualização, a autonomia e a independência, é o que hoje

diferencia os jovens e os adultos. Segundo o autor, os sujeitos tornam-se autônomos, necessariamente através de uma relação de dependência (SINGLY, 2000).

A dependência financeira apresentada pelos jovens analisados com relação aos seus pais está subordinada ao que poderia ser traduzido num contexto mais amplo como uma dependência relacional: a constatação de que a própria individualidade se constrói em um contexto social.

Os relatos apresentam ambigüidades não apenas no que se refere à marcante presença de uma noção de independência, como também na construção de uma visão de si como sujeito financeiramente autônomo entre os alunos que são bolsistas da instituição (sete dos jovens entrevistados). Aqueles que tiveram bolsas anteriormente, mas que estavam no momento da entrevista sem bolsa, apresentam um posicionamento semelhante ao se referir ao período em que a renda própria era obtida. A primeira dessas ambigüidades diz respeito a um contrasenso entre o notável reconhecimento dado por eles ao papel do referencial familiar para a constituição de suas individualidades (assim como o apresentado anteriormente) e, ao mesmo tempo, a construção de uma nova identidade através da valorização do que é traduzido como independência. A segunda está relacionada ao exercício da atividade de bolsista da universidade, muito comum entre os estudantes, e uma supervalorização da importância da renda pessoal obtida para o seu sustento que não corresponde à realidade por eles mesmos descrita.

Consideram-se independentes, ou progressivamente mais independentes de seus pais, por conceituar tal termo através das noções de liberdade, responsabilidade e auto-sustento. A nova realidade, neste sentido, exige sim que assumam maiores responsabilidades e realmente lhes confere maior liberdade de ação, se conformando em partes ao que é tomado por eles como processo de independência. Assim é sustentada e fortalecida sua representação quanto à situação vivenciada, onde este termo assume o sentido de autonomia: *“a experiência que a gente tem acho que é totalmente válida, sabe? É, tipo assim, você tem independência, é muito bom, assim, sei lá. Você muda, você adquire mais experiência”* (Helena, 20 anos, 2,5 em Campos). Esta possibilidade, segundo Flávio, é dada pelo afastamento geográfico dos familiares, sobretudo: *“aqui em Campos que eu passei a, como é que se diz, sair mesmo e tal, sozinho, e tal, que não sei o que... Em casa eu era moleque ainda, mas, saia e tal, saia com os moleques, mas não era aquela coisa de, sei lá, né? Ser independente aqui. Você segue a sua*

vida aqui, né?”.

De uma forma geral, a noção de independência assume um sentido referente à capacidade de direcionar-se sem o auxílio direto dos pais, a capacidade em cuidar de si, mesmo que provisoriamente:

Eu sempre fui muito independente na minha casa. Esse negócio de sair, de noite, meu pai sempre teve medo, nunca gostou de eu chegar tarde em casa, agora de viajar, de passar mês fora, assim, em camping, meu pai nunca ligou. Então não tem, assim, tanta diferença. É claro que é diferente, né? Morar fora. Mas, eu já era mais independente, assim. Nesse aspecto. (Juliana, 21 anos).

O cotidiano dos jovens analisados envolve, além da atividade estudantil, o preparo de alimentos para consumo próprio, o pagamento de contas (refiro-me aqui apenas à responsabilidade quanto à vigília das datas, recebimento do dinheiro e sua poupança para este fim específico, já que nove dos dez entrevistados declararam depender de seus pais para o seu sustento), o cuidado de si, etc. A manutenção da moradia, no que se refere à atividade de limpeza e decoração, assume importância variante nas diferentes repúblicas, segundo dados da observação participante entre esse grupo de jovens. De forma geral, são estipuladas atividades fundamentais, segundo as moradias: varrer, lavar o banheiro (ou simplesmente passar pano), etc.; que podem separar ou não os espaços comuns (sala, banheiro e cozinha) dos espaços privados (quartos e banheiros individuais⁴⁹). A frequência com que a limpeza deverá ser realizada e a importância dada por eles para a realização de tais tarefas varia, podendo apresentar-se como motivo de brigas frequentes em certos casos.

Normalmente é estabelecido o sistema de revezamento, em que periodicamente cada integrante fica responsável por uma atividade. Punições ao não cumprimento das “regras” são mais ou menos frequentes de acordo com a importância dada à manutenção da moradia. Desajustes de opiniões entre os diferentes membros de uma mesma república, quando um apresenta menor interesse na realização das tarefas, ou maior intolerância ao desinteresse dos outros, foram identificados no discurso de alguns dos estudantes entrevistados.

⁴⁹ Apenas Grazielle possui um banheiro individual. A moça divide uma casa com três rapazes e, segundo negociação interna, ficou com a única suíte da casa. Os apartamentos do VC não têm suítes. O projeto original prevê dois banheiros, um

Temática de grande relevância, a freqüente conjugação entre as atividades de aluno e bolsista da universidade também pode contribuir para o entendimento da construção de uma noção de “independência” entre eles. Sete dos dez jovens entrevistados são bolsistas da universidade. Apenas Flávio declarou ser capaz de sustentar-se com esse dinheiro. É importante ressaltar que o rapaz já possui o diploma de graduação e foi contemplado com uma modalidade de bolsa cujo valor equivale ao dobro das Bolsas de Iniciação Científica fornecidas à graduação.

As bolsas estudantis oferecem aos alunos possibilidades que se sobrepõem ao próprio valor dos benefícios. Curiosamente, a atividade remunerada, através da realidade e relações nas quais os insere, é convertida por eles como uma condição de trabalho.

Esta visão de si como um sujeito financeiramente autônomo relaciona-se com a construção de uma identidade supostamente independente pelos estudantes analisados, marcada pelas noções de autonomia financeira (neste caso relativa) e responsabilidade, ou capacidade de gerir a própria vida de forma autônoma e responsável.

Por um lado, através das bolsas estabelece-se uma relação com a instituição de ensino peculiar, possibilitando aos estudantes exercer um duplo papel dentro da comunidade universitária. É lançada uma relação que foge à dinâmica estudantil em si mesma, possibilitando a inserção desses jovens em ambientes normalmente reservados aos professores e técnicos da instituição. E os insere em uma dinâmica marcada pela hierarquia de trabalho, paralela à relação ensino/aprendizado típica: *“já trabalho no laboratório há muito tempo, então já tenho um... já posso pegar a chave, já posso ficar lá, então eu vou pro laboratório ou venho pra cá”* (João, 19 anos, 2,5 em Campos). A UENF disponibiliza aos alunos da graduação variadas modalidades de Bolsa, desde as que prevêm a realização de atividades burocráticas, como as Bolsas de Apoio Acadêmico, pesquisa, como as de Iniciação Científica e Jovens Talentos, ou auxílio docente, como a Bolsa de Monitoria. Apesar de suas peculiaridades, em todos os casos os estudantes passam a conviver, senão diretamente com professores (como é mais comum durante o desenvolvimento de pesquisas) com funcionários técnicos e/ou administrativos da instituição.

Apesar da atividade de bolsista ser realizada no intervalo entre as aulas é dada a

localizado na área de serviço, e em muitos casos transformado por seus donos em um maior espaço para a lavanderia. Este, mesmo quando mantido, raramente é utilizado.

possibilidade real de que se relacionem com esses atores como colegas de trabalho, mais do que como alunos da instituição de ensino, sendo inseridos em uma hierarquia de trabalho propriamente dita. O interessante é constatar que através dessas relações, estabelecidas com a própria instituição de ensino, já que em determinado momento, bolsistas ou não, todos os alunos devem inserir-se nos laboratórios⁵⁰, apresenta-se como mais uma peculiaridade desta realidade. Este vem a se somar como mais um dos elementos constituintes de suas identidades, forma de valorização de si através de uma identidade de trabalhador e definidor de sua “independência”: “*A gente trabalha tanto aqui que quando a minha mãe pede pra lavar um prato eu ‘ai, não agüento mais!’*” (Graziele, 21 anos).

Por outro lado, o dinheiro ganho com as bolsas promove a ampliação das possibilidades de consumo, lazer e ação. A obtenção da renda pessoal permite uma relação de semi-independência financeira em que o estudante, ainda atrelado ao auxílio financeiro familiar para a sua permanência em Campos, tem a possibilidade de administrar uma parcela de dinheiro que não está subordinada ao controle da família, segundo as suas declarações:

[...] a minha mãe, ela paga todas as minhas contas. Então o meu dinheiro da bolsa é o que? Porque eu pegava e comprava as coisas pra mim, pegava o meu cartão e comprava as coisas e tal. Aí mais também pra Xerox e pra eu viajar do Rio pra cá. E pras minhas besteiras aqui, coisa que eu sempre comprava (Helena, 20 anos).

Enquanto o dinheiro enviado pelos pais é direcionado para o pagamento das contas fixas, representando, portanto, a real fonte de sustento do jovem, o dinheiro obtido com a bolsa pode ser gasto “com besteiras”. Sem que os pais interfiram ou que o jovem se sinta culpado por isso. Helena demonstra tal preocupação ao referir-se ao uso do dinheiro enviado pelos pais:

Eu acho... É porque eu acho, tipo assim, o dinheiro era meu, entendeu? Então. Quer dizer, é meu, então não tem problema agora não, o dinheiro que eu gasto agora é da minha mãe, eu sei que ela tem um

⁵⁰ A defesa de monografias individuais de conclusão de curso é uma exigência da universidade. Conseqüentemente, em algum momento de sua formação superior, os alunos devem associar-se a um dos laboratórios da universidade e um professor, que lhe servirá como orientador.

trabalho muito maior pra conseguir, ainda tem as contas dela lá pra pagar, então por isso o meu era mais... Era meu então não tem problema. Tanto que você trabalha o que... Vinte horas só por semana e consegue ganhar um pouco no final do mês. Ela não, trabalha cedo, meu pai também, até de noite, por isso eu não, não, eu não peço dinheiro. Ela me dá e acabou.

A construção de uma identidade permeada pela noção de trabalho, seguida do uso autônomo e individualizado da renda pessoal (no contexto da prática de um projeto familiar: a continuidade dos estudos) conforma-se, portanto, com a noção de independência vigente entre os estudantes analisados. Assim como aponta Peixoto, “*Le simple fait d’administrer ces rentes mensuelles fait que beaucoup de ces étudiants pensent avoir déjà conquis leur autonomie*” (PEIXOTO et al, 2007: p. 10), autonomia esta denominada, por eles mesmos, como independência.

A possibilidade de que tal termo possa fazer parte de suas representações de si, considerando ao menos sua incapacidade de sustentarem-se por si mesmos, evidencia por sua vez o estabelecimento de relações muito peculiares. Através da sua interação com a instituição de ensino, compreendida como um ator nessa dinâmica, e seus funcionários; entre si e, sobretudo, com seus familiares, são re-significados conceitos e, mais do que isso, realidades.

Estipulados o pertencimento institucional e a vivência em moradias coletivas como os focos fundamentais da análise das identidades juvenis aqui formuladas, não é necessário supor que a(s) identidade(s) desses jovens, ao retornarem às suas cidades de origem, seja(m) compatíveis com as representações de si socialmente legitimadas no contexto *uenfiano*.

Pressuponho segundo referencial teórico tomado como base para este trabalho que haja um trânsito desses indivíduos entre “mundos sociais” e “províncias de significados” com implicações para a construção de uma identidade juvenil plural e ao mesmo tempo a reconfiguração das relações geracionais, dada pelo contato dos mais jovens entre grupos e espaços até então velados para as gerações anteriores (SCHUTZ, apud VELHO, 2006). A identidade *uenfiana* construída pelos integrantes de moradias coletivas aqui analisados, apresenta-se como uma entre as possíveis imagens de si construídas e legitimadas por eles. Possui validade e sustentação neste contexto específico, e integra a construção de suas identidades juvenis, mas estas tendem a assumir diferentes matizes em diferentes situações e

relações.

Referindo-me ao papel da família neste processo, é necessário que se conjuguem o reconhecimento da individualidade do outro em favor de seu processo de individualização e a legitimação da moradia coletiva como um espaço juvenil individualizado. A partir daí, levando-se em conta o reconhecimento dos próprios jovens das referências familiares como base valorativa e apoio subjetivo, pode se pensar nesse processo específico de construção de identidades a partir do novo contexto.

3.2 Modos de vida: sexualidade e uso de drogas no grupo analisado.

O distanciamento geográfico dos pais e responsáveis acarreta em certo sentido em uma redução do alcance da autoridade familiar, bem como das normas de conduta valorizadas pelo grupo primário de sociabilidade dos jovens analisados. Ampliam-se as possibilidades de autodirecionamento, bem como de re-elaboração valorativa, sobretudo se considerado o estabelecimento de novas relações. Assim como apresentado acima, os jovens analisados demonstram passar por um interessante processo de construção de suas identidades individuais e legitimação progressiva de uma maior autonomia. É interessante pensar, portanto, em possíveis modificações de seus direcionamentos em favor da legitimação de um novo estilo de vida também no que se refere ao exercício de suas sexualidades, e em relação ao uso de drogas em um ambiente potencialmente favorecedor da experimentação.

As garotas entrevistadas apreendem com mais clareza as mudanças propiciadas pela nova realidade vivenciada com relação ao exercício de sua sexualidade. Já os rapazes declararam não perceber mudanças significativas neste sentido. Tais discursos evidenciam diferenças significativas entre identidades de gênero, em conformidade com o estudo de Leal e Fachel (1999) entre jovens de Porto Alegre, onde chamam atenção para os diferentes conteúdos que permeiam os imaginários sexuais masculinos e femininos, ainda que a

iniciação sexual de ambos os grupos possam seguir padrões semelhantes.

João aponta basicamente para um aprofundamento de suas relações com pessoas do sexo oposto. O rapaz foi interno de uma escola agrícola próxima à sua cidade natal durante o Ensino Médio, onde conviveu basicamente com rapazes nas salas de aula e, principalmente, nos dormitórios, já que às garotas era velada a possibilidade de internação. A entrada na universidade ampliou substancialmente seus contatos com garotas, permitindo um convívio mais estreito, no interior das moradias coletivas:

A turma [da faculdade] tem muitas meninas, você vai para a casa das meninas. Lá não tinha essa questão. Sair, você saía só com seus amigos, aqui sai com amigos e amigas. A diferença também é essa, porque aqui você se relaciona com uma gama muito maior de pessoas do que lá [o colégio agrícola]. Geralmente você é amigo do pessoal do seu quarto. E você convive, você dorme todo os dias com eles então você acaba sendo mais amigo do pessoal do seu quarto. Aqui não, você ta com uma república, com outra, ta com o pessoal da sua turma, de outra turma. Aqui o vínculo de amizade é maior do que lá. Conhece mais pessoas.

O discurso do estudante ilustra uma ampliação das redes de relações com jovens de ambos os sexos, assim como um aprofundamento do contato com garotas em favor da construção de relações de amizade. Por si só tal heterogeneização dos vínculos de amizade se constitui como uma ampliação fundamental das possibilidades de socialização propiciadoras do estabelecimento das primeiras relações amorosas, segundo Lhomond (1999). Mas isso não parece representar mudanças realmente significativas para o rapaz.

Diferenças na dinâmica de estabelecimento de relacionamentos amorosos não são consideradas tão relevantes também para Flávio: “*Não, liberdade sim, porque eu moro aqui sozinho, então, eu to na minha casa, né? Lá em Rio Bonito não, eu to na casa dos meus pais, é diferente, né? Basicamente isso, agora, outro tipo de mudança não*” (Flávio, 23 anos). O rapaz reconhece que sua liberdade de ação é ampliada pelo novo espaço de moradia, mas esta constatação não se mostra para ele como um fator fundamental para mudanças no exercício de sua sexualidade.

Entre as garotas, o afastamento geográfico das autoridades familiares é destacado como elemento fundamental para o estabelecimento de novos hábitos com relação ao

exercício de sua sexualidade:

Não tem ninguém te olhando, então você faz o que quiser. [...] aqui é completamente diferente. Completamente. Quando eu fico com alguém, dorme lá em casa, e tem liberdade pra fazer o que eu quero (Graziele, 21 anos).

Ao contrário dos rapazes, a maioria das meninas reage enfaticamente ao falar sobre as possibilidades que se abrem para seus relacionamentos sexuais após a vinda para Campos. Tais mudanças são destacadas também como ponto de partida para reformulações nas relações entre pais e filhos, em favor de uma maior igualdade de direito entre irmãos de diferentes sexos em certos casos, e em defesa de suas individualidades:

Porque assim, minha mãe antigamente era muito machista. Tudo bem que ela era nova, mas minha irmã não era. Então, assim, minha irmã não... O namorado dela dormia na sala, por mais que eles transassem há anos, entendeu? O namorado da minha irmã dormia na sala e ela no quarto, por mais que também minha mãe imaginasse que de madrugada eles iam se encontrar, lógico, entendeu? Mas, tipo assim: só se a minha mãe colocasse a minha irmã no quarto e trancasse com a chave, que é uma coisa que ela não ia fazer nunca, eu espero né? E nunca fez. Mas, assim, ela sempre foi assim. Agora, com as namoradas dos meus irmãos não. Elas podiam dormir no quarto, entendeu? Aí, assim, quando eu vim pra cá eu tive mais essa liberdade, porque eu não podia... E eu nunca também tive a cara de pau de pedir, tipo “ah, vou dormir com ele aqui”, por mais que não fosse pra fazer nada, sabe? Teve um dia que eu tava passando mal, minha mãe não deixou o meu namorado ficar comigo no quarto, cuidando de mim, de noite. Meu quarto é do lado do quarto dela, eu falei assim “mãe, eu vou dormir de porta aberta”, “não, não, não”. Então, depois disso, eu falei assim, “cara, isso é o cúmulo de hipocrisia”. Então eu vou fazer assim também, eu vou fazer na rua se for necessário, porque aqui em casa, entendeu? Então, tipo, ficou assim, entendeu? Aqui foi bem mais fácil. Com certeza, porque pô, por mais que tenha as meninas, é a mesma faixa etária, é tudo zoação, é tranquilo, né? Com teu pai não, né? Se a tua mãe, vamos supor, escutar um dia, cruz credo, né?! Deus me livre! Meio que essa parada de vergonha também, né? Tipo [o namorado] vai comigo pra lá agora, minha mãe deixa a gente dormir junto. Porque, pô, cara, ela sabe que eu durmo com ele aqui todo dia... (Luciana, 20 anos).

Um suposto reconhecimento pelos familiares de que após o afastamento geográfico é limitado o seu controle sobre o comportamento de seus filhos, nesse caso sobretudo as filhas, se converte, de acordo com suas declarações, em uma progressiva reformulação das relações.

A ampliação das possibilidades de exercício da sexualidade pode se estender, assim como o observado neste caso, ao contexto de convívio familiar.

Em outros casos, as mudanças são mais sutis, limitando-se a um rearranjo nas relações entre pais e filhos em que se ampliam as possibilidades de negociação. Culminam senão em uma abertura ao diálogo sobre as experiências vivenciadas, ao menos em uma menor tentativa de controle das ações do jovem. As transformações são parte do novo contexto de moradia, mas não necessariamente se estendem ao contexto da casa da família. Reconhecidos os novos modos de vida desses jovens quando em república, durante os períodos de retorno à casa familiar, os pais podem esperar que seus comportamentos retomem a antiga lógica, anterior à saída de casa.

Não aviso, assim, pra ela. Não falo “mãe, vou dormir na casa do [namorado]”, mas eu falo que eu to indo pra lá. “Não, vou na casa do [namorado]”. Mas ela também não pergunta, porque eu acho que ela tem medo de eu falar que eu vou dormir então ela não pergunta. Ela descobriu uma vez, porque a [colega de apartamento] não sabia, ela ligou aqui pra casa, era umas oito horas da manhã, e ela perguntou. Porque ela tem mania de ligar domingo de manhã cedo, pra me acordar. Não sei porque, mas ela sempre liga cedo e me acorda. Aí a [colega de apartamento]: “ah, não, ela não dormiu em casa”. Aí a [colega de apartamento] ficou desesperada, porque ela [a mãe]: “onde ela tá?” E a [colega de apartamento] não sabia falar. Tipo assim, sabia que eu tava passando o final de semana na casa do [namorado], mas não podia ser tão direta, assim; “não, ela ta na casa do namorado”. Aí ta. Tanto que ela [a mãe] pegou e me ligou, só que ela não ligou direto pra mim, ela ligou pro [namorado], eu acho que ela ficou preocupada, de ter acontecido alguma coisa comigo, de ligar e não me achar, que ela ligou direto pro celular do meu namorado. Aí eu que atendi, aí ela “ah, onde você tá?”. Aí eu “ah, eu to aqui na casa do [namorado]” e ela: “O que que você tá fazendo aí?” “Ah, eu dormi aqui”. Porque eu já tinha uma noção, pra ela ligar pro telefone do [namorado], ela já sabia que eu não tava em casa. Aí eu “ah, não, porque a gente saiu, foi pra uma festa ontem, e tal, e o [namorado] não quis me levar em casa”. Meio que enrolei ela, assim. “Ah, que eu não to gostando disso, e tal”. Falei assim “ah, mãe, não liga não”. Mas que ela sabe, assim, diretamente, só uma vez (Gabriela, 19 anos).

Podem ser percebidas mudanças não apenas na forma como as estudantes lidam com o exercício da sua sexualidade, mas também na construção de seus relacionamentos amorosos no novo contexto. Concomitantemente, independente dos posicionamentos práticos assumidos, não necessariamente contrários aos valores anteriormente adquiridos, mais uma vez destaca-se na interpretação da realidade vivenciada o ponto chave para a compreensão de

suas identidades em construção.

Pude perceber transformações nas identidades sexuais sobretudo das garotas, voltadas para uma percepção de si como sujeito mais autônomo e pleno, mudanças permitidas, segundo elas, pelo afrouxamento do controle familiar. A sexualidade masculina, construída através de um posicionamento ativo ideal, é parte integrante da própria identidade social do homem. Este é reconhecido socialmente como um ser necessariamente sexuado, no que se refere ao desenvolvimento e direcionamento autônomo e dominante de seus desejos. Já a identidade social feminina não perpassa a construção de sua identidade sexual, não é necessário, portanto, que as mulheres se desenvolvam sexualmente para que sejam reconhecidas como tais (VON DER WEID, 2006). Culturalmente, a sexualidade feminina constrói-se socialmente de forma diferenciada “*no que concerne a expectativas, representações e estruturação tanto do núcleo de amizades quanto no das relações com os parceiros sexuais* (LHOMOND, 1999)”. Representações estas que agem também sobre suas relações com o outro, sejam familiares, amigos ou parceiros sexuais e que vêm apresentando modificações consideráveis, principalmente sob a perspectiva feminina, desde meados do século XX, causadores muitas vezes de grandes embates geracionais.

Dessa forma, é possível que a ampliação de possibilidades de ação e auto-construção valorativa propiciadas pela nova realidade vivenciada, no contexto das moradias coletivas, tenha maiores implicações para as garotas do que para os rapazes no que diz respeito à construção de suas identidades sexuais. O afastamento geográfico das autoridades familiares, senão um afrouxamento dessas relações, representa também uma oportunidade de romper, em certo sentido, com padrões comportamentais valorizados pelas gerações mais antigas.

O posicionamento apresentado pelos estudantes entrevistados com relação ao uso de drogas ilícitas não reflete diferenças de gênero. Este não se apresentou como um comportamento comum à sociabilidade do grupo analisado durante o momento de realização do trabalho de campo. Insisto em destacar a especificidade do período de realização da pesquisa, em relação a momentos anteriores (ou até mesmo posteriores) do convívio entre esses jovens devido à constatação de que parte dos estudantes analisados apresenta em seus discursos mudanças temporais em seu comportamento.

Coletivamente, seja em festas amplas de república ou encontros mais íntimos nas moradias coletivas, foi observado apenas o consumo de bebidas alcoólicas, principalmente

cervejas, vinhos doces e bebidas destiladas de baixo custo⁵¹. Mesmo assim tais práticas parecem ser relativamente pouco freqüentes, e relacionadas, sobretudo, ao contexto das festas, sejam estas internas ou externas às moradias. Não se trata portanto de um hábito freqüente ou destacado de contextos mais amplos. Apenas um dos jovens entrevistados fuma cigarros continuamente, e poucos são seus amigos próximos que mantêm este hábito.

Pude observar de uma forma geral que os estudantes analisados apresentam discursos que oscilam a todo o momento entre o medo e a curiosidade, entre aqueles que nunca experimentaram, ou a “curtição” e a dependência química entre os que já usaram em alguma ocasião. Dividem-se basicamente entre a naturalização do uso, desde que “controlado”, e a evitação da experimentação, na maioria dos casos.

Curiosamente, compartilham experiências coletivas de envolvimento “perigoso” de colegas próximos com drogas, que, segundo aquele que ainda usa ou os que em algum momento da vivência em república usaram maconha, os fizeram repensar seu posicionamento. Estes exemplos são também utilizados por aqueles que nunca experimentaram na sustentação de suas opiniões sobre essas práticas. Pode-se afirmar que, de uma forma geral, não houve uma modificação real das disponibilidades pessoais em consumir essas substâncias por esses estudantes após a entrada na universidade propriamente. A interrupção ou diminuição do hábito, e não a iniciação desses jovens no mundo das drogas foi observada com maior freqüência.

Entre os quatro jovens que declararam já ter fumado maconha, dois experimentaram antes mesmo da entrada na universidade. Aquele que ainda tem o hábito de usar, já o fazia com relativa freqüência, apresentando em sua narrativa uma diminuição da prática nos últimos tempos. O outro declarou uma ampliação do uso nos primeiros meses após a sua ida para Campos, e o abandono total desse comportamento tempos depois. Os outros dois afirmam ter experimentado “por curiosidade” e repetido a experiência por apenas duas vezes, e ambos o fizeram em casas de república, com jovens que conheceram já no ambiente acadêmico. Apenas um desses jovens declarou ter usado cocaína, também por apenas uma vez, e antes mesmo da entrada na universidade.

Os estudantes não adeptos dessas formas de experimentação defendem sua posição

⁵¹ Sobretudo o consumo de vodkas de baixo valor monetário com refrigerantes.

através de declarações que remontam valores assumidos em processos de socialização anteriores a saída da casa dos pais. Estes se referem a certo estranhamento da naturalidade com que, segundo eles, tais práticas são interpretadas e exercidas por diversos atores neste novo contexto. Um dos entrevistados diz que:

Nunca tinha visto ninguém fumar, assim. Eu até tava conversando, assim, conversava com as meninas, que eu sempre vi droga ligada ao tráfico. [...] Tipo: favelado que só ficava fumando maconha. E aqui foi uma surpresa pra mim, porque eram pessoas que eu nunca diria que fumava e fumavam. E, tipo, estudavam, pô... Tão na faculdade e tão fumando. E eu, pô, “nossa, né?!” Eu nunca pensei, né? Aí aqui que eu fui ver que tem gente que fuma e que já é até formado, se bobear até professor, eu nunca vi, né? Mas falam que professor fuma, e... Tudo normal, tipo, normal, normal, natural. Acha natural⁵².

Não foi observado o consumo coletivo de drogas ilícitas de nenhum tipo ou sequer referências a essa possibilidade durante o período de realização da pesquisa. Um dos estudantes declara ainda fazer uso da maconha, a cada duas semanas ou em “situações especiais”: “*Tipo assim, hoje eu provavelmente vou fumar. Ah, saí de uma prova estressante, vou dar uma relaxada*”. Por outro lado, esta prática é realizada com outro conjunto de amigos, também estudantes da UENF, uma rede de relações da qual apenas este, entre os estudantes analisados, faz parte.

Por outro lado, há evidências de que inicialmente o consumo de drogas, ainda comum entre alguns desses estudantes⁵³, tenha tido espaço em seu grupo de sociabilidade. Não pretendo remontar esse período, marcado pela presença de também outros jovens, e possivelmente a ausência de parte dos atores atualmente ativos nessa rede de relações. Ao mesmo tempo, é interessante observar que as experiências vivenciadas coletivamente por parte considerável desses jovens nos momentos iniciais de estabelecimento de suas novas relações em Campos apresentam-se como importante elemento para a construção de suas apreensões atuais sobre o consumo de drogas, incluindo o estudante que não interrompeu por completo esse hábito.

Invariavelmente, os estudantes que se dispuseram a discorrer mais cuidadosamente

⁵² Evito aqui identificar o declarante, mesmo que através dos codinomes, evitando qualquer possibilidade de identificação do jovem, mesmo que pelo próprio grupo.

sobre o assunto⁵⁴ se referem ao que é classificado como uso descontrolado da maconha. E essa “perda de controle” é certas vezes exemplificada através de casos reais, acompanhados por eles com relativa proximidade. Colegas que estavam entre os primeiros contatos desses jovens após a chegada a Campos, certas vezes ex-colegas de república, são apontados como exemplos: “O [---]... o [---⁵⁵] fumava pra tudo, pra acordar, pra dormir, pra comer, pra parar a fome. Tudo. Pra tudo ele fuma, até hoje. Eu não quis entrar nessa não”.

São estabelecidas discussões sobre a relação entre o uso de drogas e o desempenho nos estudos:

Porque, assim, se eu fosse fumar todo dia, eu não ia conseguir estudar, entendeu? Porque “ah, pra algumas coisas é bom”, é. Realmente, pra algumas coisas estudar é bem melhor, eu acredito... assim, já comprovei e tal. Mas, assim, num ta sendo pra mim, entendeu?

Assim são inseridos também questionamentos sobre as responsabilidades individuais na realização das atividades acadêmicas, levando em conta o empenho familiar para a realização do curso universitário. As possibilidades de experimentação dadas pela nova realidade se revertem em questionamentos sobre suas imagens de si em referência ao momento da vida vivenciado.

Autonomia, independência, responsabilidade, individualidade; sejam quais forem os termos utilizados para auto-referência a partir deste novo ambiente, são conceitos compreendidos por eles como capacidade de distinção entre o certo e o errado. Uma tomada de controle sobre suas próprias vidas que, considerada externamente como efetiva ou não, requer reflexão sobre as diferentes decisões passíveis de serem assumidas. A visão do outro, sejam os familiares, os amigos, ou quaisquer atores que possam servir como referencial em determinada situação, é valorizada na legitimação dessas identidades.

Mais do que condenar abertamente o uso da maconha, apesar de a maioria dos jovens

⁵³ Incluindo parte daqueles que não foram diretamente entrevistados.

⁵⁴ Esta temática foi inserida na entrevista através de perguntas simples e gerais. O assunto foi proposto e incentivado, mas o prolongamento da conversa sobre o tema apresentou variações entre estudantes. Os relatos foram mais sucintos sobretudo entre os estudantes que declararam nunca ter feito uso de nenhum tipo de substância ilícita.

⁵⁵ Insisto em manter em sigilo até mesmo os codinomes dos estudantes citados entre os consumidores de drogas.

entrevistados declararam não ter sequer experimentado, ou então abandonado seu uso, os discursos estão marcados pelo medo com relação às conseqüências possíveis. Tráfico/violência, criminalização, e sobretudo dependência química são os grandes pavores relacionados ao uso de drogas. Resumidamente, o medo do “descontrole”, da incapacidade de decidir por si mesmos, de se sentirem reféns de qualquer tipo de dependência possível. Este medo reflete a valorização da autonomia progressivamente conquistada e legitimada por seus familiares e amigos. O controle sobre si mesmo (colocado em risco pela possibilidade de dependência química) é o elemento fundamental para a sustentação de suas novas identidades. A autonomia também prevê pensamentos, sentimentos e tomadas de decisões que envolvem o próprio indivíduo (REICHERT e WAGNER, 2007). O uso descontrolado de drogas é interpretado por esses jovens como símbolo da incapacidade de se auto-impor limites, indo de encontro com seu projeto de individualização.

Resistir às ofertas, assim como buscar um estilo de vida alternativo ao consumo de drogas ilícitas, é também uma forma de reafirmação de identidades que se supõem independentes. Para nove dos dez jovens entrevistados, inclusive, portanto, três dos quatro estudantes que declararam já ter experimentado maconha, evitar drogar-se é a única estratégia realmente segura em favor de suas integridades individuais. A insegurança quanto a possibilidade de um uso inofensivo dessas substâncias reflete visões de mundo muito específicas a esses jovens, nas quais o valor das trajetórias vivenciadas em favor da legitimação de uma crescente autonomia (incluindo aqui a conclusão do ensino superior e os investimentos práticos e subjetivos necessários a este projeto) serve como limitador de suas disponibilidades à experimentação.

4 Identidades e grupos de sociabilidade.

A – Aspectos internos ao grupo de sociabilidade: o compartilhar de experiências e a construção de um novo estilo de vida.

1 – Relações e trocas entre os jovens observados.

Nove dos dez entrevistados fazem parte ativa do mesmo grupo de relações, exceto por Gabriela, que foi indicada por Dani na primeira semana de realização de trabalho de campo para falar sobre um conflito ocorrido durante as atividades de recebimento dos novos estudantes. Por outro lado, Gabriela é companheira de república de duas colegas de turma de Dani. Os outros nove estudantes foram vistos com frequência no apartamento das Pinks durante todo o ano letivo, assim como alguns de seus colegas de apartamento, em certos casos.

As visitas observadas entre esses jovens se relacionam, sobretudo, com três temas/objetivos principais: estudo (ou assuntos relacionados à universidade), lazer (tanto interno à república, quanto externo) ou o empréstimo de mantimentos, material didático e até mesmo objetos de uso pessoal. Nestas ocasiões foram frequentes os casos em que os estudantes realizaram refeições juntos na república Pink, sobretudo o lanche da tarde ou anterior às festas. As moradias coletivas observadas apresentam-se de forma geral, apesar do papel particularmente exercido pelo apartamento das Pinks, como importantes espaços de sociabilidade dos estudantes analisados. Pontos de encontros frequentemente acionados e locais que acabam funcionando, entre amigos íntimos, como a extensão de sua própria casa.

A partir do apartamento da república Pink se inicia a formação do grupo de jovens em direção à “noitada”. Em uma dessas ocasiões, foi reunido um grupo de 12 garotas, parte delas já no apartamento, outra parte pelo caminho, em suas casas ou em outros pontos de encontro. Acompanhemos um trecho do caderno de campo do dia 20 de março, sobre a ida a pé para a

festa de inauguração da Climax:

Inicialmente, nos dividimos em dois grupos: [Dani], [Lídia] e eu [Manuela] iríamos às 20h30min, [Patrícia], [Letícia] e [Juliana] às 22h00min. Por fim, fomos todas juntas às 23h00min, num grupo de 12 garotas, contando comigo. Na volta, às 04h30min da manhã, éramos nove. [...] Tanto a ida quanto a volta envolveu uma maratona de espera pelo resto do grupo, sempre parando pelo caminho para pegar ou deixar alguém.

Foi possível observar este mesmo hábito em diversas outras ocasiões. O condomínio Verdes Campos conta com um sistema de interfone em todos os apartamentos. Através de ligações gratuitas e diretas, os estudantes moradores do VC podem se comunicar a qualquer hora do dia ou da noite. Assim observei diversas vezes a utilização desta ferramenta no estabelecimento de uma espécie de circuito de contatos, acionados em diferentes ocasiões, como parte da sociabilidade dos estudantes que moram no condomínio.

Assim, são realizadas ligações entre os amigos para saber quem pretende sair, a que horas e para qual lugar, o que permite uma forma de relação bem peculiar entre os jovens que moram dentro do condomínio. Aqueles que habitam outros espaços do bairro, o caso de cinco dos estudantes entrevistados (contando com Gabriela), precisam usar seus celulares para entrar em contato, ou ir pessoalmente à casa dos colegas, o que pareceu mais comum. Apenas Luiza, que mora mais distante, demonstrou utilizar com frequência seu aparelho celular para fazer ligações para os amigos. Os outros estudantes entrevistados procuram buscar alternativas, como “torpedos⁵⁶” ou visitas propriamente ditas, com considerável frequência. A inserção dos estudantes não moradores do condomínio na rede, não mediada pelos interfones, parece exigir um tipo de investimento diferenciado em favor de uma participação ativa nos assuntos e eventos desse conjunto de jovens.

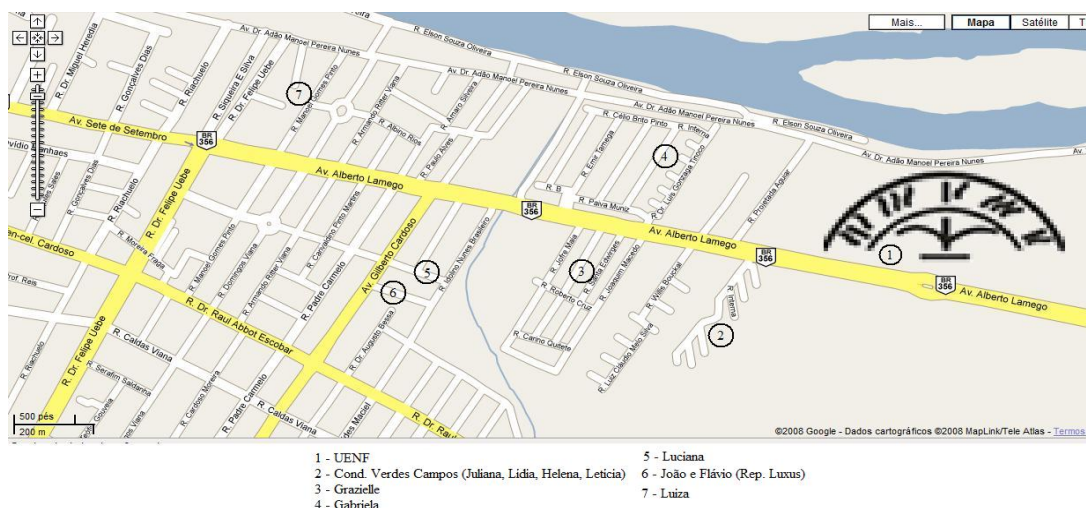
De uma forma geral, sejam quais forem os grupos de pessoas, o uso do tempo livre pelos estudantes analisados envolve atividades de caráter basicamente coletivo, normalmente de cinco a quinze pessoas, segundo pude observar nos últimos meses. As repúblicas também exercem um papel fundamental nesse sentido, podendo em certos casos apresentar-se como um grupo de sociabilidade em si mesmo:

Então, pô, eu saio mais, agora; principalmente agora, eu saio mais com o pessoal da [Climax], da república. Geralmente quando a gente sai vai todo mundo “ah, tem festa”, “onde?” “A festa do sinal”.
(João, 19 anos)

A localização das moradias apresenta-se, portanto, seja como lugar de encontro, seja como espaço comum de sociabilidade, como parte do mapa traçado pelos jovens analisados no novo espaço urbano. Daí o foco do trabalho de campo realizado para este estudo ainda se concentrar em certos momentos no interior desses locais. O condomínio Verdes Campos, sobretudo o apartamento das Pinks, mostrou ser um dos locais de moradia mais significativos para esses jovens na realização de suas atividades em conjunto. Mais do que os bares ou a própria universidade, é nas repúblicas que se constroem e fortalecem as relações de amizade que perpassam a construção das redes de relações. Por mais que o foco de análise não sejam as repúblicas em si mesmas, como grupos fechados de dinâmica particular, enquanto espaços de sociabilidade de toda a rede de relações, as moradias apresentaram-se também como local privilegiado para a realização do trabalho de campo.

Cinco entre os dez jovens entrevistados habitam casas nas proximidades da UENF, dois deles integrantes da mesma república. Quatro jovens moram em apartamentos no Condomínio Verdes Campos e outra vive em uma quitinete numa rua transversal à Avenida Alberto Lamago. Apesar da distância geográfica, de uma forma geral relativamente pequena, entre alguns dos integrantes do grupo este fator não pareceu influir na frequência com que os contatos são estabelecidos. Ao contrário, tomando como referência o apartamento da república Pink, os colegas que habitam espaços mais distantes foram vistos não apenas com mais frequência, como também tendiam a permanecer no apartamento por mais tempo, e a realizar atividades específicas, como comer e dormir.

⁵⁶ Mensagens SMS, ou mensagens de texto, enviadas pelo aparelho móvel de telefonia.



Mapa 3 – Localização das moradias dos jovens entrevistados.

Nas moradias, assim como em certos estabelecimentos comerciais legitimados como espaços de lazer típicos aos estudantes da UENF (analisados à frente), os jovens analisados passam boa parte de seu tempo livre⁵⁷. Um espaço, sobretudo, de trocas. Trocas estas que assumem até mesmo um sentido prático e objetivo.

Já na primeira semana de aulas do ano letivo de 2008, conseqüentemente a primeira semana de realização de trabalho de campo, chamou-me atenção a rede de empréstimos organizada entre as meninas analisadas. Assim como os hábitos e estilos de vida que seriam apresentados por eles durante toda a coleta de dados.

A troca ou empréstimo de alimentos já havia sido observado em pesquisas anteriores entre os estudantes da UENF moradores de república. Foi mais uma vez possível perceber a utilização das redes de relações estudantis, em diferentes níveis de profundidade, em favor de sanar necessidades de consumo imediatas: xícaras de açúcar, molho de tomate, copos de arroz, etc. Assim como o empréstimo de utensílios de cozinha: formas de alumínio, panelas de pressão, etc., entre outros objetos comumente solicitados pelos estudantes entre as diferentes repúblicas com as quais estabelecem contato.

Pude perceber a troca de produtos diversos entre jovens que apresentam diferentes

⁵⁷ Refiro-me ao tempo em que não estão em sala de aula nem exercendo a atividade de bolsistas em laboratórios da universidade.

níveis de relação entre si. Percebi que o tipo de solicitação realizada (desde ferramentas ou produtos alimentícios básicos⁵⁸ até objetos pessoais) é possibilitado de acordo com a proximidade entre os estudantes, assim como as expectativas com relação à sua devolução. Dessa maneira, é possível se emprestar, por exemplo, um copo de arroz a um conhecido que não é reconhecido como parte da rede de relações, mas dependendo do baixo nível de contato, espera-se que tais solicitações não sejam muito freqüentes e, em certos casos, haja devolução do produto.

De uma forma geral, produtos alimentícios emprestados para pessoas próximas não são esperados de volta, sobretudo quando em quantidades pequenas em relação à proporção com que se realiza a sua compra. Por exemplo: uma colher de pó de café. Apenas quando se trata de produtos de uso pessoal (comprados e consumidos separadamente⁵⁹, comumente leite ou biscoitos, etc.) ou menos comuns, portanto mais valorizados, como creme de leite, ou o empréstimo de pacotes inteiros de um determinado produto, a restituição integral de produto equivalente pode ser alvo de expectativa. Espera-se apenas que, quando entre amigos, em determinado momento possa-se contar com o outro, mas não necessariamente em troca do mesmo produto, ou de um produto de valor equivalente. As trocas nesse caso, como símbolos de relações em diferentes níveis de profundidade, apresentam-se em caráter aprofundado como ícones propriamente ditos da dádiva de se ter amigos. Assim são fortalecidas relações entre diferentes jovens ou grupos de jovens. A disponibilidade em ofertar artigos, segundo um valor diferenciado pela dinâmica de trocas em si mesma (refiro-me aqui ao tipo de coisa e de permuta propriamente), torna-se um demonstrativo, portanto, do valor atribuído a própria relação. A generosidade apresenta-se aqui como fonte de prestígio (MAUSS, 1974) enquanto um símbolo de uma determinada ligação entre pessoas específicas.

Casos de permuta entre jovens que estabelecem relações mais superficiais, ou consideradas dessa forma por uma das partes, são dignas de menor tolerância quanto as regras da troca, como pude observar. As meninas declararam incomodar-se com atrasos na entrega e solicitações muito freqüentes de objetos pessoais quando realizadas por garotas recentemente inseridas na rede de amizades: *“Ela nem é tão minha amiga assim, a gente se conhece há pouco tempo [...] e minha sandália está na casa dela desde a festa”* (Dani, sobre um dos

⁵⁸ Comuns à cesta básica estudantil, como aqueles apresentados acima, no caso da república Pink.

⁵⁹ O “empréstimo” desse tipo de produto exige que este seja solicitado diretamente ao integrante da república que o possui, caso alguém o possua ou apenas um deles.

empréstimos realizados). Por outro lado, elas mesmas afirmam não haver um prazo pré-definido para a devolução dos objetos, situação ainda mais agravada devido à necessidade de limpá-los antes da entrega ao dono.

O grupo analisado apresentou um movimento extremamente ativo de empréstimos entre si, sobretudo entre as meninas, no que se refere a roupas, sapatos e acessórios. Movimentação esta mantida por um conjunto de normas informais envolvendo o tipo de objeto a ser emprestado, a quem e quais os significados de tal disponibilidade. Espera-se que o objeto emprestado seja devolvido limpo e em perfeito estado, e de acordo com elas não há necessidade de verbalizar tais expectativas no momento do empréstimo: *“Nunca recebi nem entreguei nada sujo, me entregam tudo lavadinho, limpinho, e eu também devolvo assim”* (Juliana, 21 anos, 2,5 em Campos). Através das trocas essas relações são fortalecidas e ampliadas, sendo colocada em movimento a própria dinâmica de sociabilidade do grupo.

O movimento de trocas observado nos preparativos para a primeira festa do ano letivo entre as meninas é um importante exemplo das relações estabelecidas entre integrantes de diferentes repúblicas, vide Tabela 1. A tabela cruzada apresentada abaixo ilustra os objetos e direções das trocas. A partir do sentido horizontal, na primeira linha, em branco estão os objetos emprestados por Dani à suas amigas, e em cinza os objetos tomados em empréstimo por ela, e assim por diante. Quando a troca se estabelece em ambas as direções entre o mesmo par de meninas a linha da tabela é dividida em duas em favor da representação das diferentes direções assumidas pelos objetos.

O primeiro evento do ano foi fonte de grandes expectativas, não apenas por representar a abertura do ano letivo de 2008, como também por se tratar da “inauguração” da república Climax, formada dentre outros por Flávio e João, contemplados nas entrevistas. Mais do que a volta às aulas ou o reencontro com os amigos, o assunto da semana entre os jovens acompanhados foi a festa. Também durante os preparativos e o desenrolar da festividade foram estabelecidos meus primeiros contatos com alguns dos jovens que seriam futuramente entrevistados.

Referência	Dani	Patricia	Juliana	Leticia	Helena	Sabrina	Tamires	Carol	Fernanda	Manuela
Dani				sandália	calça e cordão		vestido		sandália	vestido
Patricia							secador e sandália			
Juliana						sandália	vestido	sandália		
								short e sandália		
Leticia	sandália									
Helena	calça e cordão									
Sabrina			sandália							
Lidia	vestido	secador e sandália	vestido					blusa		
Carol			sandália				blusa			
			short e sandália							
Fernanda	sandália									
Manuela	vestido									

Tabela 1: empréstimos festa de inauguração da república Climax.

Integrantes de seis repúblicas diferentes estão em relação no caso representado na tabela. Minhas três anfitriãs, Letícia, Helena e Lídia fazem parte da pesquisa diretamente, como entrevistadas ou companheiras de apartamento de jovens entrevistadas para a pesquisa. Fernanda foi convidada a participar, mas preferiu não dar entrevista, Carol, antiga colega de escola de Dani, Patrícia e Lídia, não demonstrou apresentar uma participação efetiva na rede de relações desenhada de forma mais ampla para este trabalho, nem um contato muito freqüente com o grupo de forma geral. Carol foi citada apenas por Lídia, em sua entrevista, ao referir-se a colega que chegou a Campos junto com ela, um ano após as outras duas. Apesar das quatro se conhecerem de momentos anteriores, suas relações não se traduziram numa participação direta de Carol na rede de relações mais ampla, formada por suas colegas. Ao contrário das outras meninas citadas na tabela, a estudante foi vista apenas uma ou outra vez entre as garotas, sempre de passagem, não se apresentando como uma freqüentadora dos eventos típicos ao grupo analisado, como lanches e reuniões informais para bate-papo. Demonstra-se neste caso a situação analisada no Capítulo II, em que os contatos prévios a vinda para a universidade são acionados num primeiro momento, enquanto a nova rede de relações, estabelecida a partir da nova realidade, pode vir a se sobrepor posteriormente.

Pude observar o grande volume e as diferentes direções tomadas pelos objetos trocados entre as garotas durante os preparativos para a festa de inauguração da Climax. Pelo menos dez garotas e quatorze diferentes objetos em permuta foram mobilizados nos preparativos para este evento. Exemplificando assim não apenas a importância dada por elas aos eventos de lazer típicos aos universitários⁶⁰ como também a recorrência com que são acionadas, com diferentes finalidades, as redes de relações estudantis, já que as trocas foram observadas também em outras ocasiões.

Através dessas trocas são fortalecidos os laços entre os diferentes integrantes da rede, bem como construídos coletivamente significados específicos para essas relações, marcadas por uma dinâmica que lhes são próprias e pela legitimação de normas de conduta internas ao grupo. Trata-se de um verdadeiro sistema de trocas (MAUSS, 1974) no qual as relações são colocadas em movimento, seja no processo de solicitação propriamente dito ou na dinâmica de adequação entre o tipo de coisa permutada e o caráter do contato estabelecido entre ambos os atores. Neste sentido, também a mim foi cobrada disponibilidade em participar, o que, confesso, tive dificuldades em corresponder. Por não se tratar de um hábito, tomar emprestados objetos de uso pessoal me pareceu estranho, sobretudo se tenho o que usar, como foi muitas vezes o caso. Aos poucos, me rendi ao desejo delas para que usasse suas roupas e acessórios, mas este foi assunto de muitas risadas entre minhas entrevistadas e eu nos diversos momentos da pesquisa, inicialmente devido ao meu interesse em anotar informações sobre as trocas⁶¹. Ao mesmo tempo, a demanda direcionada a mim neste sentido evidencia que, de alguma forma, eu fui tomada como parte do grupo e da realidade vivenciada por eles, como pude observar também em outras situações ou discursos, como quando fui incluída no amigo oculto de final de ano organizado pelas meninas. Esses dados ilustram a minha progressiva inserção no sistema de reciprocidade “obrigatória” apreendido por Lévi-Strauss (LÉVI-STRAUSS, apud COELHO, 2006) como mecanismo necessário de constituição dos vínculos sociais. Aponto neste sentido para o fato de que, mais do que reconhecida como parte, fui interpelada a participar ativamente do processo de interação da rede analisada, segundo os sentidos e conteúdos internamente legitimados por seus integrantes.

⁶⁰ Trocas semelhantes foram apresentadas também em outras ocasiões, em preparativos para festas organizadas sobretudo pela república Climax, ou eventos maiores da universidade, como a Choppada.

⁶¹ O convívio contínuo entre as Pinks e, sobretudo, minha relação com Dani, aluna de ciências sociais também empenhada na realização de um estudo sobre universitários, impossibilitou em certos momentos tentativas de manter em segredo os objetivos de pesquisa; ou ao menos os direcionamentos assumidos.

2 – Festas e sociabilidade

Foram observadas em nove semanas de campo sete festividades freqüentadas pelos estudantes analisados, além de uma comemoração de aniversário (onde apenas pequena parte do grupo esteve presente), uma festa de fim de ano e um churrasco específico ao grupo acompanhado durante o trote⁶². Apenas em uma das minhas visitas não houve nenhuma festa universitária da UENF.

Vale ressaltar que o calendário de lazer típico dos estudantes está basicamente organizado entre as noites de segunda e quinta-feira, já que um volume considerável de estudantes retorna à casa de seus pais durante os finais de semana. Portanto, a dinâmica de festas reflete o próprio calendário escolar, se concentrando durante os dias da semana e segundo a fase vivenciada pelos estudantes durante o período de aulas e provas. Ocorrem com freqüência nas noites de quinta-feira. Apenas a *choppada* foge a esta lógica. A festa costuma ocorrer em feriados ou finais de semana e recebe não apenas os estudantes da universidade, como um volume considerável de jovens campistas ou estudantes de outras instituições.

A rede de relações analisada possui como peculiaridade a participação de integrantes de uma república que foi responsável pela organização de quatro diferentes festas durante o ano letivo: a república Climax. Os eventos organizados por esses rapazes foram capazes de mobilizar, portanto, a rede de relações como um todo, desde a venda de ingressos, a divulgação e até mesmo o preparo dos jovens para tais acontecimentos. Os preparativos para as festas, observados em todos os eventos acompanhados por mim, apresentam como elemento interessante a troca de objetos pessoais entre esses jovens, assim como vimos acima.

As festas de república apresentam-se como os eventos de lazer tipicamente *uenfianos* mais comuns e valorizados pelos jovens analisados. A entrada custa entre três e dez reais, de

⁶² Os estudantes de veterinária. Apenas Leticia me acompanhou a este evento, por se tratar de uma aluna do quinto período

acordo com a distribuição gratuita de bebidas ou não, e, em certos casos, o sexo do estudante⁶³. Durante todo o ano letivo, sobretudo durante o primeiro semestre, ocorrem também os eventos voltados para a recepção dos *calouros* ou confraternizações gerais dos estudantes da universidade, como as *cervejadas*, *calouradas*, festas juninas e, sobretudo, a *choppada*.

As *cervejadas*, ou *calouradas*, não apresentando diferenças claras entre uma e outra denominação, ocorrem nas primeiras semanas de aula, divididas entre os diferentes cursos ou áreas do conhecimento (no caso das engenharias, ocorre entre os alunos de todas as diferentes especialidades oferecidas pela universidade, bem como o próprio trote). Variam também na forma como a festa é custeada e o tipo de freqüentador permitido.

Em certos casos a festa é paga com o dinheiro recolhido no trote, e os *veteranos* entram, portanto, de graça; em outros os ingressos são vendidos para todos os estudantes que pretendem participar, com diferenças possíveis entre os preços das entradas dos novos e antigos alunos. Há a possibilidade de que a festa seja fechada apenas para os estudantes do(s) curso(s) específico(s), o que não impede a entrada de alguns estudantes “de fora⁶⁴”, desde que sejam amigos próximos dos organizadores ou *veteranos* da festa, assim como há casos em que a venda de ingressos é liberada para todos os que desejarem participar. Nesses eventos a distribuição da bebida costuma ser liberada gratuitamente.

Estas festas caracterizam-se como uma continuidade ao próprio trote, no que diz respeito às atividades de recepção dos *calouros* de forma geral. Neste sentido, vale salientar que as diferentes características dos freqüentadores e organizadores demonstraram seguir de alguma forma a organização do próprio trote, segundo curso e área do conhecimento específico.

A *choppada* costuma ocorrer poucos meses após a chegada dos novos alunos, como um evento extremamente peculiar que reúne os estudantes de diferentes cursos, além de atrair visitantes de uma forma geral. Especificamente no ano de 2008 o evento ocorreu no fim da penúltima semana de aulas do segundo semestre, mais precisamente em 29 de novembro. A festa ocorre todos os anos, e é paga com o dinheiro coletado pelos *calouros* durante o trote,

do curso, na época.

⁶³ O ingresso de rapazes e moças podem apresentar valores diferentes, em média uma diferença de R\$2,00 entre um e outro, sendo mais barata a entrada das meninas.

além dos ingressos vendidos para o público em geral. Portanto, a *choppada* é paga pelos estudantes da UENF apenas uma vez durante todo o curso universitário, desde que anualmente seja coletada uma cota em dinheiro dos novos estudantes de cada curso específico, o que garantirá o direito de seus *veteranos* de entrarem gratuitamente na festa.

Diferentemente das *calouradas* e a *choppada*, durante todo o ano letivo são organizadas por diferentes grupos festas universitárias, ou festas de república. Na prática, poucos dos eventos observados foram realizados em casas de república propriamente ditas, devido ao caráter residencial do bairro onde está localizada a UENF e, portanto, as moradias analisadas. Mas as diversas festas acompanhadas durante a realização da pesquisa foram organizadas por repúblicas específicas ou “equipes” formadas por moradores de repúblicas. Em alguns casos, estes grupos se organizam em parceria com estabelecimentos comerciais nos entornos da universidade⁶⁵.

Segundo a narrativa dos estudantes entrevistados, as festas de república, assim como a frequência aos bares próximos, correspondem aos seus hábitos de lazer cotidianos. Ocasões em que são estabelecidos, portanto, contatos com jovens não necessariamente incluídos em seus círculos de relações mais íntimos. Ao mesmo tempo, observados nessas situações, parecem manter-se sempre em companhia dos mesmos colegas com os quais se relacionam dentro das moradias.

Raras vezes estes jovens vão a shows ou festividades em outras áreas da cidade, não relacionados à identidade estudantil da UENF. Superficialmente, pode-se atribuir tal fato às diferenças substantivas de preços entre os eventos *uenfianos* típicos e as festas organizadas para o público campista de forma geral. Estes ingressos ultrapassam enormemente os custos com uma festa de república, além de implicar na necessidade de se tomar taxis⁶⁶, senão na ida (quando os ônibus ainda estão disponíveis) na volta da festa.

Idas à Pelinca, bairro citado por eles mesmos por sua oferta de lazer na cidade de Campos dos Goytacazes, são esporadicamente realizadas pelos meus entrevistados. E se dão sempre como uma alternativa para a falta de opções nas proximidades da universidade durante os finais de semana, ou em ocasiões especiais: “às vezes dá uma louca e a gente sai no final

⁶⁴ Habitualmente estudantes de outros cursos da própria UENF.

⁶⁵ Via 7, Chamuá, “Gordo”, etc., ver Mapa 2.

⁶⁶ O serviço público de transporte é disponibilizado apenas entre 5 da manhã e meia-noite, senão em toda a cidade de

da semana. *Pelinca, Boliche...*” (Juliana, 21 anos, 2,5 em Campos). E o gasto com tais passeios é apontado como limitador da fruição desse espaço.

Os bares da Pelinca oferecem serviços mais caros, se comparados aos estabelecimentos do Parque Califórnia⁶⁷, e deve-se considerar além do volume de gastos direcionado por eles às suas atividades de lazer o tipo de entretenimento buscado. Estes estudantes costumam gastar em média pouco mais de 10 reais para ir a uma festa de república, segundo meus cálculos. Quando a festa é um pouco mais cara, a bebida é liberada, portanto os gastos tendem a limitar-se ao pagamento da entrada. Vale ressaltar que os estudantes costumam comer em casa antes de sair para as festas.

Por mais que haja o hábito de passar pelos bares próximos a caminho da festividade, os estudantes acompanhados raramente sentam-se para beber antes de ir para uma festa. Em casos em que a festa não oferece bebida liberada, pude observar o hábito de reunirem-se em uma das repúblicas (frequentemente a Pink) para lanchar e beber antes de sair. Nessas situações demonstram raramente gastar dinheiro com bebida dentro das festas e, quando o fazem, é com água ou pequenas quantidades de bebidas alcoólicas, muito inferiores àquela que consumiriam num evento com distribuição gratuita de bebida. Mesmo a frequência aos bares, para beber ou comer, não implica em gastos muito maiores.

Usufruir da dinâmica noturna disponibilizada pelos estabelecimentos comerciais da Pelinca representa, portanto, um custo ao menos duas vezes maior, mesmo que não haja diferença substantiva na atividade realizada. Como diferencial, o bairro disponibiliza um número incontável de bares, restaurantes e outros tipos de entretenimento, como boliche e sinuca, cujos valores são maiores se comparados aos estabelecimentos típicos *uenfianos*. Mas apenas para chegar à Pelinca, considerando que se possa ir de ônibus, até a meia-noite, e somente retornar de taxi, os estudantes devem desembolsar quase os mesmos dez reais.

Por outro lado, a concentração dos estudantes de república da UENF na cidade durante os dias da semana evidenciam a legitimação de hábitos de lazer muito específicos, em conjunto com a concentração das festas de república neste mesmo período, bem como em lugares específicos:

Campos dos Goytacazes, nos bairros vizinhos ao Parque Califórnia.

⁶⁷ Bairro onde está situada a UENF e onde habitam os jovens entrevistados.

Aqui é só estudar. Estudar o dia inteiro, estudar o dia inteiro e sair, quinta-feira (Lídia, 19 anos).

Saio, eu saio bastante. Vou pras festas em república, quando tinha o **Via 7**, porque agora quase não tem, né? Vai ter hoje, mas quase não tem mais, mas pro **Via 7**, pro **Braseirinho** mesmo. Saio bastante, geralmente, assim, no mínimo uma vez por semana. (Graziele, 21 anos).

Estes estudantes apresentam um estilo de vida distribuído entre a nova realidade vivenciada e os retornos a casa da família, representado pelos finais de semana. Para tanto, não é necessário supor que a frequência de ida à casa dos pais seja necessariamente semanal. Nenhum dos jovens entrevistados declarou visitar seus pais com uma frequência maior do que de quinze em quinze dias, exceto em situações específicas e incomuns. A questão é que os finais de semana apresentam uma dinâmica diferente nesta realidade, senão voltada para as viagens à cidade de origem, ao estudo para provas ou realização de atividades mais particularizadas entre amigos mais próximos.

4.1.3 – O fazer a festa: “Aconteceu a Climax, né?”

A organização de festas de república insere esses jovens numa dinâmica muito específica dentro do contexto de moradias coletivas da UENF. Faz parte de uma nova forma de posicionamento em que o grupo, através da república, mesmo quando organizada em uma equipe maior, passa a atuar de uma forma diferenciada no ambiente universitário. A organização, divulgação e venda de ingressos implica numa ampliação considerável dos contatos desses estudantes com outros jovens, o que pode se estender aos colaboradores que não fazem parte oficialmente da república responsável pela festa, como pude observar neste caso. Muitas das garotas analisadas com frequência auxiliam os rapazes na venda de ingressos e divulgação, o que faz com que os preparativos para o evento mobilizem direta ou

indiretamente um grande número de jovens.

Por outro lado, a organização de festas envolve grande desgaste de tempo e energia. Apresentei anteriormente o baixo valor comumente cobrado pelos ingressos nos diferentes tipos de festas de república realizadas com frequência na UENF. A disponibilização gratuita de bebidas alcóolicas é uma estratégia utilizada com certa frequência pelas “equipes⁶⁸” de organização de festas, permitindo que seja cobrado um valor mais alto nos ingressos e atraindo um número considerável de pessoas⁶⁹, ao mesmo tempo em que pode reduzir a proporção dos lucros. Concomitantemente, o risco em se atrair um público excessivamente reduzido, no caso da organização de uma festa sem bebida liberada, pode resultar no mesmo resultado. Segundo a experiência dos rapazes da Climax, a proporção de lucros é muito variante, não podendo ser considerado o produto monetário do empreendimento uma motivação em si mesma.

Pra fora, pro pessoal de fora, como virou uma competição, a gente não tá pagando⁷⁰ o aluguel. Todas repúblicas acham que a gente não paga aluguel. Mas a gente paga aluguel, porque a última festa é, ficou boa, pô, geral falou bem da última festa, mas essa não deu muito lucro (João, 19 anos).

Levado em consideração o volume limitado de renda com o qual devem contar os jovens analisados para o seu custeio em Campos, qualquer possibilidade alternativa de renda poderia ser destacada como impulso justificativo para a organização desses eventos. Ao mesmo tempo, deve se levar em conta as implicações objetivas e subjetivas de tais empreendimentos, envolvendo um investimento pessoal consideravelmente alto se comparado ao retorno financeiro real, já que o valor do aluguel apontado por João como referência para os lucros obtidos nas festas (R\$800,00) não ultrapassa um custo individual de R\$100,00 por morador quando a república atinge o número idealizado por eles de oito integrantes. Ou seja, são dispensadas ao menos três semanas de trabalho, desde a busca por patrocínio,

⁶⁸ As festas da UENF são organizadas por estabelecimentos comerciais, como o Via 7, ou por repúblicas. Em certos casos, mais de uma república se une, ou repúblicas com bares, para a organização de eventos específicos. Seriam essas as “equipes” de organização de festas, segundo vocabulário nativo.

⁶⁹ Segundo a contabilidade nativa, vale mais a pena ir a uma festa cujo ingresso custa R\$10,00 e a bebida é liberada do que pagar R\$5,00 para entrar e ter que comprar a bebida lá dentro, já que a diferença de valor não corresponde a diferença no volume de bebida consumido.

⁷⁰ Diz neste sentido que o lucro obtido com as festas realizadas pela república tem sido suficiente para o pagamento das

organização, divulgação, e a festa propriamente dita, sem que o lucro individual atinja sequer R\$100,00 por morador. Três quartos do mês trabalhando na festa na maioria das vezes não é suficiente para o pagamento do aluguel. Ao mesmo tempo, os próprios rapazes mencionam as implicações desta empreitada para o convívio interno na moradia, já que se inserem novas questões a serem resolvidas conjuntamente, bem como novos conflitos:

Não, cara, só que... pô, dá trabalho, todo mundo se estressa, um briga com o outro, de discutir mesmo, de quase sair na porrada, ontem mesmo aconteceu isso, e não é nem questão de grana, não sei. É questão mesmo de fazer festa, de fazer. Chegar lá, porra, a galera se divertindo na parada que a gente organizou, sabe qual é? Não tem muita questão de... (Flávio, 23 anos)

O “fazer a festa” assume um significado construído na própria dinâmica relacional, seja entre os integrantes do grupo responsável pelo evento, seja destes com relação aos outros jovens. Ao mesmo tempo, esta atividade os insere no subgrupo das equipes de festas, caracterizado pela rivalidade e a competição constante por reconhecimento e destaque.

[...] tipo assim, negócio de, de rixa também, né? O pessoal que organiza festa, outro pessoal que organiza festa. Aí o pessoal vive escrotizando, igual o pessoal que organiza festa aí também, que não vai muito com a nossa cara. Então a gente marcou a festa pra hoje, e eles marcaram também pra hoje. Igual foi na outra vez, então isso meio que estimula também o cara fazer, não só pra... não tem muita... (Flávio, 23 anos)

Particularmente interessante é perceber como as “equipes” de festa formadas a partir de repúblicas da UENF são constituídas basicamente por rapazes. Embora não vá analisar esta dimensão de gênero, é possível identificar neste sentido uma relação entre a identidade masculina e a rivalidade como importante elemento de sociabilidade entre os rapazes. O que me proponho a destacar neste trabalho é a forma como a inserção da Climax na dinâmica de organização de festas, paralela a progressiva legitimação da república como um grupo em destaque nesse contexto, implica numa transformação do status dos seus integrantes e, possivelmente, dos amigos próximos ao grupo. Os mencionados “agregados” da Climax têm a

sua identidade de certa forma construída em referência à república, independente do pertencimento ao grupo de moradia propriamente dito. São, afinal, parte de um mesmo e amplo grupo de sociabilidade.

A república é colocada em destaque nas diferentes situações vivenciadas nesse contexto não apenas através dos eventos organizados por seus integrantes, como também por seus posicionamentos. Além dos sites e páginas na internet, os rapazes elegeram um símbolo, criaram um gesto e utilizam com frequência camisetas customizadas com nome e símbolo da república, seja nas festas, bares ou a própria universidade. Durante todo o ano letivo de 2008 os rapazes foram facilmente identificados em todos os eventos significativos observados durante o trabalho de campo, seja através de suas vestimentas, o hábito de permanecerem juntos pelas festas, ou tentativas declaradas em marcar a sua presença, como danças no palco e etc. Pude observar uma iniciativa declarada em manter o nome da república em destaque em diferentes situações, assim como apresentado numa página na internet sobre a participação da república na Copa UENF de Futsal:

Depois da festa inaugural que se tornara um sucesso, a [Climax] tinha de se **manter na mídia** da UENF. Quando surgiu o anúncio que estava aberta as inscrições para a 2ª Copa UENF de Futsal, os moradores não tiveram dúvidas, iriam montar um time dos integrantes e iriam disputar aquele torneio. [...] Com um surpreendente 3º lugar e ainda ter o melhor jogador do campeonato em uma eleição no orkut vencida por [Antônio], a equipe [Climax] foi a **sensação de campeonato** [grifos meus].

O texto publicado na web reflete não apenas o empenho dos membros da república em construir e legitimar uma imagem diferenciada para o grupo, como também evidencia o insistente destaque conferido por eles mesmos aos acontecimentos vivenciados. Narrativas fiéis à realidade ou não, a proposta em garantir o reconhecimento da Climax como um ator significativo no contexto universitário está presente nos discursos dos jovens inseridos nessa rede de sociabilidade de forma mais geral. Para os estudantes analisados, vistos nas arquibancadas da universidade durante os jogos, gritando o nome da Climax e esperando por uma vitória que, segundo o texto citado acima, era desacreditada pelo próprio time, a república está inegavelmente em destaque. E o empenho em participar, seja como torcida no campeonato de futebol, seja como ajudante na divulgação das festas, reflete também um

interesse em legitimar socialmente, de forma ampla, essa visão.

Após seis anos de pesquisa, tendo acompanhado direta ou indiretamente a trajetória de diferentes grupos de república, o caso Climax chamou-me atenção para a proposta claramente observável de tornar a república conhecida por toda a comunidade *uenfiana*, senão universitária campista, de forma mais ampla. Segundo a proposta deste trabalho, destaca-se o importante papel exercido por essa moradia como espaço de sociabilidade que se estende dos muros da casa até os salões de festas onde são realizadas as confraternizações sobretudo, mas não apenas, para a rede de relações aqui analisada. Ao mesmo tempo, ressalto a especificidade com que assim se constroem identidades específicas, ainda mais localizadas do que o pertencimento à instituição universitária ou o compartilhar da experiência de moradia em república.

4.2 Trote estudantil: pistas sobre uma identidade construída em referência ao curso de graduação.

1 -“Eu preferia não dar e nem fazer”. “O problema é a falta de opção⁷¹”.

Assim como o observado com relação ao pertencimento a um grupo de moradia específico, os cursos universitários em si mesmos não demonstraram apresentar-se necessariamente como fonte de identificação significativa entre os alunos da UENF. Exceto em casos determinados, por mais que superficialmente o pertencimento a um determinado curso universitário sirva como ponto de referência para a diferenciação entre os estudantes analisados, poucos grupos apresentaram-se objetivamente como uma referência identitária relevante na construção de um sentimento de pertencimento e fonte de sentido. Dito de outra forma, as turmas, ou conjuntos de turmas de um determinado grupo, enquanto conjunto de estudantes de um mesmo curso, não se caracterizam necessariamente como grupos de

⁷¹ Diálogo entre duas novas alunas durante o trote.

sociabilidade diferenciados do grupo mais amplo dos estudantes da UENF.

No caso observado durante o trabalho de campo, por mais que a rede de relações seja marcada pela presença proeminente de alunos de veterinária, o grupo como um todo abrange um conjunto de jovens relativamente diversificado, onde o curso de graduação não se apresenta como um delimitador extremo das fronteiras das relações. Por outro lado, o acompanhamento das atividades do trote entre os alunos de veterinária, mais do que evidenciar a dinâmica de interação entre os novos e antigos alunos, chama atenção para a construção e legitimação de identidades coletivas marcadas pela inserção em um curso de graduação especificamente, a interiorização de um estilo de vida propriamente dito, envolvendo performances sociais extremamente interessantes, voltadas para a diferenciação dos integrantes do grupo do resto dos jovens *uenfianos*.

A entrada na universidade e a adaptação ao novo meio urbano, vivenciados pelos estudantes analisados, são mediados pelas atividades do trote como ritual de inserção desses jovens numa dinâmica muito específica, que ultrapassa os muros da instituição de ensino. Em conformidade com a realidade em que se inserem a partir da chegada a Campos, este evento aparentou agregar em si aspectos diversos, interessantemente relacionados às especificidades da vivência em república. Assim, o trote apresentou-se como um evento significativo entre os estudantes entrevistados, sejam aqueles que participaram das atividades do trote, como *calouros* e/ou *veteranos*, ou não.

Mais do que um ritual de iniciação à dinâmica universitária, primeiro contato entre novos e antigos alunos, ou simples brincadeiras, sejam elas interpretadas positiva ou negativamente, o trote acompanhado por mim entre os estudantes da UENF está inserido no processo mais amplo de re-construção das redes de relações no novo espaço e transmissão de saberes específicos. Conhecimentos estes que envolvem não apenas a inserção na dinâmica universitária, como também a experiência de adaptação ao processo de afastamento familiar, em seus múltiplos aspectos. Vale ressaltar mais uma vez que não pressuponho que todos os alunos da universidade sejam moradores de república, ou sequer sua maioria. Mas pude observar que as atividades do trote assumem um significado específico para os jovens integrantes de moradias coletivas, o que pode ser exemplificado pela diferenciada participação desses jovens nos eventos realizados paralelamente às brincadeiras do trote propriamente ditas, já nas primeiras semanas de aula.

Primeiramente cabe explicitar os pressupostos através dos quais o trote foi destacado por mim como evento estudantil significativo para a compreensão da construção dessas identidades juvenis. O trote estudantil é alvo de críticas e preconceitos de diversos setores da sociedade brasileira. Suas atividades são classificadas como vexatórias, humilhantes, degradantes a imagem dos *calouros*. Segundo essa visão, trata-se de um ritual que vai de encontro à integridade desses sujeitos.

Na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro a organização do trote é desencorajada entre os alunos *veteranos*, seja através de campanhas organizadas pela Reitoria, ou de interferências diretas pelos coordenadores de curso ou diretores de centro junto aos estudantes. Ao mesmo tempo busca-se conscientizar os novos estudantes da não obrigatoriedade em participar de tais atividades, o que também pode se dar de diferentes formas.

Já na primeira semana do ano letivo de 2008, na expectativa de chegada dos novos alunos, foram colados pela Reitoria da universidade cartazes em diferentes pontos da instituição em campanha contrária ao “trote vexatório”. Um desses foi colocado bem ao lado do local onde foi realizado o trote dos alunos de Medicina Veterinária, acompanhado por mim. Independente da prevalência de interpretações negativas a essas atividades em diversos setores da sociedade brasileira, da repreensão das autoridades acadêmicas e dos diferentes posicionamentos assumidos mesmo entre os estudantes entrevistados, o trote continua a ocorrer não apenas na UENF, como em diversas outras instituições de ensino. Deve-se considerar, portanto, a sua legitimidade entre aqueles que fazem parte dessa dinâmica.

Algumas questões me fizeram pensar ser este um caso exemplar de reinterpretação de sentido por estes grupos determinados de estudantes. O primeiro passo para a relativização do sentido do trote pode ser dado a partir da lei federal que busca a sua regulamentação, colocada em destaque no mencionado cartaz:

Lei nº 2538 de 19 de abril de 1996.

Art. 1º - Fica proibida a prática de **trote vexatório** em alunos iniciantes dos cursos de graduação de Universidades e ou Faculdades públicas e particulares localizadas no Estado do Rio de Janeiro. (grifos meus)

O adjetivo vexatório, analisado a partir de sua origem no latim, está relacionado a um conjunto de palavras cujo significado perpassa, necessariamente, específicas visões de mundo. Entre elas estão: humilhar, envergonhar, afrontar, oprimir, molestar, torturar⁷². Passo à definição da palavra dada pela própria lei:

Art. 2º - Considera-se vexatório o trote que:

I – Expuser o *calouro* a **humilhações psicológicas** perante público externo;

II – Causar danos físicos;

III – Causar danos materiais aos pertences dos alunos. (grifos meus)

A palavra humilhação, apresentada no segundo artigo da lei de regulamentação do trote, mais do que clarificar, instaura outro paradoxo. Um dos sentidos possíveis: rebaixamento social, nos remete às seguintes idéias: submeter, tornar humilde, abater, etc. Pretendo demonstrar como as atividades do trote analisados neste grupo específico de estudantes perpassa necessariamente pela demarcação das fronteiras entre diferentes posições sociais. As ações dos alunos antigos, denominados *veteranos*, com relação aos recém-chegados são garantidas pela legitimidade internamente conferida a um posicionamento superior na escala hierárquica acadêmica. Mais do que uma suposta coerção, seja ela física ou psicológica, o trote acontece apenas a partir do reconhecimento de uma estrutura informal de hierarquia entre novos e antigos alunos. Sua demarcação é um dos conteúdos fundamentais do trote em si mesmo. A submissão dos *calouros* aos *veteranos* é uma pressuposição para a realização das “atividades de boas-vindas”, segundo o caso analisado. E estas relações de poder são, durante o ritual, freqüentemente encenadas através de mensagens verbais e das próprias “brincadeiras”.

A noção de humilhação apresentada nos discursos dos alunos envolvidos no trote remete ao estabelecimento de limites de tolerância especificamente contextualizados, mas é

⁷² Extraído de http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx, Dicionário da Língua Portuguesa On-Line, em 15 de dezembro de 2008.

parte fundamental dessa dinâmica. Assim, a iminência de conflito é inerente a estas atividades, havendo fronteiras muito fluidas entre o que é considerado tolerável ou não entre os *calouros* e *veteranos*. Tolerância esta que, no caso analisado, tendeu a diminuir com o passar dos dias, o cansaço e o aprofundamento das relações entre os diferentes grupos durante o trote.

A partir da análise dos dois grupos polarizadamente inseridos nessa dinâmica, os *calouros* e *veteranos*, é possível não apenas apreender o sentido dessas atividades para aqueles que nela estão inseridos, assim como o caráter localizado deste evento na própria realidade de inserção desses jovens nessa nova realidade. Neste jogo entre *calouros* e *veteranos* são construídos sentidos que conferem legitimidade para esta realidade, assim como transmitidos, e possivelmente re-significados pelos novos grupos, comportamentos e saberes. No caso analisado, a partir do trote os *calouros* são iniciados na dinâmica de construção da identidade de “estudantes da UENF”, e, principalmente, neste caso, de “alunos do curso de Veterinária”.

O trote UENF costuma ocorrer em diferentes grupos, organizados por cursos e/ou áreas do conhecimento. Esta fase da pesquisa envolveu o acompanhamento de um grupo específico de estudantes, *calouros* e *veteranos* do curso de medicina veterinária. As atividades acompanhadas na primeira semana de aulas do ano letivo de 2008 entre estes estudantes envolveram três dias de trote propriamente dito e diversas atividades de lazer. São consideradas pelos atores observados como parte do trote as atividades que envolvem a sujeira, a realização de jogos e brincadeiras e o ato de esmolar. Paralelamente, porém, acontecem festas, encontros em bares ou até mesmo nas lanchonetes da universidade. Aventuro-me a considerar essas diferentes atividades como parte de uma mesma agenda, que envolve a recepção dos novos alunos e os primeiros contatos destes com a nova realidade a ser vivenciada.

Primeiramente, é necessário compreender quais atores estão presentes nas diferentes situações observadas durante o trote. A dinâmica está fundamentada pela diferenciação entre *veteranos* e *calouros*. Na UENF são considerados *calouros* todos os alunos que estão no primeiro ou segundo período da faculdade. Estes são reconhecidos *veteranos* a partir do terceiro semestre, justamente o momento de chegada dos novos estudantes, o que ocorre apenas uma vez por ano. O momento do trote marca, portanto, uma transição para ambos os

grupos: aqueles que chegam e aqueles que vivenciam uma mudança de status dentro da própria “hierarquia” estudantil internamente legitimada.

Apesar do status de “*calouro*” ser carregado por um ano letivo inteiro, as atividades do trote propriamente ditas estão localizadas apenas na primeira semana de aulas, com todas as suas implicações. Exceto pelas *cervejadas* e a *choppada*, descritas no Capítulo II e reconhecidas como eventos diretamente ligados ao trote, não há diferenciação posterior dos alunos novos e antigos, seja para o pagamento das festas, participação em diferentes atividades ou estabelecimento de relações (neste caso a não ser pela distribuição diferenciada dos estudantes em diferentes níveis de formação nas turmas e, portanto, a maioria das aulas⁷³). Tais diferenciações são demarcadas e estão localizadas basicamente no ritual do trote.

Ampliando o foco sobre esses grupos específicos de estudantes, divididos segundo áreas do conhecimento, cursos e turmas de ingresso, percebe-se que as identidades socialmente atribuídas se referem a subgrupos de pessoas. Por mais que um novo aluno seja considerado *calouro* por toda a comunidade estudantil, sua condição esta subordinada ao grupo de estudantes de terceiro período do curso para o qual está inscrito. É *calouro*, mas *calouro* DE alguém, no caso de um conjunto de pessoas. E é este grupo particular de pessoas que tem sobre ele o direito de aplicar trote. Mesmo entre os estudantes de engenharia da UENF, que costumam organizar ao menos parte das atividades do trote juntos, independente dos cursos específicos, pude observar o estabelecimento de diferenciações claras neste sentido.

O trote analisado neste caso será dividido de forma geral em atividades sujas e limpas. Entre a realização das “brincadeiras” e as festas, os novos estudantes são levados para determinados pontos da cidade para a coleta de dinheiro. É estipulado um valor a ser pago por cada *calouro* para o custeio do material utilizado durante o trote e o pagamento da cota da *choppada*. A coleta de dinheiro está localizada nesta dinâmica como mediadora das diferentes atividades no que se refere às relações estabelecidas entre os grupos e, ao mesmo tempo, meio através do qual é propiciada a continuidade das atividades de recreação, também em outros momentos. Tanto quanto símbolo da submissão dos *calouros* aos *veteranos*, o pedir dinheiro demonstrou apresentar-se como fonte prática de obtenção da renda necessária para o

⁷³ Contatos entre estudantes de diferentes períodos em salas de aula, sobretudo nos primeiros semestres, são menos comuns, já que, em tese, os alunos mais antigos já cursaram as disciplinas dos estágios anteriores. Em momentos posteriores isso tende ser ampliado em casos de acúmulo de repetências e/ou atraso.

prolongamento das atividades, seja pela compra do material utilizado nas brincadeiras do trote, o pagamento de parte das bebidas consumidas ainda na primeira semana de aula, ou a organização das festas gerais de confraternização ocorridas meses depois, como a *choppada*. Neste sentido, foram observados também *veteranos* nas ruas, pintados com os nomes da universidade e curso e pedindo dinheiro.

Durante as “atividades sujas”, a proporção de *calouros* foi três vezes maior do que a de *veteranos* participando ativamente das atividades no primeiro dia entre os estudantes de veterinária. Curiosamente, observei uma inversão dessa proporção durante as atividades de confraternização mais gerais na semana primeira semana de aulas. Ao mesmo tempo, assim como tende a diminuir o número de estudantes de ambos os grupos a participar das atividades sujas, a participação dos novos alunos foi proporcionalmente ampliada com o passar dos dias nos encontros em bares. Isto se deve tanto devido à ampliação da confiança do grupo de *calouros* com relação aos *veteranos* quanto à progressiva adaptação dos novos alunos à dinâmica de sociabilidade no novo espaço. Muitos declararam não ter ido ao bar na primeira noite com medo de que lá tivessem continuidade as atividades sujas do trote. Outros por sequer saber onde ficava o local do encontro, ou com medo de retornar à noite para o novo local de moradia. Os alunos antigos, por outro lado, destacaram insistentemente o caráter complementar das atividades noturnas como parte do processo de reconhecimento entre ambos os grupos: “*os veteranos vão para ver os calouros, todo mundo quer conhecer vocês*” [...] “*O verdadeiro trote é se conhecer todo mundo, entendeu?*” (Ricardo, *veterano*).

O primeiro dia do trote acompanhado por mim foi o mais intenso, cansativo e duradouro. Foram realizadas também brincadeiras no segundo e terceiros dias da semana, mas com uma tendência decrescente no que se refere ao número e “peso” das atividades. Os estudantes tendem a escalonar o que seriam atividades mais ou menos pesadas, de acordo com o esforço físico demandado, o grau de sujeira ou de impacto⁷⁴.

O acompanhamento de um grupo de estudantes durante o trote apresenta problemáticas específicas. Em primeiro lugar, foi necessário selecionar um grupo a ser acompanhado, sobretudo porque os diversos conjuntos de estudantes ficam geograficamente posicionados em diferentes pontos da universidade, locais esses que refletem de alguma forma a própria geografia dos cursos de graduação. E circulam periodicamente pelo campus,

⁷⁴ O quanto podem ser nojentas, risíveis ou até mesmo humilhantes.

seja num mesmo dia, seja em dias diferentes, organizando atividades em diferentes espaços. Observei neste sentido que os estudantes tendem a realizar as atividades do trote em locais próximos aos prédios ou áreas da universidade que correspondem àquelas pelas quais tenderão a circular durante toda a graduação, de acordo com a localização das atividades específicas do curso no qual estão inscritos. Os *calouros* de veterinária, por exemplo, foram levados para conhecer o Hospital Veterinário organizados em fila, simulando uma procissão religiosa, tendo um ovo como “Santo” e gravetos como cruzeiros. A brincadeira apresenta-se como um meio interativo e dinâmico de transmissão de saberes, sejam eles práticos (como a estrutura do curso ou a localização dos prédios da universidade, etc.) ou simbólicos. Através da gozação são demarcadas posições, em meio à “diversão” são reconhecidos espaços, atores⁷⁵ e normas.

Minha preocupação era não só garantir que poderia observar livremente este grupo, como também saber aonde poderia encontrá-los nos diferentes dias. Não poderia correr o risco de me tornar uma presença indesejável para eles, pois sabia que poderiam utilizar de estratégias para impedir a minha presença, seja redirecionando as brincadeiras para locais desconhecidos por mim, seja modificando o conteúdo das atividades de acordo com aquilo que imaginavam serem meus objetivos. O trote é realizado em locais de grande visibilidade, mas é acompanhado, segundo pude observar, apenas por estudantes de “dentro”. Além daqueles que aplicam o trote, apenas *veteranos* e seus amigos são vistos por perto por um espaço de tempo prolongado, e presenças externas são rapidamente identificadas. Estranhos representam uma ameaça nesse contexto, por poderem se tratar de “espiões” contrários ao trote ou interessados em denunciar o que consideram como ações danosas aos recém-chegados. A evitação de olhares externos é portanto uma forma de proteção.

Por mais que eu tenha mantido contato com muitos amigos e até mesmo antigos informantes, o grupo de *veteranos* que estaria recebendo seus *calouros* no período de realização do trabalho de campo, alunos ingressos na UENF no ano de 2007, não me conhecia. A minha estratégia de entrada consistiu, portanto, em recorrer a algumas de minhas antigas companheiras de república para que me apresentassem aos estudantes que fariam parte da comissão de trote 2008. Recebi três sugestões e entrei em contato com os estudantes através do site de relacionamentos Orkut. Minha maior preocupação naquele primeiro

⁷⁵ Durante a caminhada até o Hospital Veterinário uma das atividades executadas envolveu a reverência dos novos alunos ao funcionário responsável por um dos laboratórios de veterinária.

momento era ganhar a confiança dos estudantes, expondo ao menos superficialmente meus objetivos de pesquisa e meu interesse em compreender o trote como uma atividade legítima aos universitários. Era fundamental para mim que eles compreendessem que meus objetivos não envolviam uma crítica velada às atividades por eles desenvolvidas nesse processo.

Um dos rapazes já havia passado para o quinto período de Engenharia Civil, não estando entre os *veteranos* responsáveis pelo trote de meu interesse. Outro deles jamais me respondeu e Ricardo (estudante de veterinária e membro da comissão organizadora do trote) mostrou-se disposto a colaborar e até mesmo bastante interessado em participar. Começamos a conversar por e-mail e combinamos a minha ida na primeira semana de aulas, quando, segundo ele, eu poderia acompanhar o grupo e conversar com seus colegas. O apoio e a disponibilidade de Ricardo se mostraram fundamentais para a realização da observação.

A fala dos estudantes, num primeiro momento entre os *veteranos*, mas logo em seguida também entre os *calouros*, evidencia um sentido para o trote que vai muito além das brincadeiras. A própria idéia de trote observada entre os estudantes do curso de veterinária na UENF está marcada por um conteúdo em que todo o conjunto de atividades classificadas como vexatórias pelos outros atores da universidade, e até mesmo da cidade de Campos, são apenas uma parte. A gozação faz parte desse processo, tanto como integrante do jogo de interação entre ambos os grupos, quanto do conjunto de jovens como um todo, o que pode ser exemplificado pela primeira parada realizada pelos estudantes no centro da cidade de Campos: a rede de lanchonetes Bob's, onde foi cantado o jingle do Mac Donalds em meio a risos gerais. Naquele momento, o alvo das gozações era externo ao grupo, mas as risadas, a brincadeira e a exposição pública um objetivo geral.

Certamente muito pode ser pensado a partir das brincadeiras realizadas e das mensagens proferidas durante o seu desenrolar, mas a todo o momento os novos estudantes são convidados a participar das atividades noturnas, são lembrados dos eventos “limpos” e da “real” motivação para que peguem dinheiro. De uma forma geral, o trote é legitimado como uma atividade de interação, tanto entre os *calouros* quanto destes com os *veteranos*, onde os estudantes têm a oportunidade de se conhecer e trocar informações sobre o curso, a universidade e, no caso dos estudantes provenientes de outras cidades, a dinâmica de moradia em república. Mesmo as críticas apresentadas, seja pelos alunos observados durante o trote, seja pelos meus entrevistados, destacam a interação, o contato entre os diferentes grupos,

como o objetivo fundamental das atividades do trote. Nesses casos, é colocada em discussão a forma como o contato é estabelecido, o tipo de atividade desenvolvida, mas não o trote como um acontecimento em si mesmo.

A declaração de Luciana é muito ilustrativa neste sentido. Ela não participou do seu trote, porque foi aprovada na reclassificação e durante a primeira semana de aulas ainda estava envolvida com os preparativos da sua mudança. Apresenta-se contrária ao trote da forma como é realizado na UENF. Critica as brincadeiras, a pintura dos corpos e o posicionamento dos *veteranos* com relação aos *calouros*. Ao mesmo tempo, defende a realização de atividades de recepção dos *calouros* que, em certo sentido, não fogem à lógica sujeira/rebaixamento social/interação entre grupos:

Acho que poderia socializar a galera, interagir, catar dinheiro pra festa? Acho. Só que poderia ser de outra forma, entendeu? Ah, bota pra catar lixo na rua, bota pra catar lixo na praia, sei lá, fazer uma coisa útil pra sociedade, entendeu? Não ficar pintando, esculachando, entendeu? Ah, é engraçado? É, mas é, pô, ridículo, né? Entendeu? É um ser humano, entendeu? Sei lá. Eu não gosto (Luciana, 20 anos).

Sua declaração ilustra o primeiro ponto problematizado neste subcapítulo: a noção de vexame, humilhação segundo a lei de regulamentação das atividades do trote. E apreendo neste sentido a coleta de lixo como uma atividade ligada ao contato com a sujeira do outro, podendo ser relacionada ao ato mais simplório e, em certos casos rebaixante, de ocupar-se com aquilo que foi considerado impuro (DOUGLAS, 1979), indigno de ser mantido por alguém. A estudante não discute necessariamente a demarcação de diferentes posições sociais entre ambos os grupos. Reclama apenas que a “afronta”, ou a “opressão”, se levada em conta a etimologia da palavra, possa ser revertida em benefícios sociais mais amplos. Catar lixo na rua é segundo sua lógica uma interessante forma de se fazê-lo. Para Luciana, a pintura dos corpos, a sujeira ou as brincadeiras não possuem sentido em si mesmos, são formas vulgares de imposição de poder; já a limpeza das ruas um meio positivado de demarcação de status.

Lídia participou do seu trote, tanto das atividades diurnas quanto das confraternizações noturnas. Apesar de destacar com veemência as atividades que mais a desagradaram, direciona a sua crítica basicamente a uma questão bem interessante: a publicização dos acontecimentos vivenciados pelo grupo de estudantes durante o trote.

Esse negócio de chupar pepino e filmar você chupando o pepino. É uma coisa que não tem nada a ver, mas o jeito que eles fazem... “Ehhhh!” Gritando, e que não sei o que. Botaram a câmera lá, e eu fui correndo pra chupar o pepino, abri um bocão pra chupar o pepino e a câmera lá me filmando. Pô, isso é ridículo, a minha mãe viu as fotos. Botaram as fotos no Orkut, a minha mãe vendo lá eu chupando o pepino, passando o grafite, chupando camisinha... Isso é chato! Minha avó viu isso, entendeu? Minha avó viu. Passando cenoura, um encoxando o outro, passando cenoura, e minha avó vendo essas fotos, entendeu? Não gostei, não gostei. **Eu fiz numa boa, mas não gostei do resultado de tudo. Não precisavam ter tirado foto e colocado uma coisa pública, que podia ter ficado só entre a gente.** Minha família toda vendo isso? Meu namorado, cara. Meu namorado ficou passado... ele botou, ele mandou pra mim um e-mail com a foto de eu chupando o pepino e ele botou embaixo: “Muito bonito” [muitos risos]. Mas é chato, cara, muito chato isso, imagina, os amigos dele vendo isso, todo mundo vendo isso. [...] Não, tranqüilo. Foi uma coisa que eu aceitei fazer, todo mundo ali tava fazendo. Pra mim tava tranqüilo (Lídia, 19 anos).

Tornar algo público implica neste caso numa definição do grupo considerado externo. A realização dessas atividades para uma platéia de desconhecidos para Lídia, refiro-me aos seus *veteranos* e novos colegas de classe, não tem grandes implicações se comparada a divulgação das imagens na internet. Neste sentido, há uma clara separação em sua declaração entre um público para o qual esse espetáculo é legítimo ou não. Ao mesmo tempo, a publicidade assume um sentido negativo apenas a partir de sua invasão em aspectos privados da sua vida.

O vexame recebe sentido através da publicização a um grupo de pessoas e não a outro. Em se tratando de um ritual legítimo aos estudantes enquanto um grupo específico e restrito, chupar um pepino durante o trote e ao alcance dos olhares dos colegas é aceitável. Permitir que pessoas de fora tomem ciência das brincadeiras realizadas ou, ainda mais gravemente, vejam, mesmo que através de fotos, o ocorrido, ultrapassa os limites do grupo e agride o próprio sentido do ritual. O alcance dessas imagens aos seus familiares representa uma indesejável invasão de sua privacidade, ferindo sua visão de si.

Procuo demonstrar como a compreensão do trote estudantil perpassa necessariamente a apreensão dos acontecimentos e representações em si mesmos, através dos atores que estão inseridos nessa dinâmica específica. Um ritual de passagem envolvendo não apenas a transmissão de saberes e a interiorização de uma nova condição social (GENNEP, 1977)

como também a construção, reconstrução e legitimação de novas identidades. Neste sentido, o caso observado entre os estudantes de medicina veterinária apresenta especificidades de grande interesse analítico para este trabalho.

4.2.2 “Sou calouro burro, escolhi veterinária. Agora eu estou na roça, não vejo mais a praia”: pertencimento e identidade.

O grupo de estudantes de medicina veterinária analisado apresenta uma preocupação clara em estabelecer diferenciação com relação aos estudantes da universidade de forma geral, processo através do qual o pertencimento ao grupo de estudantes deste curso específico se converte em um jogo de legitimação de uma identidade através de performances públicas⁷⁶ e a realização de atividades de lazer periódicas. Não será possível descrever as festividades ou encontros informais entre esses estudantes, mas me atenho neste momento à apresentação das atividades do trote, segundo suas especificidades e interessantes conteúdos. O trote demonstra claramente o processo de transmissão de códigos específicos a este grupo, além de comportamentos e saberes em geral. Mais do que as atividades propriamente ditas, o estabelecimento de novos contatos e a troca entre os diferentes conjuntos de estudantes (*veteranos* e *calouros*) é evidenciada.

O trote observado se dividiu em três dias de atividades “sujas”. Dois deles no campus universitário, de onde saíram os estudantes em direção ao centro da cidade para a coleta de dinheiro, e um na casa de um dos rapazes, às proximidades da instituição de ensino, onde em seguida ocorreu um churrasco. Este terceiro e último dia de trote foi classificado pelos jovens como trote solidário, no qual os *calouros* tiveram que dar banho em três cachorros da raça labrador, cujos donos eram alguns dos *veteranos*. Na segunda e terça-feira alguns alunos

⁷⁶ Observadas em festas abertas a estudantes de outros cursos, comumente envolvendo o canto coletivo do “Hino de

foram para “o bar do Gordo” durante a noite, o churrasco ocorreu na tarde de quarta e quinta-feira houve uma festa de república, onde pude observar a presença de parte do grupo.

Dos 35 *calouros* presentes no primeiro dia de trote, apenas dois compareceram no bar, onde pude encontrar pelo menos quinze *veteranos*, em contrapartida ao grupo de não mais que nove aplicando o trote. As atividades ocorridas nos dias posteriores apresentaram um número progressivamente reduzido de *calouros* nas atividades do trote, e ampliado nas confraternizações. De forma geral com o passar dos dias formou-se um grupo relativamente recorrente de *calouros* e *veteranos* dispostos a dar continuidade às atividades coletivas. As moças e os rapazes encontrados no bar no segundo dia do trote eram quase os mesmos presentes no churrasco realizado no terceiro e na festa ocorrida no quarto. Observei tratarem-se basicamente de jovens instalados (ou interessados em instalar-se, como era o caso de alguns dos *calouros*) em repúblicas estudantis.

Logo que cheguei ao local indicado por Ricardo, na manhã de segunda-feira, encontrei os novos alunos em fila, já pintados com guache. Não presenciei sinal algum de resistência e fui notificada de que haviam sido questionados sobre a disponibilidade em participar do trote. Portavam inscrições no corpo, indicando o curso e a universidade, além de placas de papelão com “identificações”. Ao invés de seus nomes, adjetivos usados como apelidos, conferidos pelos *veteranos* de acordo com a aparência ou o comportamento dos jovens: “Fofinha”, “Saradona”, “Certinha”, “Alzira⁷⁷”, “*porque ela tem cara de safada*” (Ricardo, *veterano*), etc. Neste primeiro momento suas identidades individuais são negadas, são transformados em “*Calouros*”, ou o “calouro V.I.P.”, e etc; segundo o apelido dado pelo grupo mais antigo. Em certos casos, estes novos nomes são de tal forma apropriados pelos colegas durante o trote que se mantêm por toda a trajetória acadêmica.

A fila organizada separadamente entre meninos e meninas indicava a primeira brincadeira do dia, e uma das mais emblemáticas para a análise que aqui se propõe. Os novos estudantes eram chamados um a um para o outro lado do prédio, onde os *veteranos* se organizavam dentro de um cercado, no qual uma grande bandeira de tecido com a inscrição “*medicina veterinária*” servia de biombo.

veterinária”, apresentado abaixo.

⁷⁷ Em referência a uma personagem de uma novela da Rede Globo de televisão. Esta personagem ficou conhecida por administrar uma vida dupla, entre os afazeres de casa e o trabalho como dançarina de Pole Dance numa casa noturna.

- “*O negócio é o seguinte: paga um boquete, ou a gente te pinta de verde*” dizia um dos *veteranos* ao som do riso dos colegas.

Após alguns segundos de espanto, o estudante respondia “*pinta de verde*”, tinha o rosto pintado com guache e era levado para uma terceira fila, distanciada dos outros *calouros*, após ser instruído a não se comunicar com os colegas. Qualquer demora em dar a resposta era alvo de mais risadas e gozações: “*Ficou na dúvida, deve querer saber em quem teria que pagar o boquete*” lançava um dos *veteranos*.

Alguns dos novos alunos, diferentemente de seus colegas, não ouviram a mesma pergunta, foram selecionados para “pagar uma prenda”, como fazer declarações de amor para um capacete, e liberados com o rosto limpo. O objetivo era fazer os *calouros* que já haviam passado pela brincadeira acreditar que os estudantes limpos teriam optado pelo sexo oral ao invés da pintura.

Após a brincadeira, os estudantes foram levados para o sol. Lá permaneceram durante toda a manhã, e foram realizadas as demais atividades. Estas foram intercaladas com ovadas, ketchup e maionese nos cabelos e, principalmente, banhos de água de peixe. A “água de peixe” tem como matéria prima fundamental a água restante do descongelamento do gelo onde os peixes são deixados em refrigeração, mais as vísceras, escamas e sobras do pescado. Os alunos *veteranos* coletam esse material com os feirantes do mercado municipal da cidade e o deixam ao sol durante dias para acelerar a putrefação. Recebi declarações de que são misturadas ao líquido outras substâncias, como excremento animal e, segundo alguns, até mesmo humano. Aproximadamente cinquenta litros da substância foram jogados nos novos alunos, apenas no primeiro dia de trote. Primeiro pelos *veteranos*, depois por eles mesmos.

Nome, idade, cidade de origem e, resposta esperada com ansiedade pelos *veteranos*, o estado civil deveriam ser informados pelos *calouros*. A dinâmica proposta foi que, após se identificar, de pé, o estudante deveria escolher um colega, derramar em suas costas boa quantidade de água de peixe e tornar a se sentar. Vale salientar que o líquido quando derramado nos cabelos e roupas assumia uma viscosidade e aspecto muito semelhante ao do vômito. O cheiro ultrapassava qualquer referência imaginável, tomando conta com o passar do tempo das narinas de todos nós, e tornando-se mais forte com a exposição ao sol. Com a promessa de que aquele era todo o conteúdo da substância preparado para o trote, os novos alunos derramavam boa dose de água de peixe em seus colegas, evitando assim que

precisassem se sujar com o líquido novamente no dia seguinte. Cochichos e expressões de nojo dos espectadores eram intercalados com interjeições e risos.

Após as apresentações, divididos em grupos, os estudantes participaram de atividades diversas organizadas em formato de gincana. Uma delas envolveu duas camisinhas repletas de leite condensado que deveriam ser sugadas pela ponta por cada fila de estudantes, um por um. Outra se tratava da passagem de um grafite escolar, boca-a-boca, por todos os alunos colocados em círculo. Uma das últimas brincadeiras do dia consistiu em uma melancia cortada ao meio, com sua poupa triturada, e repleta da água, onde os novos estudantes, um a um, deveriam mergulhar a cabeça, encontrar um pedaço de cenoura e depois “secar o rosto” num vasilhame de ração para pintinho. Nesta parte do trote, além dos rostos pintados, os estudantes tinham o cabelo sujo com ketchup, maionese e água de peixe. Naturalmente, ao colocar a cabeça na melancia, parte do líquido se juntava a fruta, que seria posteriormente abocanhada por outro estudante. Mais do que risos, essa atividade foi observada com asco por boa parte dos jovens presentes. Em contrapartida, não houve resistência dos *calouros* quanto à participação em nenhuma das brincadeiras, por mais que em um momento ou outro possam ter feito comentários sobre a nojeira, o cansaço ou o calor.

Após mais de quatro horas ao sol, sujos e cansados, os estudantes foram levados ao centro da cidade para a coleta de dinheiro. Parte do grupo se dispersou, alegando cansaço, fome, ou que pagariam a cota da *choppada* do próprio bolso; e outra parte seguiu a pé até as ruas centrais de Campos. Ressalto que um dos pés dos calçados dos *calouros* havia sido recolhido logo pela manhã, o que os obrigou a caminhar com o pé descalço por aproximadamente quatro quilômetros ao sol do meio dia. Parte dos *veteranos* seguiu conosco, outra parte pegou um ônibus. Lá o grupo se dividiu, tendo sempre um dos antigos estudantes como guia dos recém-chegados.

Curiosamente, observei muitos dos antigos alunos se pintando com guache para coletar dinheiro junto com os *calouros* no centro da cidade. Nesta época do ano, pedir dinheiro apresenta-se como alternativa de obtenção de renda extra também para eles. Pude observar vários pelas ruas, misturados aos *calouros*, pedindo dinheiro como se estivessem também tomando trote. Ricardo foi um deles e eu acompanhei o seu grupo de seis moças pelo centro da cidade. Os *veteranos* esperavam conseguir R\$50,00 de cada *calouro* já no primeiro dia, de uma cota de R\$80,00 que previa o pagamento dos gastos com o trote, a *choppada* e a

calourada de veterinária. O grupo de Ricardo superou as expectativas.

Foram mais cinco horas de trote e durante boa parte do tempo a coleta de dinheiro se deu embaixo de chuva. O grupo parou apenas por volta de 13h30min da tarde, para lanchar. Retornamos para o Parque Califórnia de ônibus, sob olhares espantados e caras de nojo dos outros passageiros. O cheiro das meninas foi o comentário principal de todo o grupo durante o dia.

O convívio entre os jovens envolveu conversas sobre a dinâmica universitária, locais para morar, a organização das moradias e o próprio trote. O discurso do *veterano*, consciente da minha presença, oscilou entre mensagens de incentivo e promessas de punição caso a quantia não fosse obtida: “*você vai ser excluída da festa*” dizia Ricardo.

Há uma mudança clara na forma como se relacionam *calouros* e *veteranos* durante o tempo em que pedem dinheiro. Ao invés de gozações ou demonstrações autoritárias de poder, o contato assume um caráter de parceria, onde atingir uma meta comum: o recolhimento do dinheiro, assume importância chave. Ao mesmo tempo, os estudantes aproveitam para trocar informações práticas sobre a dinâmica do curso, a universidade, a cidade de Campos e a instalação em moradias coletivas; além de falar sobre assuntos pessoais. Assim também as posições diferenciadas são progressivamente suavizadas, convertendo-se em um clima progressivamente mais igualitário. O papel do *veterano* observado assumiu paulatinamente o de um colega, protetor e companheiro, características que a tenderam dominar sutilmente as relações entre novos e antigos alunos nos dias posteriores. E que também abriram espaço para posicionamentos mais ativos dos *calouros*.

Com o cansaço, apareceram as primeiras indagações das meninas quanto às brincadeiras realizadas desde a manhã. Qual é o sentido do trote? Dialogam eles mesmos:

- Eu acho que é vingança, não tem esse negócio de consciência, não tem lógica nenhuma, é hierarquia - respondeu Ricardo com ironia.

- Eu não tenho coragem de fazer isso com os próximos- comentou uma das meninas.

- Não tenho nada contra você, preciso descontar meu ódio - completou o rapaz. Depois fica todo mundo amigo. O cara que mora comigo foi meu *veterano*, me deu trote e depois fomos morar juntos.

No dia seguinte já encontro as meninas pintadas e sentadas ao sol por volta das nove da manhã. Enquanto isso os cabelos dos rapazes eram cortados no banheiro. Não pude acompanhar de perto, já que o grupo estava dentro do banheiro masculino. O corte foi feito com máquina, eliminando apenas parte dos cabelos. Depois os garotos tiveram parte da perna depilada com cera fria. Observei dezoito alunos recebendo trote neste dia, e nove *veteranos* aplicando, além dos observadores. Alguns dos novos estudantes permaneciam limpos, como premiação por terem comparecido ao bar no dia anterior.

Os estudantes apresentavam sinais de cansaço e foram mais resistentes a participar de determinadas brincadeiras. “Alzira”, nomeada insistentemente para que “dançasse no poste”, preferiu levar ovadas no corpo e cabelo. A “*caloura rádio*” cantou algumas músicas, mas logo se rendeu aos ovos. As ovadas, nessas situações, foram utilizadas como punição por resistir à brincadeira proposta, sendo recebidas sem reclamações pelos estudantes.

Duas das meninas que acompanhei no dia anterior durante a coleta de dinheiro não participaram do trote, passaram por nós limpas, alegando estarem resolvendo problemas burocráticos. Uma delas apresentava fortes irritações na pele, excessivamente queimada pelo sol e aparentando reação alérgica a alguma das substâncias utilizadas no dia anterior. O diálogo entre ela e Ricardo se seguiu calmamente. A moça disse ter ido ao posto de saúde e sentido febre por conta das feridas, mas que naquele momento já estaria “tudo bem”. Os comentários em momento algum evidenciaram qualquer tipo de queixa a Ricardo. O rapaz as “liberou” do trote e aconselhou-as a ir ao centro depois do almoço para terminar de coletar o dinheiro. O único retardatário surgido no segundo dia de trote participou normalmente das atividades, assim como os alunos presentes desde o dia anterior.

O segundo dia foi marcado por um clima mais conflitivo entre os dois grupos. Ao invés da sujeira e da gincana observadas no primeiro dia, os novos alunos foram levados para um passeio ao hospital veterinário. Mais uma vez realizaram as atividades com tranquilidade, mas o corre-corre e as horas ao sol foram substituídos por brincadeiras mais “leves”. E toda a sujeira observada anteriormente se limitou na terça-feira ao ketchup nos cabelos. Fisicamente abatidos pelas atividades da segunda-feira, os novos alunos foram questionadores e resistentes, incitando a reação dos *veteranos*: “*Que isso? Calouro ta chorando? Porque veio então, calouro?*” (Ricardo, *veterano*). Foi possível observar que mais do que a participação

dos novos estudantes, os *veteranos* esperam que isso se dê sem grandes problemas. Por mais que declarem em determinados momentos a satisfação em ver o quanto determinada atividade irrita, cansa ou incomoda dos *calouros*, demonstrações de bom humor são especialmente valorizadas nos novos colegas durante as atividades do trote.

Organizados em procissão, os novos estudantes foram parados em frente à placa de identificação do prédio onde acontecem grande parte das atividades do curso de medicina veterinária e um deles teve que fazer uma oração ao CCTA. Em grupo, os *calouros* foram organizados atrás de um dos colegas que carregava um ovo em suspenso: “São ovo⁷⁸”. “*Todo mundo feliz, sorrindo*”, diziam os *veteranos*.

Às 10h30min as brincadeiras são encerradas e o grupo caminha para o ponto de ônibus. O objetivo era retornar ao centro para a coleta de dinheiro. Parte dos *calouros* não havia participado no dia anterior, parte precisava cumprir a cota de dinheiro para a *choppada* e outros pretendiam coletar dinheiro para si mesmo. Poucos *veteranos* os acompanharam e pude observar o grupo de jovens pintando-se pessoalmente: “*É, bota UENF no braço*” uma das estudantes disse para a outra.

O terceiro dia de trote teve início apenas no meio da tarde. Pela manhã as atividades foram suspensas. Os *calouros* tinham aula e alguns dos *veteranos* envolvidos na organização do trote estavam inscritos pela segunda vez na mesma disciplina. O grupo seguiu em conjunto para a sala de aula. Após o almoço, nos reunimos no “bar do Gordo” para então caminhar até a casa de um dos *veteranos*, onde ocorreu o “trote solidário” e, posteriormente, um churrasco. Relato o seguinte diálogo:

- Tipo: no primeiro dia tudo bem, pegar pesado, fazer as coisas, tal... Tradição. Mas o verdadeiro trote é esse” [o churrasco] (Ricardo, *veterano*).
- Eu tava com muito medo do trote, muito medo, mas, tipo, eu achei muito legal... Tudo bem, água de peixe e tal, mas foi maneiro (Amanda, *caloura*).
- Tudo que eu menos gostei no meu é o que eu quero fazer (Rosane, *caloura*).
- É, a gente sempre tenta melhorar o trote, as coisas que eu menos gostei eu quis fazer (Letícia,

⁷⁸ Leia-se “Santo Ovo”.

veterana⁷⁹).

- Pô, eu sou muito nojenta, tava com mó medo de vomitar e, na boa, se eu vomitasse, iam uns sete atrás, na boa. [...] O ovo entra na calcinha, e não adianta nada tirar a casca, a gema é o pior [...] no meu trote vai ter bosta de vaca, vai ter! (Rosane, *caloura*)

Considero a minha presença no grupo, e a consciência ao menos parcial dos estudantes com relação aos meus objetivos, de grande relevância para a compreensão da dinâmica apresentada. Teria sido assim caso não estivesse presente? Eis uma pergunta sem resposta. Certamente a mediação de Ricardo, subordinada aos esclarecimentos que precisei dar a ele sobre a pesquisa, foi necessária para a realização das atividades de campo. Nos primeiros minutos do primeiro dia do trote, olhares incisivos dos estudantes *veteranos* se voltaram contra mim. Não sei se teria chegado a ser expulsa caso Ricardo não interferisse, me apresentando aos colegas. Mas dificilmente teria conseguido conversar com as pessoas, e até mesmo acompanhar o grupo.

Independente dessas suposições, por mais que possam ter modificado o seu comportamento por causa da minha presença, os dados obtidos são extremamente interessantes para a análise que aqui se propõe. Vê-se que, por mais divergentes que possam ser as opiniões de ambos os grupos com relação às atividades propostas, e apesar da progressiva diminuição da tolerância dos novos alunos com relação às atividades sujas do trote com o passar dos dias, sua participação é garantida acima de tudo pela disponibilidade pessoal.

Mesmo os entrevistados que não participaram do trote, nem como *calouros*, nem como *veteranos*, não foram alvo de punições de tipo algum por seus *veteranos*. Em certos casos o simples temor do isolamento apresenta-se como motivação suficiente para a participação. E, em certo sentido, a integração posterior dos estudantes não presentes na primeira semana é mesmo dificultada. E não devido à resistência dos colegas ou um posicionamento consciente em resposta a sua ausência, mas à própria conjuntura de interação estabelecida a partir das atividades realizadas já no primeiro momento. O aluno que chega uma semana depois

⁷⁹ Letícia me acompanhou ao churrasco, já que é aluna veterana do curso de veterinária. Meses depois foi selecionada para

vivencia um anonimato já superado, mesmo que parcialmente, pelos colegas:

Aí no começo, porque assim, a minha turma só tem oito meninas comigo, então uma panela se formou, aí eu fiquei meio isolada das meninas. Depois de um tempo que eu fui fazendo amizade com os meninos, e hoje em dia eu já falo com todo mundo. Mas o primeiro período foi chato pra mim, com esse negócio das meninas não... Eu não me dava bem com as meninas (Juliana, 21 anos).

É possível que o caso da turma de veterinária apresente especificidades ainda mais problemáticas nesse sentido. O trote demonstrou nesse caso apresentar-se como um processo que envolve a apreensão de conhecimentos e comportamentos ainda mais aprofundados. Mais do que conhecer a universidade e os novos colegas os jovens são iniciados no mundo particularizado dos estudantes de veterinária, com seus conteúdos e símbolos de distinção específicos.

Assim como o nome da universidade é lembrado, e a sua importância como uma instituição pública de ensino, os estudantes observados se expressam enquanto estudantes do curso de veterinária, um dos mais concorridos na UENF: “*Veterinária, vestibular público, porra!*” (Ricardo, *veterano*). Durante o trote observado, os *calouros* são incentivados a cantar ou gritar segundo o direcionamento do grupo de *veteranos*. Presenciei em outras ocasiões o canto de músicas infantis de conhecimento geral, gritos de guerra, etc. Mas este grupo especificamente apresentou um pequeno repertório de músicas que era entoado pelos *veteranos* e ensinado aos *calouros*. Destes um dos mais interessantes constitui-se em um conjunto de quatro estrofes cujo conteúdo é bem específico ao momento do trote: “*Sou calouro burro, escolhi veterinária, agora eu to na roça, não vejo mais a praia*” (autor desconhecido).

Não pretendo analisar o conteúdo simbólico das canções, mas algumas observações são fundamentais no que se refere a esses versos. Eles evidenciam um conteúdo recorrente ao ritual. Em primeiro lugar, reforçam a premissa de que o *calouro* é desprovido de conhecimento. Acaba de chegar à universidade, o que o coloca em situação de desvantagem com relação aos *veteranos*, apresenta-se, portanto, em posição inferior na “hierarquia” acadêmico-estudantil. Ao mesmo tempo, esta idéia pressupõe que o *calouro* precisa aprender.

Aprender o que? Aprender com quem? São questões que me parecem fundamentais. O verso seguinte marca a sua diferenciação interna com relação aos outros alunos da UENF: “escolhi veterinária”.

Em seguida temos as duas estrofes finais, que agregam a mesma mensagem e evidenciam outro elemento de diferenciação: a origem. Um dos distritos da cidade de Campos dos Goytacazes possui sim praia, a menos de meia hora de viagem. Ao classificarem o novo espaço urbano que passam a ocupar após a entrada na universidade como “roça”, o fazem em oposição ao que compreendem como um grande centro urbano, possivelmente relacionando Campos à capital do Estado do Rio de Janeiro que seria, portanto, sua origem real ou ideal. Ao entoar estas quatro estrofes os estudantes clamam por uma identidade específica em relação aos alunos não-campistas e, através de sua performance, estabelecem mais uma diferenciação.

O mesmo conteúdo de caráter regional também está presente no “Hino” de veterinária:

Cachaça Cerveja birita e muito louvor
 Viemos nessa porra pra botar muito terror
Rio de Janeiro chegou pra dominar
 E os figurantes são apenas BLA BLA BLA
 BLA BLA BLA de cu é rola senta aqui e da um grito
 Tapete vermelho esta passando o novo mito
 Sou da UENF e bebo até cair
 Se você não agüenta PEDE PRA SAIR!
 Veterinária muita disposição
 Zoa pra caralho e vai descendo ate o CHÃO
 CHÃO CHÃO CHÃO CHÃO CHÃO CHÃO (autor desconhecido, grifos meus)

Neste caso, a referência à cidade do Rio de Janeiro é feita de forma direta, indicando senão o endereço de origem dos estudantes, seu ponto de referência de origem. Ao mesmo tempo, vale ressaltar que, apesar de se identificarem com a capital carioca, grande parte dos estudantes é originária de outras cidades. Não cabe aprofundar minhas reflexões quanto a esses dados, objetivo apenas demonstrar alguns dos meios através dos quais as identidades juvenis são construídas na relação com os grupos de estudantes recém-chegados, e

apresentadas aos outros. O caso específico do grupo de estudantes de veterinária acompanhado no trote apresenta como diferencial o empenho declarado de reforçar sua diferenciação identitária dentro mesmo da dinâmica acadêmica, através de performances propriamente ditas observadas também em outras situações. O trote implica, portanto, no momento de transmissão aos novos alunos desses conteúdos identitários específicos.

Segundo o discurso dos estudantes sobre o trote há uma complementaridade entre as diferentes atividades ocorridas na primeira semana de aulas. O estar junto é um meio de garantir a continuidade da relação. Por mais que as atividades sujas sejam para eles o trote propriamente dito, a sujeira é um elemento fundamental para que peçam dinheiro. E é esmolando pelas ruas que os estudantes coletam o dinheiro necessário para a sua participação nas atividades de lazer gerais.

Segundo o observado, a sujeira evidenciaria toda a humilhação sofrida durante o trote, representando os “sofrimentos” vivenciados desde o preparo para o vestibular e a conquista da vaga em uma universidade pública, e sensibilizando assim os passantes. Daí a importância de manter o nome de universidade sempre pintado no rosto ou braços e do uso de um aspecto imundo e cansado como estratégias para pedir dinheiro, acionadas pelos próprios *veteranos*.

As relações no trote se dão em uma atmosfera de conflito iminente, em que o jogo está, de certa forma, marcado pelo desafio de colocar à prova os limites do outro. E tal relação só é possível a partir do reconhecimento por ambos os grupos em oposição (*veteranos* e *calouros*) de um sistema de hierarquia em que os primeiros detêm conhecimento e o poder de transmiti-lo, assim como demonstrei acima. O conflito é um elemento fundamental para o estabelecimento do primeiro contato, integrante e integrador, onde são criadas e recriadas representações e identidades. Através da superação de desacordos, são aprofundadas as relações e reconhecidas as individualidades dos outros (SIMMEL, 2006). Conflito este que se torna um meio de estabelecimento de ideais comuns e aprofundamento das relações com o passar do tempo, culminando rapidamente com uma mudança nas relações.

Assim são estabelecidos sentidos não apenas para a atividade realizada coletivamente, como também para os limites auto-conferidos durante o estabelecimento dessas relações. Não se pode falar nesse caso em vexame, humilhação ou publicização senão a partir das apreensões desses mesmos atores com relação a essas noções, e o referencial tomado por eles ao aplicar tais classificações.

A disponibilidade em sujar o próprio corpo com líquidos mal cheirosos e possivelmente até mesmo tóxicos cujo conteúdo real é desconhecido talvez não pudesse ser pensada nem mesmo por esses sujeitos senão no contexto específico em que ocorrem as atividades do trote. Assim como o próprio estabelecimento de hierarquias entre estudantes em diferentes níveis de formação tende a flexibilizar-se até mesmo ao seu esgotamento em um rápido período de tempo. Como se fosse necessário reconhecer o desconhecimento (assumir a identidade de “*calouro burro*”) para que se possa pedir auxílio, e demarcar posições sociais para então estabelecer parcerias.

O caso analisado ainda apresenta a especificidade de uma encenação do processo de transmissão de um estilo de vida, interiorização de uma nova e fluida identidade. Processo este que depende não apenas da agregação dos novos alunos no corpo mais amplo de estudantes de veterinária da UENF, como também sua iniciação nos rituais performáticos que virão a garantir a marcação das diferenciações sociais com relação aos outros jovens inseridos no contexto mais amplo da universidade.

Considerações Finais - Para ser e crer é necessário aparecer.

Os jovens estudantes da UENF moradores de repúblicas universitárias vivenciam experiências particulares em contextos de sociabilidade extremamente interessantes. Mais do que as transformações práticas com as quais precisam se deparar a partir da entrada no ensino superior, mudanças subjetivas significativas apresentam-se como aspectos fundamentais para a compreensão das novas identidades que constroem.

O afastamento da família restrita, a adaptação ao novo espaço urbano e a formação de moradias coletivas, além da inserção na própria dinâmica institucional são os elementos base através dos quais busquei mapear o processo de construção e legitimação de identidades por esses grupos de jovens. Foi analisado neste contexto o estabelecimento de novas relações, em paralelo a mudanças progressivas das relações intra-familiares, culminando com a formação de redes. Através de grupos de sociabilidade, esses estudantes têm a possibilidade de reconstruir, ou re-significar a si mesmos, ao mesmo tempo em que tem a sua individualidade e autonomia socialmente legitimada de forma progressiva.

A instituição universitária neste caso se coloca como um dos atores principais com os quais esses jovens virão a se relacionar neste novo ambiente, apresentando uma dinâmica organizacional muito peculiar. A partir dela é estabelecido um ritmo e são potencializados contatos diferenciados entre funcionários técnicos, professores e alunos graças ao considerável número (e os diferentes tipos) de bolsas disponibilizadas aos estudantes. Dessa forma é possível o estabelecimento de relações em diferentes níveis hierárquicos, não simplesmente mestres e aprendizes, em certos casos também parceiros de pesquisa ou companheiros de laboratório.

As especificidades apresentadas pela UENF, em conjunto com as características do bairro no qual está localizada, bem como da cidade de Campos dos Goytacazes, de forma mais ampla, levam a tendência não apenas de afastamento familiar de jovens originários de cidades relativamente próximas à instituição de ensino, como também de sua concentração geográfica nos entornos da universidade. Reunidos num espaço relativamente pobre em opções de lazer e oferta de serviços, os estudantes constroem para si estilos de vida típicos,

diferenciados dos jovens nativos campistas e marcados por eventos igualmente específicos. Ambos os grupos estabelecem neste contexto redes de relações paralelas, cujo contato não se apresentou significativo para o estabelecimento de grupos mistos de sociabilidade entre os estudantes entrevistados para a pesquisa.

Através de minhas redes pessoais de relações, foi identificado um grupo amplo, diversificado e muito dinâmico de jovens, uma verdadeira rede de relações em que os integrantes de diferentes moradias coletivas mantêm-se em contato, direta ou indiretamente. Coletivamente, são construídas e legitimadas identidades a partir do compartilhar de experiências e de um sentimento de pertencimento ainda mais pontual do que o vínculo institucional.

Assim também me propus a analisar os casos da república Climax e dos estudantes do curso de veterinária. Ambos os grupos buscam insistentemente e através de diferentes estratégias diferenciar-se socialmente dentro do conjunto de estudantes da UENF de forma geral, seja em relação aos integrantes de repúblicas ou aos estudantes dos demais cursos oferecidos pela universidade. Amplamente, mesmo no caso dos alunos do curso de veterinária, a experiência de afastamento familiar é um elemento marcante para a participação desses diferentes jovens nessa dinâmica. Não apenas devido ao fato de boa parte dos estudantes de veterinária ser originária de outras cidades, como também dadas as diferentes possibilidades de ação abertas a esses jovens, em comparação àqueles que permanecem morando com seus familiares. Assim torna-se potencializada sua capacidade de estabelecimento de um novo estilo de vida e comportamento, marcada pela diferenciação prática mais elementar: o afastamento geográfico da autoridade familiar.

O uso repetitivo e insistente de proposições, marcas de diferenciação que seguem desde vestimentas até vocabulário, comportamento, etc, mais do que descrever tem o poder de produzir realidades, produção esta que se dá pela “exposição” de uma imagem construída sobre si mesmo, muitas vezes marcada pelo exagero ou pela quebra com padrões (SILVA, 2000). Na relação com o outro ambos os grupos “criam” para si identidades específicas e, através de práticas coletivas envolvendo não apenas um estilo de vida peculiar, como também estratégias claramente identificáveis de diferenciação, encenam publicamente (em referência neste caso aos atores não inseridos no grupo) suas novas identidades: “[...] a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo”

(SILVA, 2000: p. 96).

Para José Machado Pais (2006) posicionamentos performáticos têm como objetivo a superação das incertezas e riscos enfrentados em um mundo de identidades plurais e heterogêneas em si mesmas, e envolvem uma tendência à valorização do lúdico, sobretudo entre “culturas de margem”, como grupos juvenis. Estes têm que lidar com seu caráter transitório como obstáculo para a conquista de reconhecimento por parte dos outros grupos. Os casos analisados podem ser considerados emblemáticos neste sentido. Envolvem não apenas a adaptação de grupos de jovens a um ambiente completamente novo, como também a necessidade com que têm que lidar com o caráter transitório de sua permanência. Transitoriedade dada pela ambiguidade apresentada pela casa familiar tomada ao mesmo tempo como ponto de referência pessoal e paradoxo ao processo de construção de suas individualidades; além da incapacidade da nova moradia em apresentar-se como espaço legitimado de habitação. Por outro lado, transitoriedade instaurada pela própria trajetória estudantil, finita e superável.

A fluidez progressiva apresentada pelas estruturas sociais de uma forma geral, inconstâncias, descontinuidades e reversibilidades características de sua condição juvenil e até um certo pessimismo com relação ao alcance de objetivos práticos levam a uma busca por identificação como tradução a uma busca de si. E a opção por um posicionamento exagerado, que foge ao usual, pela transgressão de normas e padrões de comportamento fortemente legitimados, como um meio de estabelecer tais contatos e dar prosseguimento com a construção de uma cultura própria, mas que, no fundo, reclama por reconhecimento e inclusão social.

Referências Bibliográficas

ABRAMO , Helena Wendel. “Contexto Histórico e condição juvenil”. In: _____. *Cenas Juvenis. Punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta, 1994.

ALMEIDA, Loriza Lacerda de. A juventude universitária e a nova sociabilidade: continuidade ou ruptura? *VII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*. Coimbra, 2004.

_____. “‘Zoar’ e ‘Ficar’: novos termos da sociabilidade jovem.” In: ALMEIDA, Maria Isabel de. E EUGÊNIO, Fernanda (Orgs.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

ARIÉS , Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A., 1981.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade - entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BLANC, Manuela. *Ampliando Horizontes: jovens universitários e a (re) construção de valores a partir da vivência em moradias coletivas*. Monografia (bacharelado) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Centro de Ciências do Homem, 2006.

BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis, Vozes, 1976.

BOTT, Elizabeth. Family and social network. Roles, norms, and external relationships in ordinary urban families. Second edition. London: Tavistock Publications, 1971

BOURDIEU , Pierre. “Gostos de classe e estilos de vida”. In: ORTIZ, Renato (Org.). *Coleção Grandes Cientistas Sociais – Bourdieu*, nº 39. São Paulo: Ática, 1983.

BRANDÃO, Elaine. *Individualização e vínculo familiar em camadas médias: um olhar através da gravidez na adolescência*. Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social, 2003.

_____. Gravidez na adolescência nas camadas médias: um olhar alternativo. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de.; EUGENIO, Fernanda. (Orgs.) *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

_____. *Revelação da gravidez na adolescência em famílias de camadas médias: tensões e dilemas*. In: HEILBORN, Maria Luiza et all (Orgs.) *Sexualidade, família e ethos religioso*. Rio de Janeiro: Garamound, 2005.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Vol. II. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CICCHELLI, Vincenzo. Individualismo e formas de apoio: entre lógica incondicional e personalização da parceria intergeracional. In: PEIXOTO, Clarice; CICCHELLI, Vincenzo SINGLY, François (Orgs.). *Família e Individualização*. Tradução de Angela Xavier de Brito. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2000.

COELHO, Maria Claudia. *O valor das intenções: dádiva, emoção e identidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006b.

DOUGLAS, Mary. *Purity and Danger: an análisis of the concepts do pollution and taboo*. London: Routledge & Kegan Paul Limited, 1979.

ELIAS, Norbert. *La civilización de los padres*. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 1998.

ERIKSON, Erik H. *Identidade, juventude e crise*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

GALLAND, Oliver. *Sociologie de la jeunesse*. Paris: Armand Colin, 1997.

GENNEP, Arnold Van. *Os ritos de passagem: estudo sistemático da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez, parto, nascimento, infância, noivado, casamento, funerais, estações, etc*. Petrópolis: Vozes, 1977.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: La identidad deteriorada*. 5º Ed. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1982.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da.; WOODWARD, Kathryin; HALL, Stuart (Orgs.). *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000.

LEAL, Ondina; FACHEL, Jandyra M. G. Jovens, sexualidade e estratégias matrimoniais. IN: HEILBORN, Maria Luiza (Org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*. Lisboa/São Paulo: Martins Fontes, 1981.

LHOMOND, Brigitte. Sexualidade e juventude na França. IN: HEILBORN, Maria Luiza (Org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Jovens paulistanos: formas de uso e apropriação do espaço urbano na metrópole. In: ROCHA, Everardo; ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de.; EUGENIO, Fernanda (Orgs.). *Comunicação, consumo e espaço urbano: novas sociabilidades nas culturas juvenis*. Rio de Janeiro: PUC-RIO, Mauad Ed., 2006.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: _____ . *Sociologia e Antropologia*. V. II. São Paulo: Edusp, 1974.

MONTEIRO, Simone. Gênero, sexualidade e juventude numa favela carioca. IN: HEILBORN, Maria Luiza (Org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

MÜLLER, Elaine. Palavras nunca voltam vazias: reflexões sobre classificações etárias. IN: ALVIM, Rosilene; QUEIROZ, Tereza e FERREIRA Jr., Edísio (Orgs.) *Jovens e Juventudes*. João Pessoa: Editora Universitária – PPGS/UFPB, 2005.

NOVAES, Regina. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença? In: ABRAMO, Helena Wendel e BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). *Retratos da Juventude Brasileira – Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (Orgs.). *Culturas juvenis: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

PEIXOTO, Clarice e CICCHELLI, Vincenzo. Apresentação. In: PEIXOTO, Clarice; CICCHELLI, Vincenzo SINGLY, François (Orgs.). *Família e Individualização*. Tradução de Angela Xavier de Brito. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2000.

PEIXOTO, Clarice et all. *Trajectoires de jeunes de Rio de Janeiro. Diversités et enjeux sociaux*. In: AMADOU M.; KLISSOU P. e TABUTIN T. *Villes du Sud. Dynamiques, diversités et enjeux démographiques et sociaux*. Québec, 2007.

REICHERT, Claudete Bonatto; WAGNER, Adriana. Autonomia na adolescência e sua relação com estilos parentais. *Revista PSICO*, v. 38, n° 3, pp. 292-299. Set./dez. 2007.

REZENDE, Claudia Barcelos. Identidade: o que é ser jovem? *Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 240, p. 2-4, 1989.

_____. *Os significados da Amizade: duas visões de pessoa e sociedade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

_____. Saudades do Brasil? Identidade nacional sob o prisma da antropologia das emoções. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 5, p. 117-127, 2006a.

_____. “Como tabula rasa”: intercâmbio no exterior e construção de identidade juvenil. In: ROCHA, Everardo; ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de.; EUGENIO, Fernanda (Orgs.). *Comunicação, consumo e espaço urbano: novas sociabilidades nas culturas juvenis*. Rio de Janeiro: PUC-RIO, Mauad Ed., 2006b.

_____. Identidade e Contexto: algumas questões de Teoria Social. In: Bib – *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*. São Paulo, n° 64, pp. 29 – 41, 2007a.

_____. Gifts of food: sociability and friendship among English middle class people. *Revista Vibrant (Online)*, v. 04, p. 05-26, acessado em janeiro de 2009: www.vibrant.org.br, 2007b.

RIBEIRO, Adélia Miglievich; MATIAS, Glauber Rabelo. A universidade necessária em Darcy Ribeiro: notas sobre um pensamento utópico. *Revista Ciências Sociais Unisinos*, ano/vol. 42, n° 003, pp. 199-125. São Leopoldo: UNISINOS, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____;—WOODWARD, Kathryin; HALL, Stuart. (Orgs.) *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

SINGER, Paul. A juventude como coorte: uma geração em tempos de crise social. In: ABRAMO, Helena Wendel e BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). *Retratos da Juventude Brasileira – Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

SINGLY, François de. Prefácio. In: PEIXOTO, Clarice; SINGLY, François de; CICCHELLI, Vincenzo (Orgs.) *Família e individualização*. Tradução de Angela Xavier de Brito. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

_____. *Sociologia da Família Contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

TAVARES, Fátima Regina Gomes et al. Crenças e pertencas, moral e sexualidade na juventude mineira. In: *NUMEN Revista de estudos e pesquisas da religião*. V.7, n. 1 (1º sem. 2005). Juiz de Fora: Editora UFJF, 2004.

TRACY, Kátia Almeida. Nomadismos metropolitanos. In: ROCHA, Everardo; ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de.; EUGENIO, Fernanda (Orgs.). *Comunicação, consumo e espaço urbano: novas sociabilidades nas culturas juvenis*. Rio de Janeiro: PUC-RIO, Mauad Ed., 2006.

WOODWARD, Kathryn. Identidade: uma introdução teórica e conceitual. IN: _____. SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart. (Orgs.) *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000.

VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

_____. Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea. In:

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de.; EUGENIO, Fernanda. (Orgs.) *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

VIANNA, Hermano. (Org.) *Galerias cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

VON DER WEID, Olivia . Gênero, corpo e sexualidade: um estudo antropológico sobre a troca de casais. *Revista Ártemis*, v. Nº5, p. 1-15, 2006.